

BLAKE PIERCE



RAZÃO
PARA
MATAR

UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO I



RAZÃO PARA MATAR

(UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 1)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é autor do bestseller RILEY PAGE, série de mistérios, que inclui os suspenses SEM PISTAS. Blake Pierce também é o autor das séries de mistérios MACKENZIE WHITE e AVERY BLACK.

[SEM PISTAS](#), que tem mais de 100 avaliações de 5 estrelas, está disponível gratuitamente para download no Amazon!

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de mistério e suspense, Blake ama ouvir opiniões. Então, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e manter-se em contato.

Copyright © 2016 by Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este ebook está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este ebook com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este ebook e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright miljko, usada sob licença de iStock.com

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE DE MISTÉRIOS RILEY PAGE
SEM PISTAS (Livro 1)

SÉRIE DE MISTÉRIOS MACKENZIE WHITE
ANTES QUE ELE MATE (Livro 1)

SÉRIE DE MISTÉRIOS AVERY BLACK
RAZÃO PARA MATAR (Livro 1)

ÍNDICE

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA

PRÓLOGO

Era quase impossível para Cindy Jenkins deixar a festa de primavera de sua irmandade no Atrium. A cobertura enorme tinha sido decorada com luzes estroboscópicas, dois bares completos e uma bola de cristal estelar, que piscava no salão de dança, repleto de pessoas festando. Ao longo da noite, ela tinha dançado sozinha, e também com todo mundo. Parceiros vieram e foram, e Cindy balançava seu cabelo ruivo e direcionava um sorriso perfeito e um olhar cor de céu para qualquer dançarino que aparecia. Esta era a *sua* noite, uma celebração não apenas para o orgulho das Kappa Kappa Gamma, mas para todos os anos em que ela se esforçou para ser a melhor.

Seu futuro, ela sabia, estava garantido.

Pelos últimos dois anos, ela tinha estagiado em uma grande contabilidade na cidade. Recentemente, a empresa ofereceu a ela uma promoção para contadora júnior. O salário inicial seria suficiente para comprar um elegante guarda-roupa novo, além de poder pagar um apartamento a apenas algumas quadras do trabalho. Suas notas? As mais altas da turma. Claro, ela poderia aliviar até a formatura, mas Cindy não entendia a palavra “aliviar”. Ela dava de tudo, todos os dias, não importa o que ela estivesse fazendo. Trabalhar duro para se divertir muito, esse era seu lema. E naquela noite, ela queria se divertir.

Outra taça de *Dreamy Blue Slush*, um drink altamente alcoólico, outro brinde com as Kappa Kappa Gamma, outra dança, e Cindy não tirava o sorriso do rosto. Nas luzes estroboscópicas, ela se movia em câmera lenta. Seu cabelo ia e voltava, enquanto ela olhava para um garoto que, ela sabia, queria beijá-la há anos. *Por que não?* Pensou. Só um beijinho, nada sério. Nada que arriscasse seu atual relacionamento, apenas o suficiente para que todo mundo na festa soubesse que ela não era *sempre* “a garotinha tipo A que segue todas as regras”.

As amigas olharam e brindaram, aprovando a ideia.

Cindy então foi em direção ao garoto. As consequências da dança, do álcool e do calor tinham finalmente chegado. Ela foi apagando aos poucos, ainda sorrindo, e segurou no pescoço do garoto para que não caísse.

- Você quer ir para minha casa? – ele sussurrou.

- Eu tenho namorado.

- Cadê ele?

É verdade, pensou Cindy. *Onde está Winston?* Ele odiava aquelas festas da irmandade. *Apenas um monte de garotas que se acham ficando bêbadas e traindo seus namorados*, ele sempre dizia. *Bom*, pensou, *acho que eu finalmente concordo!* Beijar um cara enquanto já estava comprometida com outro foi provavelmente a

coisa mais fora da lei que ela já tinha feito.

Você está bêbada, lembrou a si mesma. *Saia daqui*.

- Tenho que ir – murmurou.

- Mais uma dança?

- Não – ela respondeu. - Sério, tenho que ir.

Contrariado, o garoto aceitou. Olhando apaixonadamente para a popular veterana de Harvard, ele voltou para o meio da multidão e deu tchau com as mãos.

Cindy colocou uma mecha de cabelo suado atrás da orelha e saiu da pista de dança, com os olhos baixos e uma alegria radiante no rosto. Sua música favorita começou a tocar e ela saiu na direção contrária à multidão.

- Não! – suas amigas lamentaram, quando viram que ela estava tentando ir embora.

- Onde você está indo? – uma delas perguntou.

- *Para casa* – ela insistiu.

Rachel, sua melhor amiga, passou a frente das outras e segurou as mãos de Cindy. Morena, baixinha, ela não era a mais bonita nem a mais inteligente do grupo, mas sua natureza sexual agressiva geralmente fazia dela o centro das atenções. Ela vestia um simples e acanhado vestido prata, e a cada movimento, seu corpo parecia pronto para sair da roupa.

- Você *NÃO-PODE-IR!* – Ela ordenou.

- Eu estou *muito* bêbada – respondeu Cindy.

- Nós ainda nem fizemos nossa pegadinha de 1º de abril! Esse é o auge da nossa festa! Por favor! Fique mais um pouquinho!

Cindy pensou no seu namorado. Eles estavam juntos por dois anos. Naquela noite, eles teoricamente iriam se encontrar mais tarde, depois da festa, no apartamento dele. Ela lamentou internamente o beijo na pista de dança. *Como eu vou explicar isso?*

- Sério, eu *tenho* que ir. – Apelando para a natureza erótica escandalosa de Rachel, ela olhou na direção do garoto que tinha beijado e ironicamente acrescentou:

- Se eu ficar, sabe-se lá o que pode acontecer!

- Uou! - Suas amigas brindaram.

- Ela está descontrolada!

Cindy beijou Rachel na bochecha e sussurrou:

- Tenha uma boa noite. Vejo você amanhã – e saiu em direção à porta.

Já do lado de fora, o ar puro da primavera fez com que Cindy respirasse fundo. Ela tirou o suor do rosto e ignorou a Church Street com seu curto vestido de verão amarelo. As ruas do centro da cidade eram, em sua maioria, compostas de prédios baixos de tijolos e poucas e imponentes casas entre as árvores. Ela virou à esquerda na Brattle Street e caminhou em direção ao sudoeste.

As lâmpadas na rua iluminavam a maioria das esquinas, mas uma parte da Brattle Street estava no escuro. Ao invés de ficar assustada, Cindy apertou o passo e abriu os braços, como se as sombras pudessem, de alguma forma, tirar o álcool e o cansaço do seu corpo e lhe dar energias para o encontro com Winston.

Um beco estreito apareceu à sua esquerda. Seu instinto a disse para tomar cuidado. Afinal, já era muito tarde e ela não estava no lugar mais seguro de Boston, mas estava muito bêbada para acreditar que qualquer coisa poderia acontecer para atrapalhar seu futuro.

Fora do seu campo de visão, percebeu um movimento. Já era tarde demais quando ela se virou.

Cindy sentiu uma dor forte no pescoço, que fez com que ela segurasse a respiração, e, quando olhou para trás, viu algo cintilante na luz.

Uma agulha.

O coração quase parou, e seus sussurros silenciaram em um simples instante.

Ao mesmo tempo, ela sentiu alguém pressionar suas costas, um único braço esguio segurando os seus. O corpo era menor do que o dela, mas forte. Com um puxão, ela foi trazida para o beco.

- Shhh.

Qualquer pensamento de que aquilo poderia ser uma pegadinha foi embora quando ela ouviu a voz forte e perversa.

Ela tentou chutar e gritar. Por alguma razão, sua voz não saía, como se alguma coisa estivesse apertando os músculos de seu pescoço. Suas pernas também começaram a sentir como gelatina, e ela mal conseguia manter os pés no chão.

Faça algo! Ela implorava para si mesma, sabendo que, se não fizesse, morreria.

O braço estava em volta de seu lado direito. Cindy conseguiu se soltar, e ao mesmo tempo fez força com o pescoço para trás para dar uma cabeçada no agressor. A parte de trás de seu crânio acertou o nariz do bandido e ela pode quase escutar o som do osso quebrando. O homem xingou de dor e a libertou.

Corra! Cindy pensou.

Mas seu corpo se recusou a entender. Suas pernas cederam, e ela caiu com força no cimento.

Cindy caiu de costas, com as pernas abertas e os braços em ângulo contrário, sem poder se mexer.

O agressor se ajoelhou a seu lado. Sua face estava escondida por uma peruca velha, um bigode falso e óculos com lentes grossas. Os olhos por trás dos óculos arrepiaram seu corpo de medo: frios e severos. Sem alma.

- Eu te amo – ele disse.

Cindy tentou gritar. Só conseguiu murmurar.

O homem quase tocava seu rosto. Depois, como se soubesse o que havia nos

arredores, rapidamente se levantou.

Cindy sentiu seu corpo ser puxado pelas mãos e levado pelo beco.

Seus olhos se encheram de medo.

Alguém me ajude, ela pedia mentalmente. *Ajuda!* Ela pensou em suas colegas de classe, seus amigos, as pessoas na festa. *Ajuda!*

Ao fim do caminho, o pequeno homem a levantou e a abraçou com força. A cabeça dela caiu em seus ombros. Ele, apaixonadamente, acariciou seus cabelos.

Ele segurou uma das mãos dela e a girou como se eles fossem amantes.

- Está tudo bem – ele disse em voz alta, como se quisesse que outras pessoas escutassem. – Vou abrir a porta.

Cindy viu pessoas ao longe. Pensar era difícil. Nada se movia. Seu esforço para falar também falhou.

O lado do carona de uma minivan azul estava aberto. Ele a colocou dentro do carro e cuidadosamente fechou a porta, para que a cabeça dela descansasse na janela.

Ele entrou pelo lado do motorista e colocou um saco macio, como almofada, sobre a cabeça dela.

- Durma, meu amor – ele disse, ligando o carro. – Durma.

A van arrancou, enquanto a mente de Cindy desvaneceu na escuridão, com seu último pensamento sendo sobre seu futuro, seu brilhante e inacreditável futuro, que, de repente, de forma terrível, tinha sido destruído.

CAPÍTULO UM

Avery Black estava na parte de trás da sala de conferências lotada, encostada em uma parede, pensando profundamente, dispersa dos procedimentos em volta dela. Mais de trinta agentes lotavam a pequena sala de conferências do Departamento de Polícia de Boston na New Sudbury Street. Duas paredes eram amarelas, enquanto duas eram de vidro e tinham vista para o segundo piso do departamento. O Capitão Mike O'Malley, cinquenta e poucos anos, um pequeno, mas poderoso cidadão nascido e criado em Boston, com olhos e cabelos negros, seguia se movendo inquieto atrás do pódio. Para Avery, ele parecia sempre inquieto, desconfortável consigo mesmo.

- Por último, mas não menos importante – disse ele, com seu sotaque forte, - Eu gostaria de dar as boas-vindas a Avery Black ao Esquadrão de Homicídios.

Alguns poucos aplausos foram ouvidos na sala, que mesmo assim continuou em um silêncio constrangedor.

- Ora, ora – o capitão se irritou, - não há porque destratar a nova detetive. Black realizou mais prisões do que qualquer um de vocês no último ano, e ela acabou com os West Side Killers praticamente sozinha. Deem a ela o respeito devido – disse ele, balançando a cabeça para trás com um sorriso prudente.

De cabeça baixa, Avery sabia que seu cabelo loiro descolorido escondia suas características. Vestida mais como uma advogada do que como uma policial, com seu terninho preto e camiseta de botão, sua roupa era uma lembrança de seus dias como advogada de defesa. Mais uma razão para que a maioria dos policiais do departamento se afastasse ou a desejasse mal pelas costas.

- Avery! – O capitão levantou os braços. - Estou tentando lhe dar um apoio aqui. Acorde!

Ela olhou em volta, assustada, para o mar de caras feias olhando em sua direção. Começou, então, a imaginar se ter aceitado entrar para o Esquadrão de Homicídios tinha sido mesmo uma boa ideia.

- Certo. Vamos começar – acrescentou o capitão ao restante da sala. – Avery, você no meu escritório. *Agora*. – Ele se dirigiu a outro policial. – Eu quero ver você também. E você, Hennessey, venha cá. Charlie, por que você está saindo tão rápido?

Avery esperou que todos os policiais saíssem, depois começou a se dirigir ao escritório do Capitão. Um policial parou em sua frente. Alguém que ela já havia visto no departamento, mas nunca tinha sido formalmente apresentada. Ramirez era um pouco mais alto que ela, magro e de boa aparência, com um bronzado latino. Ele tinha cabelos curtos e negros, barba feita e vestia um bonito terno cinza. Sua postura e aparência estavam tranquilas. Um gole de café e ele continuou olhando, sem expressar emoções.

- Posso ajudá-lo? – Ela perguntou.

- Ao contrário – ele respondeu. – Sou eu sou quem vai te ajudar.

Ele estendeu a mão. Ela não correspondeu.

- Estou apenas tentando conhecer a infame Avery Black. Muitos rumores. Eu queria descobrir quais deles são verdade. Até agora o que eu ouvi foi: distraída, age como se estivesse acima de todos. Confirmado e confirmado. Duas de duas. Nada mal para uma segunda-feira.

Insultos de policiais não eram nada novo para Avery. Aquilo havia começado três anos antes, quando ela se tornou policial novata, e nunca tinha parado. Poucos no departamento eram considerados amigos, e quase ninguém era confiável.

Avery passou pelo policial.

- Boa sorte com o comandante – disse Ramirez, ironicamente. – Ouvi dizer que ele pode ser um imbecil e tanto.

Avery respondeu acenando com as mãos. Com o passar dos anos, ela aprendeu que era melhor reconhecer seus colegas hostis do que evitá-los completamente, apenas para que eles soubessem que ela estava lá, e não iria sair.

O segundo andar do departamento de polícia A1 no centro de Boston era um complexo de atividades grande e movimentado. Cubículos preenchiam o centro do enorme local de trabalho, e pequenas salas de vidro cercavam as janelas laterais. Os policiais olharam fixamente para Avery enquanto ela passou.

- Assassina – alguém sussurrou.

- O Departamento de Homicídios é perfeito para você – disse outro.

Avery passou por uma policial irlandesa que ela tinha salvo da mira de uma quadrilha. Ela olhou para Black rapidamente e disse baixinho:

- Boa sorte, Avery. Você merece.

- Obrigada – Avery sorriu.

A primeira palavra amiga do dia lhe deu a confiança que ela precisava para entrar na sala do capitão. Para sua surpresa, Ramirez estava a apenas alguns passos da divisória de vidro. Ele levantou seu café e sorriu.

- Entre – disse. - E feche a porta atrás de você.

Avery sentou-se.

O'Malley era ainda mais formidável de perto. A tintura no cabelo era perceptível, assim como as muitas rugas em volta de seus olhos e boca. Ele passou a mão na testa e sentou-se.

- Você gosta daqui? – perguntou.

- Como assim?

- Daqui, do A1. Coração de Boston. Você está bem no centro. Cidade grande. Você vem de cidade pequena, certo? Oklahoma?

- Ohio.

- Certo, certo – ele concordou. – O que há no A1 que você gosta tanto? Há muitos outros departamentos em Boston. Você poderia ter começado pelo Southside, B2, talvez D14 e ter experimentado os subúrbios. Tem muitos bandidos por lá. Mas você só se inscreveu aqui.

- Eu gosto de cidades grandes.

- Temos gente ruim de verdade por aqui. Você tem certeza que quer entrar nessa? Aqui é o Esquadrão de Homicídios. É um pouco diferente do que fazer rondas.

- Eu vi o líder dos West Side Killers torturar uma pessoa viva enquanto o resto da quadrilha cantava músicas e assistia. De que tipo de ‘gente ruim’ nós estamos falando?

O'Malley analisava cada movimento dela.

- Pelo que eu soube – ele disse, - você foi totalmente enganada por aquele psicopata de Harvard. Ele fez você parece uma idiota. Destruiu sua vida. De advogada estrela para advogada em desgraça, até virar um nada. E depois a mudança para policial caloura. Isso deve doer.

Avery se contorceu na cadeira. Por que ele tinha que reviver tudo isso? Por que agora? Hoje era um dia para celebrar sua promoção ao Esquadrão de Homicídios, e ela não queria estragar isso – e certamente não queria reviver o passado. O que estava feito, estava feito. Agora ela só podia olhar para frente.

- Mas você deu a volta por cima – ele consentiu, - construiu uma nova vida aqui. Do lado certo, dessa vez. Tenho que respeitar isso. Mas, - ele disse, a olhando, - eu quero ter certeza que você está pronta. Você está?

Ela retribuiu o olhar, imaginando onde ele queria chegar.

- Se eu não estivesse pronta eu não estaria aqui – respondeu.

Ele concordou com a cabeça, parecendo satisfeito com a resposta.

- Nós acabamos de receber uma ligação. Uma garota morta. Um cenário produzido. Não parece nada bom. Os caras no local não sabem o que fazer.

O coração de Avery bateu mais rápido.

- Estou pronta – ela disse.

- Está? - O capitão perguntou. - Você é competente, mas se isso vier a se tornar um caso de grandes proporções, não quero que você estrague tudo.

- Isso não vai acontecer – respondeu.

- Era isso o que eu queria ouvir – disse o capitão, empurrando alguns papeis sobre sua mesa. – Dylan Connelly supervisiona o Esquadrão. Ele está lá agora trabalhando com os peritos. Você tem um novo parceiro. Tente não deixá-lo morrer.

- Aquilo não foi culpa minha – Avery respondeu, lembrando internamente da recente investigação de Affairs Internos, tudo porque seu ex-parceiro, um preconceituoso precipitado, tinha tentado se infiltrar em uma gangue sozinho para ficar com o crédito sobre o trabalho dela.

O comandante apontou para fora.

- Seu parceiro está esperando. Eu nomeei você detetive líder. Não me decepcione.

Ela se virou e viu Ramirez esperando. Então resmungou:

- Ramirez? Por que ele?

- De verdade? – O capitão respondeu. – Ele é o único aqui que queria trabalhar com você. Todos os outros parecem te odiar.”

Ela sentiu o estômago embrulhado.

- Vá com cuidado, jovem detetive – ele acrescentou e se levantou, sinalizando que a reunião havia terminado. – Você precisa de todos os amigos que puder ter.

CAPÍTULO DOIS

- Como foi? – Perguntou Ramirez, assim que Avery saiu do escritório.

Ela baixou a cabeça e seguiu caminhando. Avery odiava conversinhas, e ela não acreditava que nenhum de seus colegas poderia conversar sem ao menos um insulto.

- Pra onde nós vamos? - Ela respondeu.

- Assuntos profissionais. – Ramirez sorriu. - Bom saber. Ok, Black. Há uma garota morta em um banco no Lederman Park, perto do rio. É uma área com muito movimento. Nem de longe o melhor lugar para se deixar um corpo.

Alguns agentes cumprimentaram Ramirez.

- Pega ela, tigrão!

- Quebra ela no meio, Ramirez.

Avery sacudiu a cabeça. *Bacana.*

Ramirez levantou suas mãos.

- Não fui eu.

- São todos vocês – Avery retrucou. - Nunca pensei que uma estação policial fosse ser pior do que um escritório de advocacia. Clube secreto dos bolinhas, certo? Garotas não são bem-vindas?

- Menos, Black.

Ela seguiu em direção aos elevadores. Alguns agentes celebraram por terem conseguido irritá-la. Geralmente, Avery conseguia ignorar os insultos, mas algo neste novo caso tinha mexido com ela mais do que o normal. As palavras usadas pelo capitão não eram típicas de um simples homicídio: *Não sabem o que fazer. Um cenário produzido.*

Além disso, o ar indiferente e arrogante de seu novo parceiro não era exatamente confortante: *parece resolvido.* Nada é fácil assim, nunca.

A porta do elevador estava para fechar quando Ramirez colocou suas mãos para dentro.

- Desculpe, ok?

Ele parecia sincero. Mão estendida, um olhar de desculpas nos seus olhos negros. Um botão pressionado e eles desceram.

Avery olhou para ele.

- O capitão disse que você era o único que queria trabalhar comigo. Por quê?

- Você é Avery Black – ele respondeu, como se a resposta fosse óbvia. – Como eu poderia não estar curioso? Ninguém te conhece de verdade, mas todo mundo parece ter uma opinião: idiota ou gênio, decadente ou em ascensão, assassina ou salvadora. Eu quero separar os fatos da ficção.

- Por que *você* se importa?

Ramirez deu um sorriso enigmático.

Mas não disse nada.

* * *

Avery seguiu Ramirez enquanto ele caminhava calmamente pelo estacionamento. Ele não usava gravata e seus dois botões de cima estavam abertos.

- Estou logo ali – ele apontou.

Eles passaram por alguns agentes uniformizados que pareciam conhecê-lo. Um deles o cumprimentou e o lançou um olhar estranho que parecia perguntar: *O que você está fazendo com ela?*

Ele a levou até um Cadillac carmin, velho e empoeirado, com bancos em caramelo rasgados.

- Boa carona – brincou Avery.

- Esse garotão já me salvou muitas vezes – respondeu Ramirez com orgulho, batendo de leve no capô. – Tudo o que tenho que fazer é me vestir como um cafetão ou um espanhol faminto e ninguém nem percebe minha presença.

Eles saíram do estacionamento.

O Lederman Park estava a apenas alguns quilômetros da estação de polícia. Eles seguiram sentido oeste pela Cambridge Street e pagaram a direita em Blossom.

- Então – disse Ramirez – Ouvi dizer que você já foi advogada.

- Mesmo? – Os olhos azuis o miraram de relance. – O que mais você ouviu?

- Advogada de defesa criminal – ele completou. – A melhor das melhores. Você trabalhou na Goldfinch & Seymour. Não é pra qualquer um. O que te fez sair?

- Você não sabe?

- Eu sei que você defendeu muitos crápulas. Nunca perdeu, certo? Você inclusive colocou alguns policiais sujos atrás das grades. Deve ter vivido a vida. Salário enorme, sucesso interminável. Que tipo de pessoa deixa tudo para trás para entrar na polícia?

Avery lembrou a casa em que ela cresceu, uma pequena fazenda cercada de terras vazias por quilômetros. O isolamento nunca foi para ela. Nem os animais ou cheiro do lugar: fezes, pelos e penas. Desde o começo ela queria sair de lá. E saiu. Para Boston. Primeiro para a universidade, depois para os estudos e carreira no direito.

E agora isso.

Deixou escapar um suspiro.

- Vamos dizer que algumas coisas não saem como planejamos.

- O que você quer dizer?

Em sua mente, ela viu aquele sorriso de novo. Aquele sorriso antigo e sinistro, daquele homem enrugado com óculos de lentes grossas. Ele parecera tão sincero no começo, tão humilde, inteligente e honesto. *Todos* eles pareciam, pensou.

Até quando os julgamentos terminavam, eles voltavam para suas rotinas e ela era forçada a aceitar que não era nenhuma heroína dos desamparados, defensora das pessoas, mas sim um peão, um simples peão em um jogo muito complexo e enraizado para ser modificado.

- A vida é difícil – divagou. “Você acha que sabe algo em um dia e, no outro, o jogo vira de cabeça para baixo e tudo muda.

Ramirez assentiu.

- Howard Randall – disse ele, claramente percebendo do que ela estava falando.

Aquele nome a deixou mais consciente de tudo. O ar puro no carro, sua posição no banco, a localização deles na cidade. Ninguém tinha dito aquele nome em voz alta por muito tempo, especialmente para ela. Avery se sentiu exposta e vulnerável, contraindo o corpo e se ajustando no banco em resposta.

- Desculpe – disse Ramirez. – Eu não quis—

- Tudo bem – ela respondeu.

Mas não estava tudo bem. Tudo tinha desmoronado depois dele. Sua vida. Seu trabalho. Sua sanidade. Ser uma advogada de defesa tinha sido um desafio, para dizer o mínimo, mas *ele* era quem deveria ter deixado tudo certo novamente. Um professor gênio de Harvard, respeitado por todos, simples e gentil, tinha sido acusado de assassinato. A salvação de Avery deveria vir através da defesa *dele*. Dessa vez, ela poderia fazer o que sonhou desde criança: defender o *inocente* e garantir que a justiça prevalecesse.

Mas nada daquilo acontecera.

CAPÍTULO TRÊS

O parque já tinha sido fechado para o público.

Dois policiais à paisana viram o carro de Ramirez e rapidamente acenaram para que eles não estacionassem no pátio principal, e sim mais à esquerda. Entre os agentes que obviamente eram de seu departamento, Avery viu alguns policiais do estado.

- O que eles estão fazendo aqui? - Perguntou.

- A sede deles fica aqui na rua.

Ramirez estacionou próximo a uma fila de carros de polícia. Uma fita amarela havia isolado uma boa parte do terreno. Vans de imprensa, repórteres, câmeras e populares se aglomeravam atrás da fita para tentar ver o que estava acontecendo.

- Ninguém passa daqui - disse um policial.

- Esquadrão de Homicídios – disse Black. Foi a primeira vez em que ela se deu conta de seu novo cargo, e se sentiu orgulhosa por isso.

- Onde está Connelly? – Perguntou Ramirez.

Um oficial apontou em direção às árvores.

Eles caminharam pela grama, um pedaço de um campo de beisebol, à esquerda. Encontraram mais fita amarela antes de chegar às árvores. Debaixo da folhagem espessa havia um caminho que ladeava o rio Charles. Um policial, um perito e uma fotógrafa estavam em pé, ao redor de um banco.

Avery evitou contato com aqueles que já estavam no local. Com o passar dos anos, ela havia aprendido que interações sociais atrapalhavam seu foco, e muitas perguntas e formalidades com outras pessoas atrapalhavam seu ponto de vista. Infelizmente, essa era outra de suas características que tinha despertado o desprezo de todos no departamento.

A vítima era uma jovem colocada no banco em posição diagonal. Obviamente ela estava morta, mas não fosse a cor da pele, a posição e a expressão facial poderiam ter feito a maioria das pessoas que passaram por ali ter que olhar duas vezes para perceberem que algo estava errado.

Como uma apaixonada esperando seu amado, as mãos da garota estavam na parte de trás do banco. Seu queixo descansava em suas mãos. Um sorriso malicioso nos lábios. Seu corpo estava virado, como se ela estivesse sentada e se movido para olhar para alguém ou para respirar fundo. Ela vestia um vestido de verão amarelo e sandálias brancas, com um lindo cabelo ruivo caindo sobre seu ombro esquerdo. Suas pernas estavam cruzadas e os dedos dos pés descansavam sutilmente no chão.

Apenas o olhar de vítima entregava seu tormento. Eles emanavam dor e descrença. Avery ouviu uma voz em sua mente, a voz do velho homem que assombrava suas noites e seus dias também. Sobre suas próprias vítimas, certa vez

ele a havia perguntado: *O que elas são? Coisas sem nome, sem face, poucas em meio a bilhões, esperando para encontrar suas razões.*

Seu corpo se encheu de raiva. Raiva por ter sido exposta e humilhada e, acima de tudo, por ter tido toda sua vida destruída.

Ela se aproximou do corpo.

Como advogada, ela havia sido obrigada a examinar incontáveis perícias e fotos de legistas e qualquer coisa relacionada a seus casos. Como policial, seu conhecimento havia aumentado muito, já que rotineiramente analisava vítimas de assassinato pessoalmente, podendo fazer avaliações muito mais precisas.

O vestido, notou, tinha sido lavado, assim como o cabelo da vítima. As unhas dos pés e das mãos estavam bem feitas, e quando chegou bem perto da pele, sentiu cheiro de coco e mel, com apenas um leve toque de formol.

- Você vai beijá-la ou o que? – Alguém disse.

Avery estava inclinada sobre o corpo da vítima, com as mãos em suas costas. No banco, um letreiro amarelo com o número 4. Além disso, na cintura da garota, havia cabelos crespos e alaranjados, quase imperceptíveis pelo vestido amarelo.

O Supervisor de Homicídios Dylan Connelly estava em pé, com as mãos no quadril, esperando por uma resposta. Ele era áspero e durão, com cabelos loiros ondulados e olhos azuis penetrantes. Seu peito e seus braços quase saíam de sua camiseta azul. Suas calças eram de linho, marrom, e os sapatos pretos e grossos. Avery já tinha o visto várias vezes no escritório. Ele não era exatamente o tipo dela, mas tinha uma ferocidade animal que ela admirava.

- Esta é a cena de um crime, Black. Da próxima vez, veja por onde você está andando. Você tem sorte que nós já buscamos as pegadas e impressões digitais.

Ela olhou para baixo, confusa. Havia tomado cuidado por onde pisara. Black olhou para os Connelly, viu seu olhar determinado e percebeu que ele estava apenas encontrando uma desculpa para reprová-la.

- Eu não sabia que isso era a cena de um crime – ela disse. – Obrigada por me lembrar.

Ramirez riu em silêncio.

Connelly mordeu a língua e deu um passo a frente.

- Você sabe por que as pessoas não te suportam, Black? Não é apenas porque você veio do outro lado. É porque *quando* você estava do outro lado, você não respeitava os policiais, e agora que você está aqui dentro, você respeita menos ainda. Vou ser bem claro: eu não gosto de você, eu não confio em você, e com toda certeza eu não queria você na minha equipe.

Ele virou-se para Ramirez.

- Diga a ela o que nós sabemos. Estou indo pra casa tomar um banho. Estou cansado – disse. Retirou as luvas e as jogou no chão. Para Avery, acrescentou. –

Espero um relatório completo até o fim do dia. Cinco em ponto. Sala de conferências. Você me escutou? Não se atrase. E limpe essa bagunça antes de sair também. Os agentes do estado foram gentis o suficiente para nos deixar trabalhar aqui. Seja gentil o suficiente para ao menos ser cortês com eles.

Connelly saiu, com raiva.

- Você sabe lidar com as pessoas – comentou Ramirez.

Avery deu de ombros.

A legista naquele caso era uma americana de origem africana, jovem e em forma, chamada Randy Johnson. Ela tinha olhos grandes e seu cabelo curto e com dreadlocks estava coberto apenas parcialmente pelo boné branco.

Avery já havia trabalhado com ela antes. Elas tiveram um contato rápido durante um caso de violência doméstica. A última vez em que tinham visto uma a outra tinha sido após alguns drinks.

Animada por estar em mais um caso com Avery, Randy estendeu a mão, se deu conta de que estava de luva e, envergonhada, aos risos, disse:

- Oops! Eu posso estar contaminada.

- Bom te ver, Randy.

- Parabéns por entrar no Esquadrão de Homicídios – Randy disse. – Subindo na vida.

- Uma coisa por vez. O que nós temos?

- Eu diria que alguém estava apaixonado – respondeu Randy. – Limparam ela muito bem. Abriram pelas costas, drenaram o corpo, colocaram formol para não apodrecer e costuraram novamente. Roupas novas. Manicure. Cuidado total. Sem impressões digitais por enquanto. Não posso dizer muita coisa até chegar ao laboratório. Só consegui encontrar dois ferimentos. Consegue ver a boca? Você pode fazer isso por dentro, ou usar um gel para fazer um cadáver sorrir assim. Por esse ferimento de perfuração aqui – ela apontou para o canto do lábio – eu diria injeção. Tem outro aqui. – Apontou para o pescoço. – Pela coloração, esse foi feito primeiro, talvez na hora da abdução. Esse corpo está morto por aproximadamente 48 horas. Encontrei alguns cabelos intrigantes.

- Há quanto tempo ela está aqui?

- Ciclistas a encontraram às seis. – Ramirez respondeu. – O parque é vigiado todas as noites por volta da meia-noite e três da manhã. Ninguém viu nada.

Avery não conseguiu parar de olhar os olhos da garota morta. Eles pareciam olhar para algo distante, mas ainda assim perto da costa, daquele lado do rio. Ela cuidadosamente foi até atrás do banco e tentou seguir a linha do olhar. Após o rio, havia muitos prédios de tijolo. Um deles era pequeno, com uma cúpula branca no topo.

- Que prédio é aquele? – Perguntou. – O grande com a cúpula?

Ramirez analisou.

- Talvez o Cinema Omni?
- Podemos descobrir o que está em cartaz?
- Por que?
- Não sei. Só um pressentimento.

Avery se levantou.

- Nós sabemos quem é ela?

- Sim – Ramirez respondeu e checkou suas anotações. – Acreditamos que o nome dela é Cindy Jenkins. Veterana de Harvard. Da irmandade. Kappa Kappa Gamma. Desapareceu duas noites atrás. A guarda do campus e os policiais de Cambridge divulgaram a foto dela ontem à noite. O pessoal do Connelly analisou as fotos e descobriu. Ainda precisamos da confirmação. Vou ligar para a família.

- Como está a nossa busca por imagens?

- Jones e Thompson estão trabalhando nisso agora. Você os conhece, certo? Detetives excelentes. Eles estão conosco hoje. Depois disso, estamos por conta própria a não ser que provemos que precisamos de recursos extras. Não há câmeras na entrada do parque, mas há algumas na estrada e pela rua. Teremos algo hoje à tarde.

- Alguma testemunha?
- Até agora não. Os ciclistas são inocentes. Posso vasculhar.

Avery analisou a área isolada. A fita amarela cobria uma grande parte do parque. Nada extraordinário podia ser visto perto do rio, do caminho dos ciclistas ou da grama. Ela tentou criar uma imagem mental do que tinha acontecido. Ele devia ter dirigido pela estrada principal, estacionado perto da água para ter acesso fácil ao banco. *Como ele colocou o corpo no banco sem nenhuma suspeita?*

Pessoas poderiam ter visto. Ele tinha que estar preparado para aquilo. *Talvez ele fez parecer como se ela estivesse viva?* Avery olhou novamente para o corpo. Definitivamente essa era uma possibilidade. A garota era linda, mesmo morta. Obviamente ele havia passado muito tempo planejando para ter certeza de que ela parecesse perfeita. Não tinha sido uma gangue de assassinos, ela se deu conta. Nem um apaixonado desprezado. Era diferente. Avery tinha visto isso antes.

De repente, ela pensou que O'Malley poderia estar certo. Talvez ela *não* estivesse pronta.

- Posso pegar seu carro emprestado? – Ela pediu.

Ramirez levantou a sobrancelha.

- E a cena do crime?
- Você é um bom garoto. Descubra.
- Onde *você* vai?
- Harvard.

CAPÍTULO QUATRO

Ele estava sentado em um escritório em um cubículo. Superior, vitorioso, mais poderoso do que qualquer pessoa no planeta. A tela do computador estava aberta a sua frente. Com um suspiro profundo, fechou os olhos e lembrou.

Recordou do profundo porão de sua casa, que mais parecia um viveiro. Muitas variedades de flores alinhadas na sala principal: vermelhas, amarelas e brancas. Muitas outras plantas psicodélicas, cada uma conseguida através de incontáveis anos, estavam em grandes calhas. Algumas eram estranhas e intrigantes, outras tinham uma aparência mais comum, que teriam sido ignoradas em qualquer cenário selvagem, apesar de suas potentes habilidades. Um sistema de irrigação automático, um medidor de temperatura e luzes de LED mantinham as plantas crescendo.

Um grande corredor feito de vigas de madeira levava às outras salas. Nas paredes, fotos. A maioria de animais em vários estágios de morte, e depois “renascidos”, preenchidos e devidamente posicionados. Um gato malhado, apoiado nas patas traseiras, brincando com um novelo. Um cachorro com pintas, rolando e esperando por um carinho na barriga.

Depois lembrou das portas. Ele imaginou a porta da esquerda aberta. Lá, ele a viu novamente, seu corpo nu deitado na mesa prateada. Luzes fluorescentes fortes iluminavam o lugar. Em um case de vidro, várias jarras limpas com líquidos coloridos.

Ele sentiu a pele dela quando esfregou seus dedos por sua coxa. Mentalmente, reencenou cada um dos delicados procedimentos: a drenagem, preservação, limpeza e preenchimento do corpo. Durante o “renascimento”, tirou fotos que mais tarde estariam estampadas nas paredes guardadas para seus troféus humanos. Algumas das fotos já tinham sido colocadas.

Uma energia tremenda e surreal emergia de si.

Durante anos, ele havia evitado humanos. Eles são sinistros, mais violentos e incontroláveis do que animais. Ele amava animais. Humanos, por outro lado, ele havia descoberto serem sacrifícios mais potentes para o Espírito Maior. Após a morte da garota, tinha visto o céu aberto, e a imagem sombria do Grande Criador o havia olhado e dito: *Mais*.

Sua reverência foi interrompida por uma voz estridente.

- Você está sonhando acordado de novo?

Um outro funcionário estava em pé, atrás dele, resmungando com cara feia. Tinha cara e corpo de um ex-jogador de futebol. O terno azul não ajudava muito a diminuir sua ferocidade.

Devagar, ele abaixou sua cabeça. Seus ombros foram se curvando, e ele se transformou em um mero trabalhador, desprezível.

- Desculpe, Senhor Peet.

- Estou cansado das suas desculpas. Me dê aquelas figuras.

Por dentro, o assassino sorria como um gigante gargalhando. No trabalho, o jogo era quase tão animado quanto sua vida privada. Ninguém sabia quão *especial* ele era, quão dedicado e *essencial* para o delicado balanço do universo. Nenhum deles iria receber um lugar honorável no reino do Mundo Superior. O dia a dia deles, mundano, tarefas terrenas: vestir-se, ir a reuniões, mandar dinheiro de um lado a outro. Tudo sem sentido. Só fazia sentido para ele porque o conectava ao outro mundo e o permitia fazer o trabalho do Senhor.

O comandante resmungou e saiu.

Com os olhos ainda fechados, o assassino imaginou seu Senhor Supremo: a criatura sombria e tenebrosa que sussurrava em seus sonhos e diretamente em seus pensamentos.

Um som em reverência saiu de seus lábios, e ele cantou, sussurrando: “Oh senhor, oh senhor, nosso trabalho é puro. Peça-me e eu lhe darei mais.”

Mais.

CAPÍTULO CINCO

Avery já tinha um nome: Cindy Jenkins. Ela conhecia a irmandade: Kappa Kappa Gamma. E tinha total conhecimento sobre a Universidade de Harvard. A Liga das Heras havia a rejeitado como caloura, mas ainda assim ela tinha encontrado uma maneira de viver a vida de Harvard durante seu tempo na faculdade, namorando dois caras de lá.

Diferente de outras universidades, as irmandades e fraternidades de Harvard não eram oficialmente reconhecidas. Não existiam casas gregas dentro ou fora do campus. As festas, no entanto, aconteciam regularmente em casas ou apartamentos fora do campus, sob o nome de “organizações” ou “clubes” especiais. Avery tinha testemunhado in loco o paradoxo da vida universitária durante seu tempo na faculdade. Todos pretendiam estar somente focados nas notas até o anoitecer, quando se transformavam em animais selvagens, sedentos por festas.

Enquanto esperava em um semáforo, Avery fez uma busca rápida na internet e descobriu que a Kappa Kappa Gamma tinha duas áreas alugadas na mesma quadra de Cambridge: a Church Street. Um dos locais era para eventos, enquanto o outro para reuniões e encontros sociais.

Ela passou pela ponte Longfellow, antiga MIT, e pegou à direita na Massachusetts Avenue. Logo, ela viu Harvard à sua direita, com seus incríveis prédios de tijolos vermelhos entre árvores e ruas asfaltadas.

Havia uma vaga para estacionar na Church Street.

Avery estacionou, fechou a porta do carro, e olhou para o sol. Era um dia quente, com temperaturas acima dos 25 graus. Ela olhou as horas: dez e meia.

O prédio da Kappa era uma estrutura longa, de dois andares, com fachada de tijolos. No primeiro piso, havia algumas lojas de roupa. O segundo, Avery imaginou, estava reservado para escritórios e para os negócios da irmandade. O único símbolo no interfone para o segundo andar era a flor-de-lis azul, símbolo de Harvard. Ela pressionou o botão.

Uma voz feminina arranhada saiu do interfone.

- Olá?

- Polícia – respondeu. – Abra.

Um momento de silêncio.

- Sério – a voz respondeu. – Quem é?

- É a polícia. – Disse com a voz séria. – Está tudo bem. Ninguém está em apuros. Só preciso falar com alguém da Kappa Kappa Gamma.

A porta se abriu.

Ao fim dos degraus, Avery foi recebida por uma garota cansada, com cara de sono, em um suéter cinza e calça de moletom branca. Com cabelos negros, ela

parecia ter vindo de uma festa. Os cabelos cobriam boa parte de seu rosto. Havia círculos pretos abaixo de seus olhos, e o corpo do qual ela normalmente se orgulharia em mostrar parecia fora de forma.

- O que você quer? – ela perguntou.

- Fique calma - respondeu Avery. – Isso não tem nada a ver com a irmandade. Só estou aqui para fazer algumas perguntas.

- Posso ver sua identificação?

Avery mostrou seu distintivo.

Ela analisou Avery, viu o distintivo, e recuou.

O espaço da Kappa Kappa Gamma era grande e iluminado. O teto era alto. Alguns confortáveis sofás marrons e puffes azuis preenchiam o lugar. As paredes eram azul-escuras. Havia um bar, um sistema de som e uma TV de tela plana enorme. As janelas chegavam quase ao teto. Na rua, Avery podia enxergar o topo de outro pequeno complexo de apartamentos, depois o céu. Algumas nuvens apareceram.

Ela imaginou que seu tempo na faculdade tinha sido muito diferente da maioria das garotas da Kappa Kappa Gamma. Para começar, ela tinha pago por seu próprio estudo. Todo dia depois das aulas ela ia até um escritório de advocacia e trabalhava muito, primeiro como secretária, até chegar a honorável posição de assistente jurídica. Ela raramente bebia. Seu pai tinha sido alcoólatra. Na maioria das festas da faculdade, ela era a motorista da rodada ou ficava no dormitório estudando.

Uma esperança repentina apareceu no rosto da garota.

- É sobre Cindy? – ela perguntou.

- Cindy era sua amiga?

- Sim, minha *melhor* amiga. – disse. – Por favor, me diga que está tudo bem com ela!

- Qual seu nome?

- Rachel Strauss.

- Foi você que ligou para a polícia?

- Sim. Cindy saiu da nossa festa muito bêbada sábado à noite. Ninguém viu ela desde então. Ela não é desse tipo. – Ela virou os olhos para cima e deu um pequeno sorriso, quando completou. – Geralmente ela era bem previsível. Ela era a Senhorita Perfeita, sabe? Sempre ia para a cama na mesma hora, mesma rotina, nunca mudava, já fazia uns cinco anos. Sábado ela estava louca. Bebendo. Dançando. Saiu de si por alguns momentos. Foi legal de ver.

Rachel olhou para o nada por um momento.

- Ela estava apenas feliz, sabe?

- Alguma razão especial? – Avery perguntou.

- Eu não sei. A melhor da turma, um emprego garantido para o outono.

- Que emprego?

- Devante? Eles são, tipo, o *melhor* escritório de Boston. Ela seria contadora júnior. Chato, eu sei, mas ela era uma gênio quando o assunto era números.

- Você pode me falar sobre sábado?

Os olhos de Rachel se encheram de lágrimas.

- Você está aqui por causa dela, né?

- Sim - disse Avery. – Podemos sentar?

Rachel sentou no sofá e começou a chorar.

Com dificuldades, tentou falar.

- Ela está bem? Onde ela está?

Essa era a parte do trabalho que Avery mais odiava. Falar com parentes e amigos. Havia pouca coisa que ela poderia dizer. Quanto mais as pessoas ficavam sabendo sobre um caso, mais elas falavam, e a conversa deveria ajudar a encontrar os criminosos. Mas ninguém entendia isso, ou se importava com isso naquele momento. Tudo o que essas pessoas queriam eram respostas.

Avery sentou-se ao dela.

- Nós agradecemos muito você ter ligado – disse. – Você fez a coisa certa. Mas infelizmente *não posso* falar sobre uma investigação em andamento. O que posso dizer é que eu estou fazendo tudo o que eu posso para descobrir o que aconteceu com Cindy naquela noite. Eu não posso fazer isso sozinha, eu preciso da sua ajuda.

Rachel assentiu e enxugou as lágrimas.

- Eu posso ajudar - ela disse. – Eu ajudo.

- Eu gostaria de saber tudo o que você lembra daquela noite e de Cindy. Com quem ela estava falando? Tem alguma coisa na sua mente? Comentários que ela fez? Pessoas interessadas nela? Algo sobre quando ela saiu da festa?

Rachel desmoronou completamente.

Momentos depois, ela levantou as mãos, assentiu e se recompôs.

- Sim - ela disse. – Com certeza.

- Onde está o resto das pessoas daqui? – Avery perguntou para distrair. – Achei que as casas da irmandade estariam cheias com garotas Kappa de ressaca.

- Elas estão em aula. – Rachel disse, enxugando os olhos novamente. – Algumas foram tomar café da manhã. A propósito - acrescentou – tecnicamente nós não somos uma irmandade. Esse é só um lugar que alugamos para ficar quando não queremos voltar para nossos dormitórios. Cindy nunca ficou aqui. Muita modernidade para ela. Ela era mais caseira.

- Onde ela morava?

- Em uma casa de estudantes perto daqui. – disse Rachel – Mas ela não estava indo para casa sábado à noite. Ela ia encontrar com o namorado.

Avery apurou os sentidos.

- Namorado?

Rachel assentiu.

- Winston Graves, veterano de longa data, remador, um imbecil. Ninguém nunca entendeu porque ela namorava ele. Bom, acho que eu sei na verdade. Ele é lindo e tem muito dinheiro. Cindy nunca teve dinheiro. Eu acho que quando você nunca teve dinheiro, isso é algo atraente.

Sim, Avery pensou, *eu sei*. Ela lembrou de como o dinheiro, o prestígio e o poder de seu antigo escritório de advocacia tinham feito com que ela acreditasse que era diferente da jovem assustada e determinada que havia saído de Ohio.

- Onde Winston mora? – Perguntou.

- Em Winthrop Square. É bem perto daqui. Mas Cindy não chegou até lá. Winston veio no domingo de manhã procurando por ela. Ele pensou que ela tinha apenas esquecido do que eles combinaram e tinha dormido. Então nós fomos até a casa dela juntos e ela também não estava lá. Foi quando eu liguei para a polícia.

- Ela pode ter ido para outro lugar?

- Nunca – disse Raquel. – Não é o tipo dela.

- Então quando ela saiu daqui você tinha certeza que ela estava indo para a casa do Winston.

- Com certeza.

- Alguma coisa pode ter mudado os planos dela? Algo que aconteceu naquela noite, mais cedo?

Rachel balançou a cabeça.

- Não. Bem... - ela lembrou – houve *algo*. Tenho certeza que não é nada de mais, mas havia um garoto que gostava da Cindy há anos. O nome dele é George Fine. Ele é lindo, solitário, mas um pouco estranho, se você me entende. Malha e corre muito pelo campus. Eu tive aulas com ele uma vez ano passado. Uma de nossas brincadeiras é que todo semestre ele estava em pelo menos uma aula com Cindy, desde o ano de calouro. Ela era obcecado por ela. Ele estava aqui sábado, e o mais louco é que Cindy dançou com ele, e eles até se beijaram. Totalmente estranho em se tratando de Cindy. Quero dizer, por ela estar namorando Winston. Não que eles tinham um namoro perfeito. Mas ela estava muito bêbada, e com raiva. Eles dançaram, se beijaram, e depois ela foi embora.

- George a seguiu?

- Eu não sei – ela disse. Sinceramente, eu não lembro de ter visto ele seguindo Cindy, mas pode ser porque eu estava totalmente bêbada.

- Você lembra a que horas ela foi embora?

- Sim - ela disse – exatamente quinze para as três. Sábado era nossa festa anual de Primeiro de Abril, e nós íamos fazer uma pegadinha, mas todo mundo estava se divertindo tanto que nós esquecemos disso até a hora que Cindy saiu.

Rachel baixou sua cabeça. Um vazio tomou conta do lugar por um instante.

- Bom, veja - disse Avery – isso pode ser de grande ajuda. Obrigado. Aqui está meu cartão. Se você lembrar de mais alguma coisa, ou se as garotas da irmandade tiverem algo para contar, eu gostaria muito de saber. Essa é uma investigação aberta, então até o menor detalhe pode nos ajudar.

Rachel a olhou com lágrimas nos olhos. As lágrimas começaram a cair por seu rosto, mas sua voz se manteve calma e estável.

- Ela está morta, não está?

- Rachel, eu não posso...

Rachel assentiu, e depois cobriu o rosto com as mãos, completamente destruída. Avery chegou perto e a abraçou forte.

CAPÍTULO SEIS

Do lado de fora, Avery olhou para o sol e respirou fundo.

A Church Street era muito movimentada, e muitos lugares tinham câmeras. Mesmo no meio da noite, ela não acreditava que era ali que Cindy havia sido raptada.

Onde você foi? Imaginou.

Uma busca rápida no celular mostrou o caminho mais rápido para a Winthrop Square. Ela seguiu na Church e virou à esquerda na Brattle. A Brattle Street era mais larga que a Church, com a mesma quantidade de lojas. Na rua, ela viu o Teatro Brattle. Um pequeno beco se situava em um dos lados do prédio, colado em um café. Árvores deixavam a área em sombras. Curiosa, Avery caminhou até a faixa estreita entre os prédios.

Ela voltou à Brattle e olhou cada uma das fachadas no raio de uma quadra nos dois lados da Church Street. Havia pelo menos duas lojas com câmeras no lado de fora.

Ela entrou em uma pequena tabacaria.

O sino na porta tocou.

- Posso ajudar? – Disse um hippie, branco e idoso, com dreadlocks no cabelo.

- Sim - disse Avery – Eu vi que você tem uma câmera ali fora. Até onde você acha que ela chega?

- Na quadra inteira - ele disse – nas duas direções. Tive que instalar há dois anos. Malditos universitários. Todo mundo acha que esses jovens de Harvard são especiais, mas são apenas um bando de imbecis como quaisquer outros. Durante anos eles quebraram minhas janelas. Essas pegadinhas de faculdade, sabe? Não comigo. Você sabe quanto custa uma janela dessa?

- Eu sinto por isso. Olha, eu não posso garantir - ela disse mostrando seu distintivo – mas algumas dessas crianças idiotas podem ter causado um distúrbio aqui na rua, mais pra frente. Não há câmeras lá. Eu poderia dar uma olhada? Eu sei o horário exato. Não vai demorar.

Ele franziu a testa e murmurou para si mesmo.

- Não sei. Eu tenho que cuidar da loja. Eu estou sozinho aqui.

- Eu vou fazer seu tempo valer a pena. – Ela sorriu. – O que acha de 50 mangos?

Sem falar nada, ele baixou a cabeça, saiu do balcão e mudou o sinal da porta de “aberto” para “fechado”.

- Cinquenta mangos? – ele disse. – Entre!

A parte de trás da loja era escura e bagunçada. Entre caixas e alguns objetos, o homem abriu espaço até uma televisão. Acima da televisão, em uma estante mais alta, havia uma série de equipamentos eletrônicos conectados à TV.

- Eu não ando usando muito - ele disse – apenas quando há algum problema. As

fitas são apagadas toda semana, às segundas à noite. Quando foi seu incidente?

- Sábado à noite – respondeu Black.

- Certo. Então você está com sorte.

Ele ligou a TV.

A imagem em preto e branco era de fora da loja. Avery podia ver perfeitamente a entrada, assim como o outro lado da rua e boa parte da Brattle. A área que ela queria investigar, especificamente, estava a mais ou menos 50 metros. A imagem estava granulada, e era quase impossível ver alguma coisa na frente do beco.

Um pequeno mouse foi usado para ver as imagens antigas.

- Que horas você disse? – Ele perguntou.

- Quinze para as três - ela respondeu – mas eu preciso ver outros horários também. Você se importa se eu sentar aqui e olhar eu mesma? Você pode voltar para a loja.

Um olhar suspeito a fitou.

- Você vai roubar alguma coisa?

- Eu sou policial - ela disse. – Seria contra meus princípios.

- Então você não é como todos os policiais que *eu* conheço – ele riu.

Avery puxou uma pequena cadeira. Ela tirou a poeira e sentou-se. Analisou o equipamento rapidamente e logo aprendeu a colocar as imagens para frente e para trás.

Às quinze para as três, algumas poucas pessoas caminhavam nos dois sentidos da Brattle Street.

Às dez para as três, a rua parecia vazia.

Às oito para as três, alguém – uma garota pelo vestido e cabelo – apareceu no vídeo, na direção da Church. Ela caminhou pela Brattle e virou à esquerda. Assim que passou do café, uma imagem escura vinda das árvores apareceu junto à dela, e os dois desapareceram. Por um momento, Avery só conseguia ver o movimento indecifrável de várias sombras negras. Na continuação da cena, as árvores tomaram sua forma original. A garota nunca reapareceu.

- Merda! – Sussurrou.

Ela tirou um moderno walkie-talkie da parte de trás de seu cinto.

- Ramirez - disse – cadê você?

- Quem é? – respondeu uma voz crepitante.

- Você sabe quem é. Sua nova parceira.

- Ainda estou na Lederman. Quase terminando aqui. Eles acabaram de levar o corpo.

- Eu preciso de você aqui, agora. – Ela disse e o deu a localização. – Eu acho que sei onde Cindy Jenkins foi raptada.

Uma hora depois, Avery já tinha bloqueado os dois lados do beco com fita amarela. Na Brattle Street, um carro da polícia e uma van da perícia estavam estacionadas na calçada. Um oficial foi posicionado para afastar os curiosos.

O beco terminava em uma rua larga e escura, mais ou menos na metade da quadra. Em um lado da rua havia um prédio de uma imobiliária com fachada de vidro e uma doca de carregamento. No outro lado da rua havia um complexo de casas. Havia também um estacionamento com espaço para quatro carros. Outro carro de polícia, parado rente a mais uma faixa de fita amarela, estava ao fim do beco.

Avery estava parada em frente à doca.

- Ali - disse, apontando para uma câmera no alto. – Nós precisamos daquelas imagens. Provavelmente essa câmera é da imobiliária. Vamos até lá ver o que podemos encontrar.

Ramirez balançou a cabeça.

- Você está louca - disse – não deu pra ver nada naquela fita.

- Cindy Jenkins não tinha porque entrar nesse beco – disse Avery. – O namorado dela mora na direção contrária.

- Talvez ela queria dar uma caminhada. – Ramirez argumentou. – Só estou dizendo que estamos colocando muitos homens trabalhando aqui, e tudo que temos é um pressentimento.

- Não é só um pressentimento. Você viu a fita.

- Eu vi um monte de borrões pretos que não consegui identificar! – Ele argumentou. – Por que o assassino atacaria aqui? Tem câmeras em todos os lados. Só se ele fosse um idiota!

- Vamos descobrir – respondeu Black.

A imobiliária Top Real State era dona do prédio de vidro e da doca.

Após uma pequena discussão com a segurança no hall de entrada, Avery e Ramirez foram instruídos a esperar no sofá de couro até que alguém com mais autoridade chegasse. Dez minutos depois, o chefe da segurança e o presidente da empresa apareceram.

Avery abriu seu melhor sorriso e apertou suas mãos.

- Obrigada por virem – disse. – Nós gostaríamos de ter acesso à câmera que está bem acima da sua doca. Nós não podemos garantir – ela franziu a testa – mas acreditamos que uma garota, que agora está morta, foi raptada sábado à noite, provavelmente em frente à sua porta de trás. A não ser que encontremos algo, nós não vamos levar mais do que 20 minutos.

- E se vocês encontrarem? – perguntou o presidente.

- Nesse caso você terá feito a coisa certa em ajudar a polícia em algo tão importante e urgente. Um mandado pode nos tomar um dia inteiro. O corpo da garota está morto há dois dias. Ela não pode mais falar. Ela não pode nos ajudar. Mas você pode. Por favor, nos ajude. A cada segundo perdido nós ficamos mais longe da verdade.

O presidente assentiu e se virou para sua segurança.

- Davis – disse – mostre a eles. Dê tudo o que eles precisarem. Se houver algum problema – ele olhou para Avery – por favor me avise.

No caminho, Ramirez sussurrou:

- Que encantadora.

- Faço o que for preciso. – respondeu Avery, também com um sussurro.

O escritório de segurança da Top Real State era uma sala barulhenta, com mais de 20 televisões. O guarda sentou-se à frente de uma mesa preta e um teclado.

- OK - ele disse – Hora e local?

- Doca. Por volta de duas e cinquenta e dois, e depois adiante.

Ramirez balançou a cabeça.

- Nós não vamos encontrar nada.

As câmeras da imobiliária eram muito melhores do que a da tabacaria, além de serem coloridas. A maioria das telas tinha um tamanho parecido, mas uma em particular era maior. O guarda pôs a câmera da doca na tela grande e depois começou a retroceder a imagem.

- Aí – interrompeu Avery. – Pare!

A imagem foi paralisada às duas e cinquenta. A câmera mostrava uma vista panorâmica do estacionamento diretamente da doca, bem como o lado esquerdo, em direção ao sinal de Rua sem Saída e da próxima rua. Havia apenas uma vista parcial do beco em direção à Brattle. Apenas um carro estava parado no estacionamento: uma minivan que parecia ser azul-escura.

- Aquele carro não deveria estar ali – apontou o guarda.

- Você pode consultá-lo? – perguntou Avery.

- Sim, vou fazer isso – disse Ramirez.

Os três seguiram olhando. Por enquanto, o único movimento vinha dos carros na rua perpendicular e das árvores.

Às duas e cinquenta e três, duas pessoas apareceram na tela.

Devia ser um casal apaixonado.

Um era um pequeno homem, magro e baixo, com cabelo grosso, bigode e óculos. A outra era uma garota, mais alta, com cabelos longos. Ela vestia sandálias e um vestido claro de verão. Eles pareciam estar dançando. Ele segurava uma das mãos dela e a girava pela cintura.

- Cacete! – disse Ramirez – é Jenkins!

- Mesmo vestido – disse Avery – Sapato, cabelo.

- Ela estava dopada – ele falou. – Olhe só. Os pés estão se arrastando.

Eles assistiram ao assassino abrir a porta do carona e colocar a garota dentro do carro. Depois, ele caminhou para o lado do motorista, olhou diretamente para a câmera da doca, curvou-se como se estivesse no teatro, e chegou à porta do motorista.

- *Merda!* – Ramirez berrou. – Esse filho da puta está brincando com a gente!

- Quero todos trabalhando nisso – disse Avery. – Thompson e Jones ficam o tempo todo na vigilância a partir de agora. Thompson pode ficar no parque. Fale para ele sobre a minivan. Isso vai ajudá-lo nas buscas. Nós precisamos saber para que direção esse carro foi. Jones tem uma missão mais difícil. Ele precisa vir até aqui agora e seguir a van pelas imagens. Não quero saber como. Diga a ele para ir atrás de qualquer câmera que possa ajudar ele nisso.

Ela virou-se para Ramirez, que a olhava, chocado.

- Achamos nosso assassino.

CAPÍTULO SETE

O cansaço finalmente chegou para Avery às quinze para as sete da noite, no elevador que subia com direção ao segundo andar da estação de polícia. Toda a energia e ímpeto que havia chegado com as revelações daquela manhã culminaram em um dia produtivo, mas em uma noite de muitas perguntas sem resposta. Sua pele clara estava um pouco queimada pelo sol, seu cabelo bagunçado, a jaqueta que estava usando jogada em seus ombros. Sua camiseta, suja e amassada. Ramirez, por outro lado, parecia estar com mais forças do que pela manhã. Cabelo penteado para trás, roupa quase sem amasso, olhos afiados e apenas uma gota de suor na testa.

- Como você pode parecer tão inteiro? – Ela perguntou.

- São minhas raízes hispano-mexicanas – explicou orgulhoso. – Eu posso trabalhar vinte e quatro, vinte e oito horas e ainda assim manter esse brilho.

Um rápido olhar para Avery e ele lamentou:

- É, você está bem acabada.

Seus olhos se encheram de respeito.

- Mas você conseguiu.

O segundo andar não estava completamente cheio à noite, com a maioria dos oficiais em casa ou trabalhando nas ruas. As luzes da sala de conferências estavam acesas. Dylan Connelly estava lá dentro, obviamente irritado. Quando os viu, ele abriu a porta.

- Onde vocês estavam? – Esbravejou. – Eu disse que queria um relatório às cinco! São quase sete. Vocês desligaram os walkie-talkies. *Os dois!* – Ele apontou. – Eu poderia esperar isso de você, Black, mas não de você, Ramirez. Ninguém me ligou. Ninguém atendeu as ligações. O capitão também está puto, então não adianta chorar pra ele. Vocês têm ideia do que aconteceu por aqui? Que merda vocês estão pensando?

Ramirez levantou as mãos.

- Nós ligamos - disse – nós deixamos uma mensagem.

- Você ligou vinte minutos atrás – Dylan esbravejou. – Eu estou te ligando a cada meia hora desde *as quatro e quarenta*. Alguém morreu? Vocês estavam perseguindo o assassino? O Deus Todo Poderoso desceu do céu para ajudar vocês nesse caso? Porque essas são as únicas respostas aceitáveis para essa desobediência flagrante. Eu deveria tirar vocês dois desse caso agora mesmo!

Ele apontou para a sala de conferências.

- *Entrem aí.*

Ameaças raivosas não funcionavam com Avery. A fúria de Dylan era um barulho distante que ela poderia facilmente ignorar. Ela havia aprendido a fazer isso há muito tempo, ainda em Ohio, quando tinha que escutar seu pai gritando com sua mãe quase

todas as noites. Naquele tempo, ela colocava as mãos nas orelhas com força, cantava e sonhava com o dia em que finalmente seria livre. Agora, ela tinha coisa mais importantes para prestar atenção.

O jornal da tarde estava sobre a mesa.

A foto de Avery estava na capa, em uma foto em que parecia que alguém havia apenas empurrado uma câmera em seu rosto. A manchete dizia: “Assassinato no Lederman Park. Advogada defensora de assassinos em série no caso!” Ao lado da foto de página inteira havia uma foto de Howard Randall, o velho e acabado assassino dos pesadelos de Avery com uma garrafa de Coca-Cola e um sorriso no rosto. A manchete sobre sua foto dizia: “Não acredite em ninguém. Advogados ou policiais”.

- Você viu isso? – Perguntou Connelly.

Ele pegou o jornal e virou para a contra capa.

- *Você está na capa!* Primeiro dia no Esquadrão de Homicídios e você está na capa dos jornais... *outra vez*. Você consegue ver o quão amador é isso? Não, não - ele disse ao ver a expressão de Ramirez – nem tente falar nada agora. Vocês dois foderam tudo. Eu não sei com quem vocês falaram hoje de manhã, mas vocês começaram uma avalanche! Como é que Harvard ficou sabendo da morte de Cindy Jenkins? Tem uma homenagem pra ela no site da Kappa Kappa Gamma!

- Um chute, quem sabe? – disse Avery.

- *Vá se foder, Black! Você está fora do caso. Entendeu?*

O capitão O'Malley entrou na sala.

- Espere! – Disse Ramirez. – Você não pode fazer isso. Você não sabe o que nós conseguimos!

- Não me importa o que vocês conseguiram - Dylan esbravejou. - Eu ainda não terminei. Essa merda fica pior. O Prefeito ligou uma hora atrás. Parece que ele costumava jogar golf com o pai da Jenkins, e ele quer saber porque uma ex-advogada de defesa, que livrou um assassino em série da prisão, está cuidando do caso de assassinato da filha de um amigo tão próximo.

- Acalme-se – O'Malley entrevistou.

Dylan caminhou pela sala, com o rosto vermelho e a boca aberta. Ao sinal do Capitão, que era menor e mais calmo, mas parecia pronto para explodir, ele tentou se acalmar.

- Por alguma razão - O'Malley disse com a voz branda – esse caso saiu do controle. Por isso, eu quero saber o que vocês fizeram o dia todo. Se estiver tudo bem por você, Dylan.

Connelly murmurou qualquer coisa e saiu.

O capitão assentiu para Avery.

- Explique-se.

- Eu não falei o nome da vítima para ninguém – disse Avery. – Mas eu falei com uma garota da Kappa Kappa, a melhor amiga de Cindy Jenkins, Rachel Strauss. Ela deve ter se dado conta. Eu sinto por isso. – Falou com um olhar realmente sentido para Dylan. – Esse tipo de conversa não é meu forte. Eu queria respostas e eu as consegui.

- Conte pra eles – intrometeu-se Ramirez.

Avery andou em volta da mesa de conferências.

- Nós temos um assassino em série nas mãos.

- *Ah, fala sério!* – lamentou Dylan. – Como ela pode dizer isso? Ela está no caso faz um dia. O que nós temos é uma garota morta. Não tem como.

- *Você pode calar a boca?* – berrou O'Malley.

Dylan mordeu os lábios e assentiu.

- Esse não é um assassinato comum – disse Avery. – Você mesmo me disse, Capitão, e você deve ter percebido também - continuou olhando para Dylan. – A vítima foi transformada para parecer viva. Nosso assassino a venerava. Sem feridas no corpo, sem entradas a força, então podemos eliminar gangues e violência doméstica. Os peritos confirmaram que ela foi drogada com um anestésico forte, provavelmente natural, que o assassino pode ter criado ele mesmo, com extrato de plantas que podem ter a paralisado instantaneamente e a matado devagar. Levando em conta que ele guarda essas plantas clandestinamente em um lugar fechado, ele precisa de luzes, comida e um sistema de irrigação. Eu fiz algumas ligações para descobrir como essas sementes são importadas, onde são vendidas, e como colocar as mãos nesse equipamento. Ele também queria que a vítima ficasse viva, pelo menos um pouco. Eu não sabia porque, até que nós o encontramos nas imagens de vigilância de uma câmera.

- Que? – murmurou O'Malley.

- Nós o encontramos – disse Ramirez. – Não se anime muito. As imagens são granuladas e difíceis de ver, mas todo o rapto pode ser visto de duas câmeras diferentes. Jenkins saiu da festa um pouco depois das duas e meia na madrugada de domingo para ir para a casa do namorado. Ele mora a mais ou menos cinco quadras do prédio das Kappa Kappa Gamma. Avery fez o mesmo caminho que ela imaginava que Jenkins havia feito. Ela encontrou um beco. Não sei o que deu nela pra fazer isso, mas com um pressentimento, ela foi checar a câmera de segurança em uma tabacaria próxima ao local.

- Você precisa de um mandado para isso. – interrompeu Dylan.

- Só se alguém pedir. – Avery respondeu. – E às vezes um sorriso amigo e uma conversa convincente podem ajudar muito. Aquela tabacaria sofreu com vandalismo mais ou menos dez vezes no último ano. Eles instalaram uma câmera do lado de fora recentemente. A loja fica no lado oposto ao beco, meia quadra antes, mas claramente

é possível ver uma garota debaixo de algumas árvores, e eu achei que poderia ser Cindy Jenkins.

- Foi quando ela me ligou – Ramirez tomou a palavra. – Eu achei que ela estava louca. Sério. Eu vi o vídeo e eu não teria notado nada. Mas Black me fez ligar para os peritos e levar a equipe toda para lá. Você pode imaginar, eu fiquei puto. No entanto - ele falava com ânimo nos olhos – ela estava certa. Havia outra câmera em uma doca nos fundos do beco. Nós pedimos para a empresa para ver as imagens. Eles concordaram e, *boom!* – Ele abriu os braços – Um homem apareceu no beco segurando nossa vítima. O mesmo vestido. Os mesmos sapatos. Ele é minúsculo, menor que Cindy, e dançava. Na verdade, ele estava segurando ela e dançando. Aquele merda estava nos provocando. Ele colocou ela no banco da frente de uma minivan e dirigiu para o nada. O carro é um Chrysler, azul escuro.

- Rastreamos a placa?

- É falsa. Eu já rastreei. Devia ser uma placa de mentira. Estou fazendo uma lista de todas as minivans Chrysler daquela cor vendidas nos últimos cinco anos em um raio considerável. Vai demorar um pouco, mas talvez nós conseguiremos diminuir a lista com mais informações. Outra coisa, ele estava disfarçado. Mal dava pra ver a cara. Estava de bigode, talvez peruca, óculos. A única coisa que podemos ter certeza é a altura, entre 1,65 e 1,68m, e talvez a cor da pele: branca.

- Onde estão as fitas? – Perguntou O'Malley.

- Lá embaixo, com Sarah – respondeu Avery. – Ela disse que pode levar um tempo, mas ela vai tentar desenhar um retrato do assassino com base no que ela conseguir ver até amanhã. Assim que tivermos um retrato, podemos comparar com nossos suspeitos, colocar da base de dados e ver o que encontramos.

- Onde estão Jones e Thompson? – Perguntou Dylan.

- Espero que trabalhando ainda – disse Avery. – Thompson está no comando das buscas no parque. Jones está tentando descobrir para onde foi a minivan depois que saiu do beco.

- Até a hora que saímos – acrescentou Ramirez – Jones tinha encontrado pelo menos seis câmeras em um raio de dez quadras do beco que poderiam ajudar.

- Mesmo que ele perca o carro de vista – Avery disse – nós podemos pelo menos restringir a direção. Nas sabemos que ele foi para o norte do beco. Essa informação, junto com seja lá o que Thompson encontrar no parque, pode nos fazer determinar uma área e ir de casa em casa se for preciso.

- E os peritos? Encontraram algo? – O'Malley perguntou.

- No beco, nada. – Avery respondeu.

- Isso é tudo?

- Nós temos alguns suspeitos, também. Cindy estava em uma festa na noite do rapto. Um cara chamado George Fine estava lá. Parece que ele estava atrás de

Cindy há anos: indo às mesmas aulas, aos mesmos eventos que ela. Ele beijou Cindy pela primeira vez e dançou com ela a noite toda.

- Você falou com ele?

- Ainda não – ela disse, e olhou para Dylan. – Eu queria sua aprovação antes de criar uma tempestade em Harvard.

- Que bom que você ainda tem *algum* senso de protocolo. – Dylan resmungou.

- Também tem o namorado - ela acrescentou para O'Malley. – Winston Graves. Cindy teoricamente iria para a casa dele naquela noite. Mas nunca apareceu.

- Então temos dois suspeitos em potencial, imagens do caso, e um carro para encontrar. Estou impressionado. E sobre o motivo? Você já pensou em algo?

Avery desviou o olhar.

As imagens que ela viu, bem como a maneira com que a vítima havia sido manipulada e colocada no parque, tudo apontava para um homem que amava o que fazia. Ele já tinha feito aquilo antes, e faria novamente. Algum tipo de força maior devia tê-lo motivado, porque ele teve pouco cuidado com a polícia. Aquela cena no beco, diretamente para a câmera, também dizia muito. Aquilo demandava coragem, ou estupidez, e nada no rapto ou na colocação do corpo no parque apontavam para algo impensado.

- Ele está jogando conosco – ela disse. – Ele gosta de fazer o que faz, e quer fazer novamente. Eu diria que ele tem algum tipo de plano. Isso ainda não acabou.

Dylan bufou e balançou a cabeça.

- Ridículo.

- Tudo bem – disse O'Malley. – Avery, você está liberada para falar com os suspeitos amanhã. Dylan, entre em contato com Harvard e os deixe a par da situação. Eu vou ligar para o comandante hoje à noite e avisá-lo do que nós já temos. Eu acho que também devemos te dar um mandado de acesso às câmeras. Vamos manter Thompson e Jones nas tarefas deles. Dan, eu sei que você trabalhou o dia todo. Só mais uma coisa e você pode ir embora. Consiga o endereço dos dois garotos de Harvard se você ainda não tem. Passe por lá no caminho pra casa. Certifique-se de que eles não vão fugir. Não quero ninguém escapando.

- Eu posso fazer isso – disse Ramirez.

- Ok - aprovou O'Malley. – Vá. Excelente trabalho de vocês dois. Vocês devem ter orgulho disso. Avery e Dylan, fiquem aqui mais um pouco.

Ramirez olhou para Avery.

- Você quer que eu te busque amanhã de manhã? Às 8? Vamos sair juntos?

- Claro.

- Eu vou me manter em contato com Sarah sobre o retrato. Talvez ela tenha algo.

Ver um parceiro querendo ajudar, por livre e espontânea vontade, era algo novo para Avery. Todos os seus outros parceiros desde que ela havia entrado na polícia

tinham tido vontade deixá-la morta em uma vala, se possível.

- Parece ótimo – ela disse.

Assim que Ramirez saiu, O'Malley fez Dylan sentar-se em um lado da mesa de conferências, e Avery no outro.

- Escutem, vocês dois - disse com voz firme. – O comandante me ligou hoje, querendo saber o que eu estava pensando, colocando uma ex-advogada de defesa criminal conhecida e acabada neste caso. Avery, eu disse a ele que você era a oficial certa para este trabalho e mantive minha decisão. Seu trabalho hoje prova que eu estava certo. Mas são quase sete e meia e eu ainda estou aqui. Eu tenho uma esposa e três filhos esperando por mim em casa e eu quero muito ir para casa vê-los e esquecer desse lugar horrível por um tempo. Claro, nenhum de vocês têm essa preocupação, então talvez vocês não entendam o que eu estou dizendo.

Ela o olhava de volta, pensando.

Vamos logo. Pare de me encher com suas besteiras.

Um silêncio tenso tomou conta da sala.

- Dylan, comece a agir como um supervisor. Não me ligue a cada detalhezinho. Aprenda a cuidar do seu pessoal sozinho. E você - ele disse a Avery – é melhor parar com esse jeito idiota e com as atitudes de quem não está nem aí e começar a agir como se você se importasse, porque eu *sei* que você se importa. – Ele olhou para ela por um bom tempo. – Eu e Dylan ficamos te esperando por horas. Você quer desligar o rádio? Não atender o telefone? Isso te ajuda a pensar? Bom pra você. Faça isso. Mas quando seu superior liga, você tem que retornar. A próxima vez que isso acontecer, você está fora do caso. Entendido?

Avery assentiu, humildemente.

- Entendido.

- Entendido. – Dylan repetiu.

- Que bom – O'Malley respondeu.

Ele levantou-se e sorriu.

- Agora... Eu tinha que ter feito isso antes, mas não há hora melhor para apresentações. Avery Black, eu gostaria de te apresentar Dylan Connelly, pai divorciado de duas crianças. A esposa o deixou dois anos atrás porque ele nunca voltava para casa e bebia muito. Agora eles moram em Maine e ele nunca vê os filhos, então ele está sempre estressado.

Dylan endureceu-se e se preparou para falar, mas não disse nada.

- E Dylan... Apresento Avery Black, ex-advogada de defesa criminal que se fodeu ao libertar um dos piores assassinos do mundo nas ruas de Boston, um homem que voltou a matar e destruiu a vida dela. Ela perdeu um marido multimilionário e tem uma filha que quase não fala com ela. E, assim como você, ela geralmente desconta as mágoas no trabalho e no álcool. Você vê? Vocês têm mais em comum do que você

pensava.

Ele voltou a ficar sério.

- Não me envergonhem de novo, ou os *dois* estão fora do caso.

CAPÍTULO OITO

Deixados sozinhos na sala de conferências, Avery e Dylan ficaram se olhando por alguns momentos em silêncio. Nenhum dos dois se movia. Ele estava de cabeça baixa, fazendo careta e parecendo estar refletindo sobre algo. Pela primeira vez, Avery sentiu simpatia por ele.

- Eu sei como é - ela começou a falar.

Dylan levantou-se rapidamente e colocou a cadeira com força de volta no lugar.

- Não pense que isso muda alguma coisa - ele disse. – Você e eu não temos nada em comum.

Ainda que suas expressões fossem de raiva e distantes, seus olhos diziam algo diferente. Avery tinha certeza de que ele estava à beira de um colapso. Algo que o capitão havia dito o afetou, assim como havia afetado ela. Os dois estavam fragilizados e sozinhos.

- Olha só - ela disse – Eu estava pensando...

Dylan se virou e abriu a porta. Seu movimento até a saída a fez confirmar o que ela imaginava: seus olhos vermelhos estavam cheios de lágrimas.

- Cacete! – Ela sussurrou.

As noites eram a pior parte do dia para Avery. Ela não tinha mais um grupo estável de amigos, nem hobbies, nem outro trabalho, e andava tão cansada que não conseguia nem pensar em fazer exercícios. Sozinha na mesa enorme, ela baixou a cabeça, temendo o que viria a seguir.

A saída do escritório foi como todos os dias, porém carregada com um sentimento estranho, e muitos oficiais ainda mais irritados com a capa do jornal estampando Avery.

- Ei, Black! – Alguém a chamou e apontou para o jornal. – Boa foto!

Outro policial tocou a imagem de Howard Randall.

- Essa matéria diz que vocês eram bem próximos, Black. Você entende de gerontofilia? Você sabe o que é isso? Significa que você gosta de foder com idosos!

- Vocês são hilários! – Ela sorriu e apontou os dedos em forma de arma.

- Vá se foder, Black.

* * *

Uma BMW branca estava estacionada na garagem. Cinco anos de uso, suja. Avery havia a comprado no auge de sua carreira como advogada de defesa.

Onde você estava com a cabeça? Pensou. *Por que alguém compra um carro branco?*

Sucesso, ela lembrou. A BMW branca, outrora, fora brilhante e chamativa, e ela

queria que todo mundo soubesse que ela era a chefe. Agora, o carro era um lembrete de sua vida mal sucedida.

O apartamento de Avery era na Bolton Street, no sul de Boston. Ela era dona de um dois quartos no segundo andar de um prédio de dois andares. O lugar era decadente em relação à sua antiga casa, mas era espaçoso e agradável, com um bom terraço onde ela podia sentar e relaxar após um dia árduo de trabalho.

A sala de estar era um espaço aberto com um tapete marrom e felpudo. A cozinha ficava à direita da porta de entrada, separada do resto da sala por dois grandes móveis. Não havia plantas ou animais. Virado para o norte, o apartamento geralmente era escuro. Avery jogou suas chaves na mesa e se desfez do resto de seus pertences: arma, colete, walkie-talkie, distintivo, cinto, telefone e carteira. Ela se despiu no caminho para o banho.

Após pensar muito para processar o que havia acontecido no dia, ela vestiu um roupão, pegou uma cerveja da geladeira, seu telefone e foi até o terraço.

Quase vinte chamadas não atendidas estavam na tela do celular, além de dez novas mensagens. A maioria era de Connelly e O'Malley, muitas vezes gritando.

Às vezes, Avery ficava tão concentrada e focada em algo que se recusava a prestar atenção em qualquer coisa que não fosse essencial para sua tarefa, especialmente quando ainda havia um quebra-cabeça para ser montado. Hoje havia sido um desses dias.

Ela arrastou a tela para os últimos números discados e para todos os números que haviam ligado para ela no último mês. Nenhuma chamada era de sua filha ou de seu ex-marido.

De repente, ela sentiu falta dos dois.

Números foram discados.

O telefone tocou.

Uma mensagem respondeu: “Oi, aqui é Rose. Eu não posso atender agora, mas se você deixar uma breve mensagem com seu nome e número, eu retorno assim que puder. Muito obrigada.” Bip.

Avery desligou.

Ela considerou a ideia de ligar para Jack, seu ex. Ele era um bom homem, seu amor da faculdade, e tinha um coração de ouro. Um cara decente. Eles viveram um amor tórrido desde que tinham 18 anos, mas seu ego causado pelo trabalho dos sonhos havia estragado tudo.

Por anos, ela culpou outras pessoas pela separação e pela briga com sua filha. Howard Randall por suas mentiras, seu antigo chefe, o dinheiro, o poder, e todas aquelas pessoas que constantemente ela precisava entreter e barganhar para estar um passo à frente da verdade. Pouco a pouco, seus clientes se tornaram menos confiáveis, e mesmo assim ela quis seguir, ignorando a verdade, enganando a justiça

de um jeito ou de outro, simplesmente para ganhar. *Só mais um caso*, ela dissera várias vezes. *Da próxima vez, vou defender alguém realmente inocente e colocar as coisas em ordem.*

Howard Randall havia sido aquele caso.

Eu sou inocente, ele dissera chorando na primeira reunião. *Esses alunos são minha vida. Por que eu machucaria algum deles?*

Avery havia acreditado nele, e pela primeira vez em muito tempo, ela havia começado a acreditar em si mesma. Randall era um professor de psicologia de Harvard mundialmente renomado, com seus 60 e poucos anos, sem razão ou passado conhecido de suas perturbadoras crenças pessoais. Mais do que isso, ele parecia fraco e acabado, e Avery sempre quis defender os fracos.

Quando ela o libertou, havia sido o auge de sua carreira, o ponto mais alto, até ele voltar a matar e transformá-la em uma fraude.

Tudo que Avery queria saber era: por que?

Por que você fez isso? Ela perguntara certa vez para ele no telefone. *Por que você mentiu e armou para mim, simplesmente para ir para a cadeira pelo resto da vida?*

Porque eu sabia que você se salvaria, Howard respondera.

Salvaria, Avery pensou.

Isso é se salvar? Ela pensou e olhou em volta. *Aqui? Agora? Sem amigos? Sem família? Uma cerveja na mão e uma vida nova caçando assassinos que me fazem relembrar meu passado?* Ela deu um gole na cerveja e balançou a cabeça. *Não, isso não é se salvar. Pelo menos não ainda.*

Seus pensamentos se voltaram para o assassino.

Uma imagem dele apareceu em sua mente: quieto, sozinho, desesperado por atenção, especialista em ervas e cadáveres. Ela descartou um alcoólatra ou viciado. Ele era muito cuidadoso. A minivan indicava uma família, mas suas ações pareciam indicar que uma família era o que ele *queria*, não o que ele *tinha*.

Com a mente inundada em pensamentos e imagens, Avery tomou mais duas cervejas até que finalmente pegou no sono em sua confortável cadeira.

CAPÍTULO NOVE

Em seus sonhos, Avery estava com sua família outra vez.

Seu ex era um homem atlético com o cabelo bem cortado e olhos verdes deslumbrantes. Alpinistas ávidos, eles estavam em um passeio com sua filha, Rose. Ela só tinha 16 anos e já havia sido admitida antecipadamente na Brandeis College, mesmo ainda estando no segundo grau. No sonho, no entanto, ela ainda era uma criança de seis anos. Eles estavam cantando e caminhando juntos por um caminho cheio de grandes árvores. Pássaros pretos bateram as asas e cantaram antes das árvores se transformarem em um monstro assombroso e algo como uma faca atingisse Rose no peito.

- Não! - Avery gritou.

Outra mão esfaqueou Jack e ele e sua filha foram levados.

- Não! Não! Não! – Avery chorava.

O monstro se abaixou.

Os lábios negros sussurraram em seu ouvido.

Não existe justiça.

Avery acordou assustada com o som de um toque incessante. Ela ainda estava no terraço, de roupão. O sol já havia nascido. O telefone continuava tocando.

Ela atendeu.

- Black.

- Ei, Black! – Ramirez respondeu. – Você não atende nunca? Estou aqui embaixo. Pegue suas coisas e vamos. Tenho café e alguns esboços de retratos.

- Que horas são?

- Oito e meia.

- Preciso de cinco minutos – ela respondeu e desligou.

O sonho continuou nos pensamentos dela. Vagarosamente, Avery levantou-se e entrou no apartamento. Sua cabeça latejava. Ela vestiu calças jeans e uma camiseta branca, que ficou mais apresentável junto com o blazer preto. Três goles de suco de laranja e uma barra de granola batida serviram de café da manhã. Na saída de casa, Avery se olhou no espelho. Suas roupas e aquele café da manhã estavam a anos luz dos ternos de milhares de dólares e dos cafés diários nos restaurantes mais chiques. *Esqueça isso, ela pensou. Você não está aqui para se vestir bem. Você está aqui para ir atrás de bandidos.*

Ramirez a entregou uma xícara de café no carro.

- Você está com boa aparência, Black - ele brincou.

Como sempre, ele parecia o modelo da perfeição: jeans azul-escuros, uma camisa de botão azul-claro e uma jaqueta azul-escuro com cintos e sapatos marrons.

- Você deveria ser modelo - Avery respondeu – não policial.

Um sorriso mostrou seus dentes perfeitos.

- Na verdade, eu trabalhei um pouco como modelo um tempo atrás.

Ele saiu da rua em sentido norte.

- Você conseguiu dormir essa noite? – Ramirez perguntou.

- Não muito. E você?

- Dormi como um neném - ele respondeu orgulhoso. – Eu sempre durmo bem. Nada disso me atinge, sabe? Eu gosto de deixar acontecer – disse, balançando as mãos pelo ar.

- Alguma novidade?

- Os dois garotos estavam em casa ontem à noite. Connelly ficou de olho neles para ter certeza que não iriam fugir. Ele também falou com o reitor para dar algumas informações e garantir que ninguém se desespera com um monte de policiais fardados pelo campus. Nenhum dos dois têm antecedentes. O reitor disse que os dois são bons garotos de boas famílias. Vamos ver hoje. Nada ainda da Sarah sobre o reconhecimento facial. Devemos ter algo à tarde. Algumas concessionárias me ligaram de volta com nomes e números. Eu vou segurar a lista por enquanto e ver o que acontece. Você viu o jornal da manhã?

- Não.

Ele jogou o diário no colo dela. Em letras grandes e em negrito, a manchete dizia “Assassinato em Harvard”. Havia outra foto do Lederman Park, além de uma pequena foto do campus de Harvard. A matéria nas páginas internas trazia um editorial sobre o dia anterior e incluía pequenas fotos de Avery e Howard Randall, juntos, em seus dias no tribunal. O nome de Cindy Jenkins havia sido mencionado, porém sem foto.

- O dia está devagar na mídia?

- Ela é uma garota branca de Harvard - Ramirez respondeu – óbvio que isso repercute. Nós temos que manter essas crianças a salvo.

Avery levantou as sobrancelhas.

- Isso pareceu um pouco racista.

Ramirez assentiu vigorosamente.

- Sim - ele concordou – Provavelmente eu sou um pouco racista.

Eles seguiram pelas ruas do sul de Boston e passaram pela Logfellow Bridge, com sentido a Cambridge.

- Por que você virou tira? – ela perguntou.

- Eu amo ser tira - ele disse. – Meu pai era tira, meu avô era tira, e agora eu sou. Fui para a faculdade e saí rapidinho. Como não amar? Eu carrego uma arma e tenho um distintivo. Acabei de comprar um barco. Posso ir à baía, relaxar, pegar uns peixes, e depois pegar uns assassinos. Fazendo o trabalho de Deus.

- Você é religioso?

- Não - ele disse – só supersticioso. Se Deus existe, eu quero que ele saiba que eu estou do lado Dele. Você me entende?

Não, pensou Avery. Não entendo.

O pai dela havia sido um homem abusivo, enquanto sua mãe ia fielmente para a igreja e rezava para Deus, parecendo mais uma fanática do que qualquer outra coisa.

A voz do seu sonho retornou.

Não existe justiça.

Você está errado, Avery respondeu em pensamento. E eu vou provar isso.

* * *

A maioria dos veteranos de Harvard moravam fora do campus, em alguma unidade habitacional da faculdade. George Fine não era uma exceção.

O Peabody Terrace era um condomínio grande, localizado ao longo do Charles River, perto da Akron Street. O prédio branco de vinte e quatro andares contava com um enorme pátio, um gramado lindo e uma bela vista do rio para os alunos que moravam nos andares mais altos. George era um deles.

Alguns prédios conectavam o Peabody Terrace. George Fine morava na torre E, no décimo andar. Ramirez estacionou seu carro na Akron Street e eles entraram no condomínio.

- Aqui está a foto dele. - Ramirez disse. – Deve estar dormindo agora. A primeira aula dele é só às dez e meia.

A imagem era de um pequeno corte em uma foto grande tirada da internet. Ela mostrava um estudante descontente e que claramente se achava, com cabelo oleoso e olhos negros. Um leve sorriso estava em seu rosto. Ele parecia estar desafiando o fotógrafo a encontrar uma falha em sua perfeição. O queixo firme e outras características interessantes fizeram Avery pensar porque ele havia sido chamado de “estranho”. Ele parecia confiante, ela pensou. Então por que viver atrás de uma garota que não se interessava por ele?

Ramirez mostrou seu distintivo para o porteiro.

- Há algum problema? – o porteiro perguntou.

- Nós vamos descobrir em breve – Ramirez respondeu.

Eles subiram.

No décimo andar, viraram à esquerda e caminharam por um longo corredor. Os tapetes eram marrons em espiral. As portas, pintadas em branco lustroso.

Ramirez bateu à porta do apartamento 10E.

- George - disse – Você está aí?

Após um breve silêncio, alguém respondeu: “Vaza.”

- *Polícia!* - Avery interrompeu e bateu forte na porta. – Abra.

Silêncio, um pequeno barulho e mais silêncio.

- Vamos! - disse Avery. – Nós não temos o dia todo. Só queremos perguntar algumas coisas.

- Vocês têm um mandado?

Ramirez levantou suas sobrancelhas.

- O moleque sabe das coisas. Deve ter sido educado pela Hera.

- Nós podemos ter um mandado em uma hora - Avery respondeu, - mas se você me obrigar a ir embora e voltar com um papel, eu não vou gostar nenhum pouco. Eu não levantei de pé direito. Você não vai querer me ver contrariada. Nós só queremos falar sobre Cindy Jenkins. Nós ficamos sabendo que você a conhecia. Abra a porta e eu vou ser sua melhor amiga.

A fechadura se abriu.

- Você sabe mesmo lidar com as pessoas – Ramirez se deu conta.

George apareceu de camisa regata e calça de moletom, extremamente em forma e musculoso. Ele media mais ou menos 1,67m, a mesma altura que Avery havia imaginado para o assassino, baseada nas imagens. Apesar de aparentar alguém drogado ou que não dormia há dias, seu olhar era destemido. Avery imaginou se ele não teria sofrido bullying por anos e agora havia finalmente decidido contra-atacar.

- O que vocês querem? – Ele disse.

- Podemos entrar? – Ela perguntou.

- Não. Nós podemos falar aqui mesmo.

Ramirez colocou os pés para dentro.

- Na verdade - ele disse – acho que preferimos entrar.

George desviou o olhar de Avery para Ramirez, para o pé invadindo a sala. Decidido, ele abaixou os ombros e recuou.

- Entrem. - Ele disse. – Não tenho nada para esconder.

O apartamento era grande para duas pessoas, com sala, sacada, duas camas em lados opostos e cozinha. Uma cama estava devidamente arrumada com roupas e equipamentos eletrônicos. A outra era uma bagunça total.

George sentou na cama desarrumada. Com as mãos de lado, segurou forte o colchão. Ele parecia pronto para se levantar a qualquer momento.

Ramirez ficou em pé na janela da sacada e admirou a vista.

- Que lugar! - Ele disse. – É pequeno, mas incrível. Olhe essa vista. *Uou!* Você deve gostar de admirar o rio.

- Vamos logo com isso - George disse.

Avery puxou uma cadeira e sentou, olhando para George.

- Nós estamos investigando o assassinato de Cindy Jenkins - disse. – Nós acreditamos que você pode nos ajudar, já que você foi uma das últimas pessoas a vê-la com vida.

- Muitas pessoas a viram com vida.

Ele tentou falar aquelas palavras com firmeza, mas havia dor nos seus olhos.

- Nós temos a impressão de que você gostava dela.

- Eu a amava - ele disse. – O que isso importa? Ela se foi. Ninguém pode me ajudar.

Ramirez e Avery se olharam.

- Pelo que eu sei - Avery disse – você saiu da festa depois dela.

- Eu não matei ela - ele declarou – se é isso o que você está dizendo. Eu saí da festa porque ela saiu pela porta trançando as pernas. Eu estava preocupado com ela. Não consegui encontrá-la quando eu desci. Tive que dar tchau para algumas pessoas. Pergunte para quem você quiser. Essa é a verdade.

- Por que você precisaria dar tchau para alguém? – Ramirez perguntou. – Se você amava ela e estava preocupado, por que não foi logo ajudar?

- Fale com meu advogado.

- Você está escondendo alguma coisa - Ramirez apontou.

- Eu não matei ela.

- Então prove.

George baixou o olhar e balançou a cabeça.

- Ela estragou minha vida - disse. Ela estragou minha vida e agora vocês estão tentando estragar minha vida também. Vocês se acham tão importantes...

Ramirez olhou para Avery querendo dizer “*Esse moleque é louco!*” e saiu para admirar a vista espetacular da sacada.

Avery sabia mais do que Ramirez. Ela havia visto aquele tipo antes, como advogada e também como policial. Havia algo errado e poderoso com ele. *Acuado e pronto para atacar*, ela pensou, bem como os membros de gangues que ela havia interrogado: inocência misturada com indignação que logo se transformavam em violência. Ela colocou uma mão no cinto. Seus dedos chegaram perto da arma, sem que de fato ela fizesse um movimento para empunhá-la.

- O que você quer dizer com isso, George? – perguntou.

Quando ele olhou para cima, seu corpo estava flexionado. Um semblante horrível tomou conta de seu rosto. Os olhos estavam estalados e os lábios abertos. Ele encolheu-se. Com os olhos cheios d’água, ele respondeu:

- *Eu me rendo* - ele chorou.

A arrogância desapareceu. Ele levantou-se e estendeu os braços. Lágrimas o surpreenderam, mas ele se deixou vencer.

- *Eu me rendo* - ele chorou e se agachou.

Avery levantou-se e recuou, com a mão perto de sua arma.

- O que é isso? – Ramirez perguntou.

- Deixe-o sozinho - Avery disse.

Tomado pelo desespero que emanava do suspeito destruído, Ramirez chegou perto de George e disse:

- Ei cara, está tudo bem. Se você fez isso, apenas admita. Talvez você seja louco ou algo assim. Nós podemos te ajudar. É por isso que estamos aqui.

George ficou imóvel.

Um sussurro saiu de seus lábios.

- Eu não sou louco - disse. – Só estou cansado de vocês, pessoas.

Hábil como um soldado treinado, ele puxou uma faca afiada de suas costas. No instante seguinte, ele passou para trás de Ramirez e agarrou seu pescoço. Rapidamente, cortou-o abaixo do peito, no lado direito. Ramirez gritou e George voltou à posição, usando Ramirez como escudo.

Avery puxou sua arma.

- *Não se mexa!* – Ela ordenou.

George colocou a lâmina na têmpora de Ramirez.

- Quem é o derrotado agora? – disse. - Quem? – Ele gritava.

- *Largue isso!*

Ramirez gemeu de dor pelo ferimento entre suas costelas. O braço em volta de seu pescoço estava claramente dificultando sua respiração. Ele tentou pegar sua arma, mas a ponta da faca pressionava mais fundo em sua têmpora. George o segurou forte e sussurrou no ouvido dele.

- Quietos!

Ramirez gemeu e logo depois gritou:

- *Atire nesse merda!*

Avery viu George passar a faca vagarosamente no rosto de Ramirez, e gotas de sangue começaram a cair. Naquele momento, ela sabia que não tinha escolha. Era a vida de seu parceiro ou a daquele maluco, e qualquer segundo poderia fazer diferença.

Ela atirou.

De repente, George gritou de dor e tropeçou para trás, soltando Ramirez.

Avery olhou e o viu coberto de sangue, segurando seu ombro. Ela estava aliviada em ver que o tiro havia acertado apenas o ombro, como ela esperava.

Ramirez tentou pegar sua arma, mas antes mesmo de poder reagir, George havia se levantado. Avery não podia acreditar. Nada parava aquele garoto.

Ela se surpreendeu ainda mais quando George não foi em direção a Ramirez, ou a ela.

Ela estava indo em direção à sacada aberta.

- ESPERE! – Avery gritou.

Mas não havia tempo. Ele estava a mais de três metros dela, e ela poderia ver pelo impulso tomado que ele iria pular.

Novamente, ela tomou uma decisão difícil.

Novamente, ela atirou.

Dessa vez, ela apontou para a perna dele.

George caiu com o rosto no chão, depois de joelhos, e dessa vez ele não se levantou. Ele ficou caído, gemendo, com os pés voltados para a sacada.

Ramirez levantou e virou-se. Com uma mão no ferimento, pegou sua arma e apontou para o rosto de George.

- *Você me cortou porra!*

Ramirez chutou George, que se encolheu de dor, assim como o próprio Ramirez, que segurava seu ferimento cada vez mais forte.

- Porra! – Ele gritou.

Caído, George sorriu, com sangue saindo de seus lábios.

- Foi bom, *tira?* Espero que tenha sido, porque eu vou sair dessa!

Avery avançou, pegou suas algemas, colocou as mãos de George em suas costas e segurou com força.

- Você está preso!

CAPÍTULO DEZ

Avery ligou para a emergência no 911 com a arma apontada para George. Pelo walkie-talkie, chamou reforço. Ramirez não conseguia parar de pensar em como ele havia sido tão estúpido, ou em quanto o ferimento estava doendo. A cada pouco, ele balançava a cabeça e resmungava para si mesmo.

- Não é possível que esse cara conseguiu me pegar.

- Ele é rápido - Avery disse. – Você é treinado, George? Exército? Marinha? Foi assim que você conseguiu raptar Cindy?

George estava sentado com as pernas cruzadas, quieto e com a cabeça baixa.

- Como está o ferimento? – Avery perguntou a Ramirez.

- Não sei. Estou respirando bem, então não deve ter acertado o pulmão. Mas dói pra cacete.

Ele parou de falar e a olhou admirado.

- Obrigado, Black. Você me ajudou. Eu te devo uma.

Quando a ambulância chegou, o paramédico cuidou do ferimento e fez algumas perguntas a Ramirez. O diagnóstico inicial indicava que a faca não havia acertado o pulmão. Ramirez seguia o tempo todo balançando a cabeça. “Estúpido,” dizia.

Uma maca havia sido trazida para levá-lo.

- Eu volto - ele disse a Avery. – Não se preocupe, isso não é nada. Só um arranhão. Ei, George - disse virando-se – Você atacou um tira. Pena de seis anos pra isso. E se você matou a garotinha, aí é prisão perpétua.

A segurança de Harvard ficou ao lado de Avery até a polícia chegar para levar George. Ninguém falou nada durante a espera. Avery já havia estado ao lado de outros assassinos, muitos, na verdade, durante seus três anos na polícia. Mas dessa vez era diferente. Jovens com armas e facas como George sempre a faziam pensar. Um estudante universitário. De Harvard. Alguém que aparentemente tem tudo, e mesmo assim, por dentro, estava acabado, destruído.

Assim que a polícia chegou e levou George, Avery ficou sozinha no apartamento. A palavra “por que” seguida em sua mente.

Por que ele fez isso?

Por que? Por que? Por que?

O rosto de Howard Randall continuava a assombrando. *O que tem de errado nesse mundo?* Ela pensava. *Olhe esse lugar.* Vista para o céu. Luxo em toda parte. Jovem, boa pinta, em forma, e mesmo assim ele havia acabado de atacar e esfaquear um policial. Outros rostos vieram à mente. Membros de gangues, maridos com raiva, psicopatas bêbados que haviam matado pessoas inocentes e até crianças de seis anos, com armas em volta do pescoço.

Por que?

Era por causa da dor? Da dor de uma vida dura?

Ela lembrou-se de algo: seu pai, cabelos grisalhos despenteados, com alguns dentes faltando e uma arma na mão. *Você quer falar sobre dor?* Ele gritara. *Vou atirar na porra da sua cabeça! Ai você vai saber o que é dor! Não vai?*

Avery levantou-se.

Havia sido difícil focar-se no apartamento até que todo mundo saísse. Agora era só ela no lugar, e George Fine tornou-se sua prioridade.

Quem é você? Ela se perguntou.

As paredes eram quase todas lisas, com exceção de uma foto de George, orgulhoso, mostrando uma medalha que havia ganhado em uma corrida. Em sua escrivaninha, Avery encontrou chaves e uma carteira. Pelo menos dez chaves no mesmo chaveiro. *O que você precisa saber sobre isso?* Ela se perguntou.

Não havia senha no computador. Uma busca nas atividades recentes dele na internet não trouxe nada interessante: muitos vídeos pornô, conselhos de relacionamento e endereços de academias ao redor do campus. Dois sites de redes sociais estavam abertos. Ele tinha trinta e dois amigos em um deles. *Senhor Popular*, ela sarcasticamente pensou.

Escondida no guarda-roupa havia uma caixa cheia de fotos: George com um grupo de homens entre árvores vestindo camisetas do exército; George entre seus pais com Harvard ao fundo; e Cindy Jenkins, centenas de fotos de Cindy Jenkins: Cindy no shopping, Cindy em Harvard, Cindy em uma festa. Cada uma das fotos parecia ter sido tirada em segredo, de longe, ou às vezes bem do lado dela, sem que ela soubesse.

- Nossa.

Uma raiva repentina saiu de dentro dela, não por aquela descoberta ou pelo que George poderia ter feito se não tivesse sido procurado, mas por Harvard, pelo reitor, e por tantos segredos que quase tinham matado seu parceiro.

Alguns minutos buscando no telefone e ela discou um número.

- Eu quero falar com o Retor Isley, agora – disse.

- Desculpe - a secretária respondeu – o reitor está em uma reunião.

- Eu não quero saber se ele está na porra da lua! - Avery gritou. – Aqui é Avery Black, Polícia de Boston, Esquadrão de Homicídios. Eu estou no quarto de um de seus alunos. George Fine. Isley conhece George? Ele deveria, porque seu veterano ‘comum’ de Harvard acabou de esfaquear um tira. Coloque ele na linha agora mesmo!

- Aguarde, por favor.

Dois minutos depois, o reitor atendeu.

- Olá, Detetive Black - disse – desculpe pela demora. Eu recebi informações sobre o seu trabalho pela manhã.

- Eu só quero entender uma coisa - Avery disse. – Meu supervisor, Dylan Connelly, telefonou para você ontem à noite pedindo informações sobre George Fine e Winston Graves. Você disse, e quem me contou foi meu parceiro, aquele que foi esfaqueado, que ‘os dois são bons garotos de boas famílias.’ Você quer mudar sua opinião?

O reitor limpou a garganta.

- Não tenho certeza de que entendi a pergunta - ele respondeu.

- Sério? Porque eu acho que estou sendo bem clara. Deixe-me dizer de outro jeito. Nós temos um policial ferido. Nós temos uma garota morta. E agora nós temos um principal suspeito que você disse que não era problemático. Estou lhe dando uma última chance de mudar sua declaração antes de considerar seriamente apresentar queixas. Eu acabei de descobrir que George Fine era um reserva do exército. Essa teria sido uma informação relevante, você não acha? Ele também é um lutador treinado de artes marciais. Relevante, também. Bons garotos de boas famílias não são exatamente assim. O que mais você sabe sobre ele?

- Policial Black, nossa relação com nossos estudantes é—

- Diga-me agora ou eu desligo e você vai ter que se virar.

- Senhora Black, eu não posso simplesmente—

- Cinco, quatro... No um eu desligo.

- Nós temos—

- Você tem uma garota morta e um possível assassino em suas mãos. Três... Dois...

- Tudo bem! – ele gritou, afobado.

Ele abaixou a voz.

- Agora veja só - ele disse – ninguém aqui acredita de verdade que um de nossos alunos poderia ser responsável por—

- Ele esfaqueou um tira. Meu parceiro. Diga-me o que você sabe.

- Ele esteve em observação disciplinar nos dois primeiros anos na universidade - o reitor admitiu. – Ele havia seguido uma jovem daqui de Scarsdale: Tammy Smith. Não... Não houve problemas. Não houve acusações. Não queríamos a imprensa. Ele estava sob ordens severas para ficar a duzentos metros dela e teve reuniões semanais com nossos psicólogos. Parecia-me que as sessões dele estavam indo bem. Ele tem sido um estudante exemplar desde então.

- Algo mais?

- Isso é tudo. Os arquivos estão aqui se você quiser analisar.

- E sobre Winston Graves?

- Graves? – O reitor quase deu risada. – Ele é um dos nossos melhores veteranos, se destaca em todos os sentidos. Eu tenho o maior respeito por ele e sua família.

- Sem segredos? – Avery insistiu.

- Não que eu saiba.

- Então talvez tenha - Avery disse. – Vou investigar eu mesma. E a próxima vez que um policial te ligar pedindo informações, é melhor você ser o mais acessível possível. ‘Policial esfaqueado em dormitório de Harvard’ não deve ser uma manchete muito boa para sua Universidade.

- Espere, eu pensei que nós...

Avery desligou.

A próxima ligação foi para Jones, um jamaicano magro e bem-humorado que reclamava de tudo, mesmo quando estava nos melhores dias de sua vida.

- Jones falando - ele disse.

- É a Black. Como vai a busca das imagens das ruas?

Jones estava fechado em um escritório escuro rodeado por dois técnicos de azul. Ele se inclinou sob seu teclado e levantou os olhos como se estivesse prestes a pular de uma sacada.

- Você está louca, Black - ele reclamou. – Você sabe disso, né? Quanto tempo mais eu vou ter que fazer essa loucura? Isso parece um jogo de adivinhação. Eu tenho que chutar onde ele pode ter ido, depois acessar as câmeras e procurar o tempo certo e ver o que acontece. Horas e horas olhando para nada. Só tive sorte uma vez.

- Você teve sorte?

- Sim - ele respondeu olhando para a tela. – Eu estou no controle de tráfego agora mesmo com Stan e sua namoradinha, o Frank. Esses caras são ótimos. Eles estão me ajudando o dia todo. Então, o que eu estou fazendo é o seguinte. Eu acessei as câmeras das ruas iluminadas de Auburn, na Hawthorn. Sabe o que eu achei? Sua minivan. Ele foi pela Auburn. Eu procurei pela Auburn mais a oeste, depois da Aberdeen, e eu vi a minivan de novo. Ele foi sentido oeste.

- Onde ele foi depois?

- Você está falando sério? – Jones reclamou. – Você acha que eu sou o que? Não sou um sistema de satélites! Eu levei cinco horas pra descobrir isso!

- Continue nisso - Avery disse e desligou.

A minivan havia ido para o oeste, ela pensou. Fora da cidade. Se George fosse o assassino, ele definitivamente tinha uma casa em algum lugar.

A próxima ligação foi para Thompson, parceiro de longa data de Jones, um homem grande e bruto, que parecia quase um albino pela cor da pele, cabelos loiros, lábios grossos e características faciais de uma mulher. Thompson estava em um escritório com um monte de oficiais do estado, comendo donuts e contando a eles uma história sobre quando ele pegou Jones dormindo e pintou uma cara de coelho nele.

- Thompson - ele atendeu falando alto.

- É a Black. Quais as novidades?

- A minivan foi para o norte, pela Charles Street. É o que eu consegui. Não tinha certeza se deveria checar as pontes ou não.

- Há um assassino à solta! - Avery gritou. – Você tem que checar tudo! Seu parceiro Jones está bem na sua frente. Onde ele foi depois da Charles Street?

- Deixe-me descobrir - ele disse.

- Não - ela respondeu. – Você está fora das buscas por hoje. Preciso que você faça algo mais importante: George Fine. Aluno de Harvard. Eu estou aqui agora. Ramirez levou uma facada. Ele está no hospital. Eu preciso de tudo o que você encontrar sobre George Fine. Fale com os pais dele se você precisar. Ele está sob custódia da polícia. Ele tem uma casa em algum lugar, talvez a norte de Harvard? As chaves estão aqui na escrivaninha. Algum registro médico? Fale com os amigos dele, família, todo mundo que você puder, entendeu? O computador dele não tem senha então você pode pesquisar isso também. Você está nessa até o fim do dia.

- Estarei aí em um minuto.

- Não. Você vai estar aqui AGORA! – Ela gritou e desligou.

Norte, Avery pensou. Ele foi para o norte do Lederman Park. *Talvez pela ponte e depois para Harvard? Então por que você iria para o oeste depois de raptar Cindy no beco?*

Fale comigo, Fine, ela pensou, e olhou ao redor do apartamento. *Fale comigo.*

* * *

Uma hora depois, Avery estava no hospital.

A faca havia perfurado o pulmão de Ramirez apenas levemente. Com sorte, não acertou nenhum outro órgão importante, mas os médicos precisavam dar pontos no ferimento interno.

Ela foi até a sala de espera.

Três policiais à paisana já estavam lá. Um deles tinha cara de sapo: era gordo, mas forte, com cabelo cortado e olhos pequenos.

Ótimo, Avery pensou. *Finley.*

Finley Stalls era um dos mais fanfarrões do departamento, um irlandês totalmente infeliz que bebia toda noite e andava pelo escritório de mau humor todo dia. Ele tinha um senso de humor cínico, e mesmo que não fosse nunca o primeiro a mexer com Avery, ele sempre era o último a parar de rir.

Todos os três policiais fizeram a mesma cara, sem expressar nenhum sentimento, que ela já estava acostumada a ver no departamento. Ela estava prestes a cumprimentar e tentar ignorar o comportamento típico deles quando Finley olhou na direção dela e falou com seu sotaque rápido, praticamente irreconhecível, típico de

Boston.

- Bom trabalho - disse.

Ela não sabia se ele estava brincando ou não.

O segundo oficial entrou na conversa.

- Você está tentando bater o recorde de mais parceiros mortos, Black?

Ah, estão ironizando, ela pensou.

- Calma aí - o terceiro policial zombou. – Deem um tempo pra ela. Não é culpa dela. Ramirez sempre é uma mãe para os suspeitos. Sempre age como se a mão de Deus não fosse deixar ele se machucar ou algo assim. Idiota da porra. Ela chegou inteira, não chegou?

- Vocês pegaram o assassino? – O segundo policial perguntou.

- Vamos ver - Avery respondeu.

Ela esperou a próxima piada, o próximo insulto, mas nada aconteceu. Os policiais simplesmente se calaram, e pela primeira vez em muito tempo, Avery pode relaxar mentalmente em meio a muitos policiais e tentar focar-se.

Ela ligou para os peritos.

- Randy, alguma novidade?

Randy estava sentada em um laboratório branco no porão do departamento. Um microscópio estava em sua mesa e ela espiava nele enquanto falava.

- Que bom que você ligou - disse. – Lembra daquelas drogas naturais que nós falamos, as plantas que ele poderia ter usado para paralisar e depois matar a vítima? Eu recebi uma confirmação disso. As toxinas no corpo dela apontam para mais ou menos sessenta por cento de ópio. Puro. Tem que ser de uma planta própria. Você sabe de algo sobre isso?

- Eu falei com um fornecedor de remédios que conheço - Avery disse. – Perguntei quem seria estúpido o suficiente para vender apenas as sementes de papoula e ver as próprias vendas de heroína caindo depois. Estou esperando resposta. Eu esperava que você tivesse outras informações. Não tenho nada sobre luzes de LED e fontes de jardinagem. Dá pra comprar isso em qualquer lugar.

- Estou olhando agora mesmo as fibras tiradas do corpo da garota - disse Randy. – Uma delas é de gato, com certeza. Talvez de gato malhado. Nosso assassino gosta de animais. Ele não coleciona apenas por colecionar. Há manchas de sujeira também. Típico de um jardim variado. Eu diria que estamos procurando por um cara ‘green’, alguém que tem plantas, animais e um grande jardim interno.

Avery não conseguia ligar os pontos.

George Fine não tinha plantas nem gatos.

Talvez estivessem em outro lugar, ela pensou. Mas não haveria alguma evidência no dormitório? Livros sobre botânica, sobre drogas?

- Tudo bem - Avery disse. Ligue-me se você encontrar mais alguma coisa.

Mais tarde, naquele dia, Avery bateu à porta do quarto de Ramirez e entrou. Ramirez a cumprimentou levantando o braço e sorrindo.

- Olha quem chegou - disse. – Minha salvadora!

- Não mesmo - Avery respondeu. – O que eu fiz?

- Você se manteve tranquila - Ramirez pontuou, - e agiu como uma tira de verdade deve agir com um suspeito, não como um calouro de merda como eu fiz. Mas está tudo bem - ele franziu as sobrancelhas – Eu vou sair daqui logo. O médico disse que eu já posso sair amanhã. Volto para o trabalho na sexta.

- Não foi o que me disseram - Avery respondeu. – O médico disse que você precisa de pelo menos duas semanas para se curar. Ele quer que você faça repouso.

- Que? – Ramirez reclamou. – Não fale conte isso para o capitão. Não me faça ir pra casa ficar sentado com a bunda no sofá. Você não sabe como é minha vida em casa.

- Como é sua vida em casa? - ela imaginou.

Ramirez era um enigma para ela: boa aparência, boa forma, se vestia perfeitamente, parecia não se chatear com nada. O ataque de George havia mostrado outro lado: um pouco desatento, nervoso, e sem um treinamento defensivo de verdade para lidar com a velocidade e surpresa de George. Primeiro, ele havia lembrado Avery de todos os homens com quem ela tinha saído uma vez ou outra alguns anos atrás. Eles, assim como Ramirez, também eram quietos por fora, mas quando começavam a se mostrar por dentro, era uma confusão só. Ela esperava que esse não fosse o caso do seu novo parceiro.

- Ah, cara, é sério que você quer que eu revele esse mistério? – Ele disse. – Ok, porque não. Estou numa cama de hospital. Eu sei que eu me faço como Super Homen, mas de verdade? Eu sou só um cara normal por dentro, Black. Eu amo o trabalho, mas não gosto de suar, então raramente eu vou à academia e eu não sou nem de perto o cara mais mortal da polícia. Sabe esse meu físico incrível? Genética. Eu nasci assim.

- Mais alguém em casa?

- Eu tive uma namorada. Seis anos. Ela me deixou faz um tempinho. Disse que eu tinha problemas em me comprometer. Sério, Black. Vamos ser honestos. Por que um homem como eu iria se comprometer com uma mulher, sendo que há milhões lá fora?

Por muitas razões, Avery pensou.

Ela lembrou de Jack, seu ex-marido. Mesmo que eles não se falassem já havia muito tempo, a vontade de casar com ele tinha sido enorme quando ela era mais nova. Ele oferecia estabilidade, gentileza, amor e apoio. Mesmo quando Avery foi se

afastando, ele estava sempre lá, esperando ansioso para lhe dar um abraço.

- Eu acho que as pessoas se comprometem porque querem se sentir seguras - ela disse.

- Isso não é motivo para se comprometer - ele respondeu. – O motivo tem que ser o amor.

Avery nunca havia entendido o conceito de amor até o nascimento de sua filha Rose. Quando era uma jovem universitária, ela pensava que amava Jack. Os sentimentos estavam ali e ela sentia falta dele quando ele não estava por perto, mas se ela estivesse realmente apaixonada, ela teria lhe dado o devido valor.

Ela deu à luz a Rose quando havia acabado de completar seus 20 anos. Jack queria começar uma família cedo, mas quando Rose nasceu, Avery sentiu-se presa, sem tempo para ficar sozinha com Jack, sem tempo para si mesma, sem vida, carreira. Foi tudo uma confusão. Ela própria estava confusa, e isso veio à tona com o fim do casamento e o fim dela como mãe. Mesmo que ela e Rose ainda estivessem distantes, ela sabia disso agora.

- O que você sabe sobre o amor? – Ela perguntou.

- Eu sei que eu devo fazer minha mulher se sentir bem. – Ele sorriu com um olhar acanhado e sedutor.

- Isso não é amor - Avery respondeu. – Amor é quando você está disposto a desistir de algo que você se importa por outra pessoa. É quando você se importa mais com a pessoa do que com seus próprios desejos, e você age assim. Isso é amor. Não tem nada a ver com sexo.

Ramirez levantou as sobrancelhas, demonstrando respeito.

- Uou! Isso foi profundo, Black.

As memórias eram doloridas para Avery. Mesmo assim, ela tentou voltar a focar no trabalho: um assassino à solta e um suspeito sob custódia.

- Eu tenho que ir - ela disse. – Só queria ter certeza de que você vai ficar bem. Tudo que eu não preciso é de mais um parceiro morto.

- Vai, vai - Ramirez disse. – Onde está nosso membro da marinha?

- Sob custódia. E você nem errou por muito. Ele é reserva do exército. Muito bom com as mãos. Eu já esculachei o reitor por omitir informação sobre uma possível arma letal. Thompson está no dormitório agora.

- Você acha que ele é o assassino?

- Não tenho certeza.

- Por que?

Peças, ela pensou. As peças do quebra-cabeça não se encaixam.

- Pode ser que ele seja - ela disse. – Vamos ver o que acontece.

CAPÍTULO ONZE

Uma hora depois, Avery estava em uma pequena sala escura com O'Malley e Connelly. À frente deles, atrás de um vidro, George Fine estava sentado. Suas mãos estavam algemadas à uma mesa de metal e ele tinha curativos nos ombros e nas pernas, nos ferimentos ocasionados pelos tiros. Avery se deu conta da sorte que ele teve por ela ter atirado apenas de raspão. Esse havia sido o objetivo.

De vez em quando, ele murmurava algo para si mesmo. Seus olhos vazios miravam o nada, mas ele parecia estar pensando profundamente.

Eu suas mãos, Avery segurava uma imagem que mostrava seis diferentes interpretações em preto e branco do rosto de um homem, baseado nos vídeos de segurança que mostravam o assassino. Cada imagem mostrava um homem caucasiano de queixo estreito, com a maçã do rosto alta, olhos pequenos e testa alta. Em três fotos a peruca, os óculos e o bigode haviam sido removidos, e a artista havia dado ao assassino vários tipos de cabelo e barba. As últimas três imagens mantinham pelo menos um dos aspectos, caso aquilo não fosse um disfarce.

Avery levou um tempo olhando para cada foto.

O rosto que ela havia visto nas câmeras estava em sua mente, e agora, com muitos retratos claros, ela poderia fazer outras deduções: um queixo mais largo, maçãs do rosto mais baixas, uma cabeça careca, olhos maiores, óculos e muitas cores para os olhos.

De vez em quando, ela olhava para Fine. Havia similaridades: Caucasiano, bochecha alta, ele parecia ser mais magro, mas os dois eram leves. Os movimentos virtuosos que ela havia visto na câmera lembravam muito os que ela viu quando George pegou Ramirez. Ainda assim, ela não tinha certeza. Havia plantas e animais. Além disso, o assassino na câmera era demoníaco, com um humor vivo que não havia em George. George Fine teria se curvado para a câmera?

Como se pudesse ler as dúvidas em sua mente, Connelly apontou para a janela e disse:

- Ele é o assassino. Tenho certeza. Olhe para ele. Não disse nem duas palavras desde que chegou. Você acredita que ele quer um advogado? Não mesmo. Ele não tem nada para se defender. Nós precisamos de uma confissão.

O'Malley vestia um terno preto e gravata vermelha. Ele franziu as sobrancelhas e disse:

- Eu devo concordar com Connelly nisso. Você disse que encontrou fotos da Jenkins no quarto. Ele atacou e quase matou um policial. As características batem. Os retratos são parecidos. Por que a hesitação?

- Nem tudo se encaixa - ela disse. - Para onde ele levou Cindy depois do rapto? Como ele aprendeu a embalsamar? Randy Johnson disse que aqueles pelos no

vestido da Jenkins eram de um gato. Fine não tem um gato. O que ele tem é um monte de buscas por pornô e dicas de relacionamento na internet. Isso se parece com um assassino?

- Escute, Black, isso aqui é um cumprimento de protocolo - Connelly disse, decidido. – Até onde eu sei, o caso acabou. Nós pegamos ele. O cara deve ter uma casa segura em algum lugar. É lá que nós vamos encontrar o gato, a minivan e a arma do crime. Seu trabalho é encontrar essa casa. Sério, por que você sempre tem que agir como se você fosse melhor do que todo mundo?

- Eu só quero fazer a coisa certa.

- É mesmo? Não foi sempre assim, foi?

Uma raiva enorme pulsava de Connelly. Bochechas vermelhas, olhos vermelhos e irritados como se ele tivesse bebido a noite inteira. Seu corpo parecia querer sair da camiseta, como sempre, e ele parecia pronto para dar um soco na cara de alguém.

Ela se virou para O'Malley.

- Deixe-me falar com ele.

- Ele é o seu criminoso - O'Malley disse. – Você pode fazer o que quiser. Mas nós achamos que ele é o assassino. Tem muita gente de olho na gente nesse caso. A não ser que você possa provar algo novo, e rápido, vamos acabar logo com isso, ok?

Ela fez um sinal de positivo.

- Perfeito, capitão.

A porta para a sala de interrogatórios fez um barulho e Avery a empurrou. Tudo era cinza, incluindo a mesa onde Fine estava sentado, o espelho e as paredes.

George respirou frustrado e abaixou a cabeça. Ele estava com a mesma regata e as mesmas calças.

- Você lembra de mim? – Avery perguntou.

- Sim - ele disse – você é a filha da puta que apontou uma arma para minha cabeça.

- Você tentou matar meu parceiro.

- Autodefesa - ele respondeu. – Vocês invadiram meu quarto. Todo mundo sabe que a polícia de Boston tem dedos nervosos no gatilho. Eu só estava me defendendo.

- Você o esfaqueou.

- Fale com meu advogado.

Avery sentou-se.

- Deixe-me ver se eu entendi - ela disse. – Você é um veterano de economia. Estudante normal. Reserva do exército. Sem antecedentes criminais, bem, pelo menos até hoje. Pelo que se sabe, um aluno quieto e inofensivo. Apenas poucos amigos - ela continuou. – Mas eu acho que é isso o que você tem quando não está festando na universidade: pais bem de vida. Um advogado. Uma médica. Não tem irmãos, mas, - ela enfatizou – um histórico de amores complicados. Sim, - ela quase

pediu desculpas, - Eu falei com o reitor e fiquei sabendo de tudo sobre seu amor por Tammy Smith, a garota que você perseguiu de Scarsdale. Por causa dela você foi para Harvard, ou isso é coincidência?

- Eu não matei ninguém - ele disse, e a olhou nos olhos com um olhar determinado e implacável, como se estivesse a desafiando a dizer o contrário.

Nada naquele interrogatório parecia fazer sentido para Avery.

Seu instinto a disse que ela havia feito a avaliação correta: ele era instável e sozinho, um adolescente à beira do abismo antes que a garota dos seus sonhos fosse de repente assassinada, e então ele explodiu. Mas um assassino meticuloso que drenava corpos e colocava-os e poses angelicais e de alguém vivo? Ela duvidava disso. Não havia nenhuma prova concreta.

- Você gosta de filmes? – Ela perguntou.

Ele franziu a testa, sem saber o porquê da pergunta.

- Você pode me dizer o que está sendo exibido agora no Omni? – Ela continuou. – O cinema ao lado do Lederman Park?

Uma expressão vazia a olhava.

- Há três filmes sendo exibidos lá - ela mesma respondeu. – Dois deles são ficções de verão em 3D. Eu não ligo para esses - ela disse, mexendo o pulso. – O terceiro se chamada *L'Amour Mes Amis*, um filme francês sobre três mulheres que se apaixonam uma pela outra. Você já assistiu esse filme?

- Nunca ouvi falar.

- Você gosta de filmes estrangeiros?

- Fale com meu advogado.

- Tudo bem, tudo bem - ela disse. – Vamos fazer assim. Só mais uma pergunta. Você me dá uma resposta honesta e eu saio daqui e falo com seu advogado. Pode ser?

Ele não disse nada.

- Sem amarras - ela continuou. – Estou falando sério.

Avery levou um instante para formular seus pensamentos.

- Você poderia ser meu assassino - disse. – Você poderia mesmo. Nós temos muita coisa pra procurar, mas algumas peças encaixam. Por que mais você atacaria um policial? Por que seu quarto é tão limpo? Isso me faz pensar que você tem outra casa em algum lugar. Você tem?

Um olhar impossível de ler a mirava.

- Aqui está meu problema - Avery disse. Você também pode ser um garoto estúpido destruído pela morte do seu amor. Talvez você estava furioso e acabado, e obviamente um pouco instável, porque você atacou um policial. Mas, - ela enfatizou e apontou para o vidro, - meu supervisor e meu capitão pensam que você é o culpado pelo assassinato. Eles querem te culpar. Eu vou te dar uma chance.

Responda uma pergunta para mim e eu vou repensar minha posição e lhe dar o que você quer. Ok?

Ela o olhou profundamente.

- Por que você atacou meu parceiro?

Um complexo misto de emoções invadiu George Fine. Ele franziu a testa e ficou sem palavras, depois olhou para Avery.

Uma parte dele parecia estar calculando uma resposta, imaginando o que aquela isso significaria em um tribunal. Finalmente, ele decidiu algo. Moveu-se para mais perto, e mesmo tentando parecer duro, seus olhos estavam vidrados.

- Você se acha tão importante. Bem, eu sou importante também - ele disse. — Meus sentimentos importam. Você não pode simplesmente dizer que nós somos amigos e depois me ignorar. É confuso. Eu também sou importante. E quando você me beija, significa que você é minha. *Você entende?*

Seu rosto inclinou e lágrimas caíram sobre seu rosto. Ele gritou:

- *Significa que você é minha!*

CAPÍTULO DOZE

Ele olhou o relógio. Eram quase seis horas.

O sol ainda podia ser visto e havia pessoas por todos os lados no imenso gramado.

Ele sentou-se encostado em uma árvore na Killing Court, no campus do MIT. Podendo ser facilmente visto entre as sombras das grandes folhagens, vestia um boné e óculos.

Seu destino havia sido alcançado apenas alguns minutos antes. Problemas no escritório tinham o obrigado a criar uma planilha de última hora para seu chefe. Com frequência, ele perguntava ao Espírito Maior porque seu chefe não podia ser morto, assim como qualquer pessoa que ele considerava um obstáculo. Sem palavras, apenas através de sons e imagens estranhas, o Espírito Maior o deixava ciente de que os pensamentos e sentimentos dele não importavam. Só o que importava eram as garotas.

Jovens. Vibrantes. Cheias de vida.

Garotas que poderiam libertar o Espírito Maior de sua prisão.

Um templo de garotas, universitárias prontas para ganhar o mundo, uma fonte próspera de primavera, energia potente facilmente entregue ao Espírito Maior, força suficiente para quebrar a barreira do mundo interdimensional e chegar à terra como presença física. Não haveria mais a necessidade de apóstolos e criados. Liberdade. Enfim. E todos aqueles que o ajudaram? Aqueles que foram pacientes e fortes, que tiveram que construir o templo dessas jovens universitárias sem nenhum amor ou cuidado? E eles? Bom, eles teriam garantido um lugar no Céu, claro, como deuses com seus próprios direitos.

Era terça-feira, e nas terças à noite, Tabitha Mitchell sempre ia à grande biblioteca para estudar com as amigas depois da aula.

Às seis e quinze, ele a viu. Tabitha era meio chinesa e meio caucasiana. Linda e popular, ela estava rindo com as amigas. Ela mexeu seu cabelo negro e balançou a cabeça em resposta a algo que havia sido dito. O grupo caminhou pelo gramado.

Não havia necessidade de segui-las. O destino já era conhecido, de volta aos dormitórios para trocar de roupa, e depois direto para o Muddy Charles Pub para a Terça Especial das Garotas. Todas as meninas bebiam de graça. Terça era a noite favorita dela para festar.

Ele tomou um gole de smoothie, fechou os olhos e se preparou mentalmente.

* * *

A preparação era seu estágio preferido, a espera, a ânsia, a quase explosão de

seus desejos. O amor era algo fácil de sentir com aquelas garotas. Cada uma delas tinha um espírito vivo e cheio de energia, e propósitos incríveis compartilhados por todas, maiores do que qualquer coisa que elas poderiam conseguir sozinhas. Na mente dele, elas eram princesas, rainhas, merecedoras de sua adoração eterna.

O renascimento era difícil para ele.

Após serem manipuladas, elas não eram mais dele. Tornavam-se sacrifícios para o Espírito Maior, novas partes do templo de seu retorno, então tudo o que ele tinha para lembrar delas eram as fotos, e as memórias que ele tinha da construção de um amor que terminava tão cedo, como sempre.

Ele estava em pé à beira do Charles River, olhando para as ondas na água. A noite havia chegado e ele sempre ficava mais introspectivo naquela hora do dia, antes da indução. Atrás dele, ao lado do Memorial Drive, Tabitha Mitchell caminhava com as amigas em direção ao Muddy Charles Pub. Ele sabia que elas ficariam lá por pelo menos duas horas antes de se separarem e de que Tabitha voltasse para seu dormitório, sozinha.

As estrelas quase não podiam ser vistas no céu escuro. Ele encontrou uma, depois outra, e imaginou se o Espírito Maior morava naquelas estrelas, ou se ele era o próprio céu, o universo. Como uma resposta, ele viu a imagem do Espírito Maior: uma sombra escura que parecia cercar o céu inteiro. Havia uma aparência paciente e com expectativa na face do Espírito Maior. Nenhuma palavra foi dita. Tudo foi entendido naquele momento.

Por volta das nove, o assassino voltou em direção ao pub e esperou em uma passagem estreita entre o bar, que ficava no grande prédio de Morss Hall, e o Edifício Fairchild. A área não era bem iluminada. Algumas pessoas passaram por ali.

Às nove e trinta e cinco, ela apareceu.

Tabitha deu tchau para as amigas em frente à entrada. Com passos suaves, todas elas foram para caminhos diferentes. Suas duas amigas partiram em direção ao apartamento na Amherst Street, enquanto ela virou à direita. Como sempre fazia, entrou na passagem.

Mesmo com muitas pessoas passando por perto na rua, um espírito de ator tomou conta do assassino. Ele incorporou a persona de um bêbado e caminhou até perto de Tabitha. Na palma de sua mão, presa nos dedos por anéis de prata, ele tinha uma agulha de injeção feita a mão.

Passando rapidamente atrás dela, ele ao mesmo tempo a picou com a agulha, agarrou seu pescoço para que ela não se movesse e a trouxe para perto.

- Ei, Tabitha! – ele disse em voz alta, com sotaque britânico e familiar e, depois acrescentou – Shelly e Bob me disseram que você estaria aqui. Vamos ficar bem, ok? Eu não quero mais brigar. Nós nascemos um para o outro. Vamos sentar e

conversar.

Inicialmente, Tabitha se sacudiu e tentou se livrar do agressor, mas o efeito rápido das drogas fez sua garganta adormecer. No segundos seguintes, os nomes de seus amigos a confundiram. Com a agilidade de seu corpo e mente diminuindo, ela tentou imaginar que suas companheiras de irmandade estavam fazendo algum tipo de brincadeira.

Ele foi meticuloso ao segurá-la. Uma mão a segurava pelas costas para impedir que ela caísse. Com a outra, que segurava o anestésico, colocou a agulha no bolso de sua calça e depois a pegou pelo rosto. Desta maneira, ele continuou a segurando com seus braços fortes e seguiu conversando como se eles fossem um verdadeiro casal, à beira de um possível retorno.

- Você está bêbada de novo? – Ele disse. – Por que você sempre bebe quando eu vou embora? Venha cá. Vamos sentar e conversar.

Primeiro, muitas pessoas na rua ou caminhando pelo gramado e pela brisa, passando pelo assassino e Tabitha, acreditaram que algo estava claramente errado: os movimentos nada naturais dela diziam muito. Alguns inclusive pararam para olhar, mas o assassino foi perfeito segurando o corpo de Tabitha que, depois da injeção inicial e de sua breve luta, ela parecia como qualquer outra universitária bêbada sendo ajudada pelo melhor amigo ou pelo seu amor. Seus pés tentaram caminhar. Seus braços o agarraram, não de um jeito agressivo, mas como se ela estivesse em um sonho e precisasse tocar as nuvens.

Gentil e amável, o assassino a levou para um muro, sentou-se com ela, e acariciou seus cabelos. Mesmo a pessoa mais alerta que passasse por ali pensaria que tudo estava bem e continuaria seu caminho.

- Nós seremos felizes juntos - o assassino sussurrou.

Ele a beijou sutilmente na bochecha. A excitação que ele sentiu foi ainda maior do que com Cindy. Estranhamente estimulado, ele olhou para cima, para ver o Espírito Maior observando-o com um olhar de reprovação.

- Tudo bem. – O assassino empalideceu.

Um abraço apertado trouxe Tabitha para mais perto de seu corpo. Ele sentiu o cheiro dela e apertou seus braços e pernas. Gemidos fracos saíram dos lábios de Tabitha, mas ele sabia que aquilo era passageiro. As drogas apagariam a mente dela em pouco mais de vinte minutos.

Dois garotos jogavam Frisbee bem ao lado deles. Um grupo de calouros barulhentos cantava. Carros passavam ao lado do Charles River.

Em meio a uma área populosa, o assassino pegou Tabitha e colocou-a em seus ombros para um passeio. Apesar de seus pés balançarem, ele segurou as mãos dela em seu peito e foi em direção a seu carro, estacionado no Memorial Drive.

- Vamos! – Ele falou com seu sotaque. – Coloque suas pernas em volta de mim!

Você está deixando todo o trabalho para mim. Pelo menos me ajude um pouquinho! Por favor!

Ele continuou o diálogo até a minivan azul, onde a colocou, abrindo a porta do passageiro e gentilmente a colocando para dentro.

Por alguns segundos, ele ficou agachado ao lado da porta, não apenas para manter o teatro de namorado preocupado, mas também para observar as características dela, para ver suas bochechas enrijecerem e caírem, e para imaginar, como ele sempre fazia, como seria beijá-la de verdade e fazer amor. O Espírito Maior reclamou diretamente do céu, e o assassino, com um suspiro, fechou a porta do carona, tomou seu lugar no banco do motorista e saiu dirigindo.

CAPÍTULO TREZE

Na manhã de quarta, cedo, Avery entrou no escritório para checar suas mensagens e ver se alguma novidade havia aparecido. O interrogatório perturbador com George confirmara apenas uma coisa: ele era louco. Ele poderia ser o assassino? Com certeza, Avery começara a suspeitar, mas havia ainda outros caminhos para serem analisados.

Havia ainda mais um suspeito: O namorado de Cindy Jenkins, Winston Graves. Graves era aluno de Harvard, campeão de esgrima e de família de elite. Seu pai era dono de uma cadeia de supermercados e sua mãe trabalhava na QVC. Pelo que se sabia, ele era um estudante e atleta dedicado que nunca teve que trabalhar na vida, mas tinha ótimas notas e aspirava representar seu país nos Jogos Olímpicos.

Fino, ela pensou, mas vale a pena conferir.

- Ei, Black - o capitão chamou, - venha aqui.

Finley Stalls estava sentado à frente da mesa do capitão, como um ladrão prestes a ser pego em flagrante. Apesar do breve momento de camaradagem no dia anterior, Avery não queria nada com ele. Um policial comum, geralmente colocado em qualquer divisão do Esquadrão de Homicídios que precisasse, ele era, segundo ela, preguiçoso, maldoso, falso e tinha um sotaque tão forte e rápido que muitas vezes era quase impossível entender o que dizia.

- O que foi, Capitão?

O'Malley vestia uma camisa azul longa do exército e calças marrons. A barba estava desalinhada e ele parecia ter dormido pouco.

- Parece que Thompson estava no caminho certo - ele disse. – Recebemos uma ligação hoje pela manhã de Shelly Fine, mãe do nosso suposto criminoso. Parece que ela emprestou um dinheiro para ele alugar um lugar em Quincy Bay pelo mês inteiro. Aqui está o endereço - ele disse e a entregou um pedaço de papel. – Esse pode ser nosso local. Vá para lá agora. Se for mesmo, eu vou encontrar o comandante hoje à tarde para marcar uma coletiva.

Avery olhou o endereço.

Sudoeste, ela pensou, para o lado da água. Longe do local do rapto ou de rotas comuns de carros. A informação de Jones dizia que o assassino dirigiu na direção contrária saindo do beco em Cambridge. E Thompson havia dito que o carro estava indo para o norte.

- Claro - ela disse. – Vou para lá à tarde.

- Que? Você está bêbada? – ele gritou. – Eu acabei de te dar o possível endereço do nosso assassino, e você me diz que vai para lá à tarde?

- Thompson e Jones passaram quase o dia todo ontem buscando as rotas do carro. Eles viram que a minivan foi para o norte do parque e oeste do beco. O veículo não

foi para o sul. Eu não estou dizendo que Fine não é o assassino. Eu só estou pensando.

- Escute, Black. Você pode pensar o que quiser. Você quer seguir outros caminhos? Pode seguir. Depois de ir até esse lugar. Você está me escutando? Até onde eu sei, esse caso acabou. Eu quero terminar isso com chave de ouro. É melhor você me fazer ficar bem com o comandante.

- Ok - ela disse, - sem problemas.

- Esse 'Ok' me pareceu um 'Vou fazer o que eu quiser' – disse O'Malley. – Olhe, Avery, - ele disse e se sentou, - Eu sei que você é esperta. Por isso eu lhe promovi, certo? E eu sei que você tem um instinto ótimo. Mas o que eu preciso agora é de um desfecho. Se eu estiver errado? Ótimo. Jogue na minha cara o quanto você quiser. Mas por agora? Nós temos a melhor pista até o momento e eu espero que você a siga.

- Entendido - Avery respondeu.

- Que bom. Agora pegue seu parceiro e saia daqui!

- Finley?

- Sim. Algum problema?

- Isso é sério?

- O que? – o capitão a desafiou. – Você acha que eu ia lhe dar um policial bom? Seu primeiro parceiro foi morto. O segundo está no hospital. Finley é perfeito. Resolve todos os meus problemas. Se ele for bem? Ótimo. Se ele morrer? Sem problemas. Pelo menos eu posso falar para o comandante que eu me livrei de um peso morto por aqui.

- Eu estou ouvindo! – Finley gritou.

O'Malley apontou para ele.

- Não me decepcione! – gritou. – Estou cansado disso, escutou, Fin? Prove que você é bom com esse caso e talvez eu repense minha opinião sobre sua dedicação como oficial. Por enquanto, você é só um tira racista que é movido de departamento em departamento porque ninguém quer te demitir. É isso o que você quer? Essa fama? Ótimo. Acabou a sacanagem. Você faz o que ela mandar e limpa sua barra. Entendido?

* * *

- Que bicho mordeu ele? – Finley disse quando eles saíram. As palavras foram ditas muito rapidamente, com um sotaque tão forte que Avery havia escutado algo quase incompreensível, precisando de alguns segundos para entender.

Ela era pelo menos uma cabeça mais alta do que Finley e poderia ser considerada uma modelo perto dele, com seus lábios de sapo, bochechas gordas, olhos grandes e

corpo largo e robusto.

Quase nenhuma palavra foi dita até eles chegarem no carro.

A BMW branca pareceu ofender Finley.

- Uou! – Ele disse. – Eu não vou entrar aí.

- Por que não?

- É um carro de menininhas.

Avery entrou no carro.

- Entre logo.

Finley, completamente desconfortável em seu uniforme azul, parado ao lado da BMW conversível branca, parecia mais abatido do que um gatinho em uma tempestade.

- Ei, Fin - um policial disse de longe – Bela carona!

- Ah, cara! – Finley resmungou.

- Isso se chama *karma* - Avery disse com muita má vontade, entrou no carro e fechou a porta. – O que se planta, se colhe.

Ela dirigiu para fora do estacionamento e seguiu para o oeste.

- Ei - ele disse, - onde você vai? Quincy Bay é para o outro lado.

- Vamos chegar lá - ela respondeu.

- Espera aí - Finley reclamou. – Eu estava naquela sala também. O capitão disse para irmos para Quincy Bay. Sem exceção.

- Ele também disse para você me escutar.

- Não, sem essa! - Finley gritou. – Você não pode me ferrar nessa, Black. Faça a volta. É minha última chance. O capitão me odeia. Temos que fazer o que ele disse.

O jeito e a velocidade com que ele falava irritaram Avery.

- Você já se escutou? – Ela perguntou. – Digo, você já gravou sua voz alguma vez e escutou para tentar entender o que você diz?

Finley parecia confuso.

- Esqueça. - Ela fez um gesto com as mãos.

- Black, é serio. - ele insistiu.

- Você já encontrou um assassino em série?

- Não. Sim. Bem, talvez. – Finley pensou.

- Há algo neles - Avery disse – algo diferente das outras pessoas. Eu não sabia disso até eu representar um deles como advogada e achar que ele era inocente. Depois de descobrir que estava errada, eu comecei a ver as coisas de outro jeito. A casa dele, o que ele colecionava. Por fora, eles parecem normais, mas por dentro, existem pistas. Uma sombra escondia tudo - ela recordou, - uma sombra que demorou a ser iluminada.

- De que porra você está falando? – Finley resmungou.

Avery deu um longo suspiro.

- George Fine pode ser nosso assassino - ela disse. – Ele perseguia garotas e atacou um tira. Mas o que eu vi em volta dele não se encaixa. Aponta para algo diferente, como um jovem louco que está preso na própria mente. Não há provas sólidas de nada, o que me faz pensar que a casa é um escape, um lugar que ele vai para fugir de sua própria mente. Não sei, talvez eu esteja errada. Nós vamos até a casa. Eu prometo. Só me dê uma hora.

Finley balançou a cabeça.

- Porra, cara. Estou na merda.

- Ainda não - ela disse. – Só uma passada rápida em Harvard para entrevista um último suspeito e então vamos para Quincy Bay.

Um silêncio mortal tomou conta do carro no restante do caminho até Cambridge. Em um momento, um pouco curioso sobre Finley e o passado difícil entre os dois, Avery levantou as sobrancelhas e fez uma pergunta.

- Por que você é tão babaca sempre?

- Com você?

- Sim, comigo.

Finley encolheu os ombros como se a resposta fosse óbvia.

- Você é mulher - ele disse. – Todo mundo sabe que mulheres não são boas tiras. Ouvi que você era lésbica também. Você gosta de foder com assassinos, né? Que loucura. Você é louca, Black. Além disso, você sempre parece pertencer a outro lugar. Então eu digo a mim mesmo: Por que ela não vai trabalhar em outro lugar se ela não gosta daqui? É isso. Estou te provocando. É melhor você devolver os golpes se quiser respeito - ele disse, socando o ar. – Pou, pou, pou!

Avery começou a pensar se ele não tinha algum problema mental.

* * *

- Posso ajudar em algo?

Winston Graves era exatamente como havia sido descrito pelas garotas da irmandade: esnobe, desinteressado, alto, sinistro e atlético. Ele tinha lindos olhos verdes e um corpo moreno e em forma. Ainda que não fosse exatamente aquilo que Avery havia visto nas câmeras de segurança, ela tentou imaginá-lo disfarçado e abaixado para parecer mais baixo.

Na varanda de seu apartamento no primeiro andar, ele vestia uma bermuda de basquete branca e vermelha, chinelos e camisa regata. Havia livros em suas mãos. Ele olhou para Finley, que estava parado na calçada e olhava para Winston como um pitbull pronto para atacar.

- Meu nome é Avery Black - ela disse mostrando seu distintivo. – Sou do Esquadrão de Homicídios. Só quero fazer algumas perguntas sobre Cindy Jenkins.

- Já era hora - ele disse.

- O que você quer dizer?

- Eu liguei para a polícia no domingo. Só agora pensaram que poderia ser importante falar comigo? Nossa - ele riu ironicamente, - estou impressionado.

- Não sei se eu entendi - Avery disse. – Você tem algo para acrescentar ao caso? Por isso você queria que a polícia retornasse sua ligação?

- Não - ele disse – só estou completamente surpreso com a estupidez dos nossos funcionários públicos.

Avery fez uma cara feia.

- Ei! – Finley disse. – É melhor você controlar a porra da boca, moleque, ou te levo em cana por desacato.

Winston olhou para Finley, arrogante em um primeiro momento. Mas quando viu seu olhar furioso, ele pareceu mostrar pelo menos um pouco de humildade e fragilidade.

- O que vocês querem? – Winston perguntou.

- Você pode começar me dizendo onde você estava no sábado à noite. – Avery disse.

Winston riu.

- Isso é sério? – ele disse. – Eu sou suspeito agora? Isso está ficando cada vez pior.

Um ar de poder e proteção pairava sobre Winston, como se ele fosse intocável, acima de todos, abençoado pelo dinheiro e seu patrimônio. Ele lembrava Avery dos multimilionários com quem ela havia trabalhado como advogada. Durante aquele tempo de sua vida, ela provavelmente havia agido como ele.

- Estou apenas seguindo os passos que devo - ela disse.

- Eu estava jogando pôquer com meus amigos. Todo mundo estava na minha casa até mais ou menos meia noite. Você quer investigar? Fique à vontade. Aqui estão alguns nomes - e listou os nomes de alguns de seus colegas de Harvard.

Avery anotou.

- Obrigado - ela disse. – E como você está?

- O que isso quer dizer?

- Não sei, só estou tentando mostrar empatia. Como você está se sentindo? Acredito que deve estar sendo difícil para você. Pelo que eu sei, você e Cindy estavam em uma relação de longa data. Dois anos, certo?

- Bom trabalho, detetive - ele disse ironicamente. – Eu e Cindy tínhamos terminado. Não oficialmente, mas nos últimos meses, era doloroso, mas óbvio que nós não éramos um para o outro. Estávamos indo para direções diferentes. Eu ia terminar com ela. Então não, eu não estava tão destruído. É uma tragédia terrível. Eu fiquei triste quando eu soube do que aconteceu, mas se você veio até aqui

procurando lágrimas, está no lugar errado.

- Uou! – Avery disse. – Só fazem três dias!

- Desculpe - Winston se irritou, - tem algo que eu perdi aqui? Você vem até minha casa, insinua que eu sou suspeito, questiona meu namoro e depois tenta me fazer sentir culpado pelo que eu sinto? Você deveria cuidar com o que diz, detetive, ou eu vou ligar para o meu advogado e me assegurar de que alguém puxe seu cabresto.

- *Cale a porra da boca!* – Finley gritou apontando o dedo.

Avery o olhou com uma cara que dizia “você não está ajudando”.

O telefone dela tocou.

- Black - ela disse.

O'Malley estava na linha.

- Pare o que você estiver fazendo - ele disse em um tom de urgência. – Dê a volta e vá para Violet Path no cemitério Mount Auburn, na Watertown. Fique com seu telefone alerta e vá para lá agora. Peça pelo detetive Ray Henley. Ele está no comando. A casa pode esperar.

- O que aconteceu? – Ela perguntou.

- Encontraram outro corpo.

CAPÍTULO QUATORZE

O cemitério Mount Auburn era uma propriedade luxuosa com estradas sinuosas, lagos e florestas exuberantes com lápides por todo o caminho.

Alguns carros de polícia de Watertown, junto com carros sem identificação, uma ambulância e uma van da perícia tornavam impossível chegar de carro muito longe no Violet Path. As árvores escondiam a maior parte da luz do sol. Vários grupos de curiosos e ciclistas esticavam o pescoço para ver algo que Avery não conseguia ver. Ela estacionou na base de um pequeno monte com grama, na junção da Walnut Avenue com a Violet.

- Ei - um policial à paisana gritou quando ela saiu do carro, - você não pode estacionar aí. Tire o carro. Aí é a cena do crime!

Avery mostrou seu distintivo.

- Avery Black - ela disse. – Esquadrão de Homicídios. Polícia de Boston.

- Você está fora da sua jurisdição, Boston. Não precisamos de você aqui. Vá embora.

Avery sorriu tentando ser razoável e agradável.

- Me disseram para procurar Ray Henley.

- O Tenente Henley? – Desconfiado, o policial respondeu, - Espere aqui.

- Qual é a desse merda? – Finley perguntou.

Ele estava parado logo atrás de Avery, praticamente encostando no ombro dela.

- Estou pagando por algo? – ela perguntou. – É por isso que você está aqui?

- Essa é minha chance, Black. Você vai me ajudar a virar detetive.

- Deus tenha piedade da minha alma.

Um homem magro e atraente com calça social e camisa listrada vermelha apareceu no morro. Ele parecia mais um modelo de outdoor do que um detetive. Apenas o distintivo no pescoço e a arma na cintura mostravam o contrário. Tinha o rosto moreno do sol e cabelos castanhos ondulados. Ele exalava uma aura de bondade e paciência, quando sorriu para Avery como se eles se conhecessem.

- Detetive Black - ele cumprimentou. – Obrigado por vir.

Uma mão forte segurou a dela, e quando ele olhou dentro de seus olhos, um sentimento de calma tomou conta de Avery, como se ela pudesse se jogar nos braços dele e ser perdoada na mesma hora por todos seus pecados.

Um silêncio incômodo pairou por alguns segundos.

- Sou Ray Henley - ele disse.

- Certo - Avery respondeu, afobada. – Desculpe, me disseram que você encontrou outro corpo, parecido com o que encontramos no Lederman Park. É isso?

O fato de ela ir direto ao assunto do caso o desapontou um pouco. Ele suspirou e ficou com as bochechas vermelhas.

- Isso - disse – venha ver você mesma.

Ele a deu informações no caminho.

- Uma corredora a encontrou nessa manhã, pelas seis. Por um momento, ela pensou que a garota era algum tipo de adoradora do demônio pelo jeito que estava posicionada. Nós acreditamos que seu nome é Tabitha Mitchell, uma caloura do MIT que não voltou para casa para dormir ontem à noite. A companheira de quarto dela ligou para a polícia por volta das duas, e outra vez às oito. A polícia de Cambridge teria esperado normalmente quarenta e oito horas para divulgar uma foto, mas já que ela é uma universitária conectada, nós conseguimos antes.

- O que ela estava fazendo aqui?

- Eu achei que você pudesse nos ajudar com isso.

O corpo estava no topo do monte. Pequenas pedras de lápide cinzas marcavam a área. Ela estava posicionada em uma grande pedra que se assemelhava a um peão de xadrez. Ele havia, novamente, feito um trabalho incrível deixando-a natural. Ela estava agachada, abraçando o monumento. O resto dela descansava no topo da pedra. Os olhos estavam abertos e havia uma sensualidade em sua aparência. Um blush vermelho maquiava as bochechas. Algum tipo de cola havia sido passado na testa e nos cabelos para simular suor, e sua boca estava enrugada, dando a sensação de falta de ar.

- Ela não está vestindo nada por baixo - disse Ray.

Cindy Jenkins estava vestindo roupas íntimas: calcinha e sutiã. O que isso significava? Avery tentou imaginar. O assassino está ficando mais ousado? Ela teria saído de casa daquele jeito?

Os olhos de Tabitha estavam abertos e focados em algo à distância.

Avery seguiu a linha do olhar e chegou a pequenas lápides brancas em uma descida com grama, do outro lado.

- Finley - ela disse, - anote tudo o que você ver naquelas lápides lá. Marque cada uma para que eu saiba qual é a primeira, segunda, terceira, entendeu? Depois caminhe pela área. Assassinos em série geralmente voltam à cena do crime para uma emoção barata. Talvez o nosso ainda esteja aqui.

- Um assassino em série? – Ele sorriu. – Uou! Fechado, Black! – Ele a olhou com a expressão séria, de quem era capaz e apontou o dedo no rosto dela.

- Esse é seu parceiro? – Ray perguntou.

- Não - ela respondeu.

De novo, ele tentou começar uma conversa.

- Eu vi você no jornal uns dias atrás. – Ele sorriu. – E, - ele enfatizou, um pouco envergonhado, - eu a vi em muitos jornais há alguns anos.

A intenção dele não estava clara até Avery olhá-lo e perceber: Ele estava flertando.

Era difícil para ela, em frente a um cadáver, fazer qualquer coisa que não fosse analisar o que aconteceu e tentar juntar os pedaços do quebra-cabeças. Ela imaginou se havia algum tipo de falha mecânica de nascença ou de seu passado culpado e complicado, mas então ela lembrou que era assim desde sempre, mesmo enquanto advogada: focada, implacável, e ansiosa para encontrar conexões que a levariam ao sucesso. Agora, a única diferença é que essas conexões não eram apenas maneiras de libertar seus clientes, e sim eram maneiras de parar assassinos.

Ray percebeu o desconforto de Avery e trocou de assunto.

- Você acha que o assassino é o mesmo?

Avery limpou a garganta.

- Com certeza - ela disse. - Isso é coisa dele.

- Bom, então - ele disse, - vou compartilhar tudo o que eu tiver com você. Nós não temos muitos crimes como esse em Watertown. E, se você quiser, nós podemos enviar o corpo para o seu laboratório e você pode levar o que quiser daqui. Tudo bem por você?

- Claro - ela disse, realmente grata. - Seria ótimo.

- Não me entenda mal. - ele acrescentou com um sorriso. - Eu não sou só um cara legal. Pra falar a verdade? Eu sou um pouco obsessivo quando se trata de compartilhar. Eu me arrepio só de pensar em duas papeladas diferentes para algo tão importante e urgente.

- Mesmo assim - ela disse, - obrigada.

Ele a olhou o máximo que pode. Avery sentiu as bochechas vermelhas e se virou, feliz com a atenção, mas ansiosa para voltar ao trabalho. Felizmente, outro policial o chamou.

- Tenente, temos algo aqui.

- Eu já volto.

O cemitério era calmo, pacato, igual à área onde o corpo de Cindy Jenkins havia sido colocado no Lederman Park. Por que? Avery imaginou. Qual era o significado dos parques? Mentalmente, ela listou as pistas que precisava seguir: Tabitha era uma garota de irmandade como Cindy? Ela era caloura e meio asiática. Então o assassino não poderia estar caçando apenas veteranas ou especificamente garotas brancas. Cindy vinha de uma família estabilizada. E Tabitha? As duas haviam sido raptadas em Cambridge. Por que? Era lá que o assassino morava? Onde Tabitha havia sido visto pela última vez? Quem a viu viva? Seria possível conseguir imagens de câmeras? A lista de perguntas parecia não acabar.

O que nós de fato sabemos? Avery imaginou.

Nada, ela respondeu mentalmente. *Nós não sabemos nada.*

Ou melhor, ela reavaliou, *nós sabemos algo*. A possível forma e tamanho do assassino, sua cor, seu modus operandi e as drogas que ele usava nos crimes.

Ramirez estava fazendo uma lista de fornecedores de plantas alucinógenas, bem como das concessionárias e sites da internet que vendiam minivans Chrysler. *Nós podemos seguir essas pistas. Nós também podemos compartilhar o desenho do assassino com a polícia de Cambridge. Descobrir se algo se encaixa. Nós também podemos tentar seguir a minivan em sua rota depois do Lederman Park.*

Eu preciso de mais pessoas, ela pensou. E não de Finley.

Sirenes de polícia soaram.

Policiais começaram a agir.

“Tem alguém fugindo! Tem alguém fugindo!”

Longe dali, em outro caminho visível da posição de Avery, um carro preto, que parecia um Mustang, saiu do cemitério acelerando e cantando pneu. Ray estava mais abaixo, dando ordens. Dois policiais e um fotógrafo em volta do corpo saíram em direção à cena.

- Não, não! – Avery apontou para um dele e chamou. – Você fica aqui! Alguém tem que vigiar o corpo.

Finley, ela pensou. Cadê ele?

O walkie-talkie de Avery começou a tocar.

- Ei, Black - Finley disse, - nós pegamos ele! Eu peguei ele!

- Cadê você? – Ela perguntou em tom de ordem.

- Em um carro da polícia de Watertown com o... Ei, qual seu nome? – Ele disse para alguém.

- Cala a boca, cara! Estou tentando dirigir! – Uma voz desconhecida respondeu.

- Eu não sei - Finley acrescentou, - algum policial. Nós somos o primeiro carro perseguindo o Mustang preto. Sentido noroeste do cemitério. Entre no seu pônei branco logo e venha pra cá. Nós pegamos ele!

CAPÍTULO QUINZE

Avery entrou no carro e ligou uma sirene no teto. A luz vermelha começou a girar. Seu walkie-talkie, um modelo chique e pequeno como um celular, foi deixado de lado. Ao invés dele, ela ligou o receptor do carro e sintonizou na frequência que havia atribuído a Finley.

O carro ligou. Uma pequena ré e ela pisou no acelerador e saiu em direção à Walnut Avenue. As ruas do cemitério eram um labirinto confuso. Em meio a árvores distantes, ela viu o fim da fila dos carros de polícia. Black abandonou a estrada e subiu o carro na grama. *Merda*, ela pensou, *vou me ferrar por isso*. Lápides foram desviadas. O carro entrou em outra estrada pavimentada e então ela estava atrás de mais alguns carros de polícia.

Avery seguiu a fila para sair do cemitério e em direção à Mt. Auburn Street. Escapou por pouco de bater em dois carros. Uma batida foi ouvida mais atrás. Uma linha de luzes de polícia azuis e vermelhas entrou na Belmont Street.

Avery pegou o speaker do carro.

- Finley - ela chamou – cadê você?

- Ah, cara! - Finley respondeu, - Vocês estão muito atrás. Estamos à frente de todo mundo. Isso é ótimo. Vamos pegar esse filho da puta!

- *Cadê você?* – Ela ordenou uma resposta.

- Belmont, acabamos de passar Oxford. Não, espere. Ele está virando na Marlboro Street.

Avery olhou para o velocímetro. Cento e cinco... cento e dez. Belmont era uma rua de mão dupla. O lado dela era de uma pista com espaço suficiente para ultrapassar os carros lentos na direita. Felizmente, todos os carros de polícia já haviam desviado o tráfego. Ela chegou ao último carro.

- Vire à esquerda na Unity Avenue agora. – Finley disse no rádio.

A fila de carros da polícia virou à direita na Marlboro e logo depois à esquerda.

- Nós paramos. Paramos! - Finley avisou. – Estou fora do carro. O Mustang está no gramado de uma pequena casa marrom. Entrando na casa.

- Não entre na casa! – Avery gritou. – Você entendeu? Não entre!

A linha ficou silenciosa.

- Porra! – Ela disse em voz alta.

Todos os carros de polícia foram para uma única casa de dois andares com um pequeno gramado sem árvores. O Mustang tinha quase batido na escadaria frontal. O carro de polícia atrás dele, Avery imaginou, era o em que Finley estava.

Avery saiu do carro e puxou a Glock da alça de seu ombro. Outros policiais tinham suas armas em punho. Ninguém parecia saber o que estava acontecendo.

- É o assassino? – Henley perguntou em voz alta.

- Não sabemos - outro policial respondeu.

Gritos vieram de dentro da casa.

Tiros foram ouvidos.

- Vocês dois! – Henley apontou para seus homens. – Vão para os fundos. Não deixem ninguém sair. Sullivan, Temple, sigam olhando para mim.

Ele correu para as escadas e entrou na casa.

Avery se mexeu para ir atrás dele.

- Espere. Espere! – Um policial gritou.

Finley saiu da casa com os braços para cima em sinal de vitória, com a arma nas mãos.

- É isso mesmo - ele disse. – Fim de jogo para o assassino!

- Finley, o que aconteceu? – Avery gritou.

- Eu peguei ele! - Ele declarou, sem nenhum senso de remorso ou etiqueta. – Atirei no filho da puta. Ele puxou uma arma e eu atirei nele. Salvei a vida de alguns policiais e matei o filho da puta. É assim que a gente faz no sul! - Acrescentou, fazendo o sinal de uma gangue que Avery imediatamente reconheceu como a South Boston D-Street Boys.

- Espere aí - ela disse. – Como você sabe que ele é o assassino?

Finley inclinou o pescoço e abriu bem os olhos.

- Ah, sim - ele declarou, - Eu sei que é o assassino. Peguei ele no porão. Muita merda lá embaixo. Você tem que ver para acreditar.

Henley saiu da casa.

- Sullivan - ele chamou, - chame uma ambulância agora e desça no porão. Dickens foi baleado. Ele precisa de ajuda. Travers, quero esse lugar isolado. Ninguém entra. Ninguém sai. Entendido? Ninguém mais pode pisar na cena. Marley! Spade! Venham aqui!

- Eu preciso ver o que tem lá dentro - Avery disse.

- Vá. - Henley apontou. – Ela pode passar, Travers. Ele também. - apontou para Finley. – Mais ninguém. – Para Finley, ele disse: - Vou precisar de um depoimento seu, jovem.

- Sem problemas - Finley disse. – Os heróis contam suas histórias.

- Me conte tudo devagar - Avery disse.

Finley, ainda em pico de adrenalina, estava agitado como nunca.

- Eu fiz o que você disse - ele disse em seu tom rápido e com sotaque, - anotei os nomes daquelas lápides. Muitas garotas, talvez dezoito ou vinte anos, não sei. Não sou bom em matemática. Mortas na Segunda Guerra. Depois vi esse cara velho olhando tudo de longe. Parecia suspeito, sabe? Eu alertei um dos policiais, porque eu sou um cara de grupo e tal, e nós fomos lá conversar com o cara. Nós estávamos na metade do caminho até ele, quando ele fugiu, correu rápido para o carro. Eu nem

sabia que caras velhos corriam tão rápido. Começamos a ir atrás. Espere até você ver o que encontramos. Resolvi o caso sozinho. - ele disse e bateu no peito. – Não se preocupe. Eu vou te dar algum crédito – ele acrescentou. – *Quem é preguiçoso agora?* – Finley gritou para o céu.

Tudo o que Avery escutou foi “lápides... garotas... mortas na Segunda Guerra...”, e anotou mentalmente para descobrir tudo sobre aquelas lápides e as mulheres que lá estavam.

Com a arma em punho, Avery entrou pela porta da frente.

A casa era velha, com cheiro de mofo, como se ninguém morasse ali há muito tempo. Os tapetes eram brancos e sujos. Uma escadaria levava ao segundo andar. Pelo teto, Avery escutou passos e alguém gritou: “Limpo!”

- Por aqui - Finley disse.

Ele a levou pelas escadas. A cozinha ficava na esquerda. Na direita, havia uma porta que levava ao porão. O cheiro estava forte ao redor da porta: corpos em decomposição e óleos perfumados. *Óleos*, Avery pensou. *Talvez esse seja mesmo nosso procurado.*

Passos que rangiam no chão levaram a um porão grande e escuro, com piso de pedra. O cheiro era tão forte que Avery quase vomitou: corpos mortos e em decomposição misturados a fragrâncias doces para esconder o odor. Havia purificadores de ar por todos os lados pelo teto. Caixas estavam alinhadas nas paredes, centenas e centenas. O único espaço vazio tinha uma mesa grande com sangue e instrumentos de corte.

No fundo havia uma cama suja.

Havia um corpo morto na cama, praticamente azul e em decomposição há algum tempo, com as pernas abertas e amarradas a pilares, assim como as mãos. O corpo era de uma garota, alguma jovem que Avery imaginou que tivesse morrido anos antes.

Objetos sexuais estranhos estavam por ali: cadeiras de tortura, correntes no teto e um balanço. Uma das caixas estava aberta. Avery olhou dentro e viu de reflexo partes do corpo de uma mulher.

Ela segurou o nariz por causa do cheiro.

- Meu Deus.

- Eu não lhe disse? – Finley perguntou. – Loucura, né?

Um homem morto estava deitado aos pés da cama de madeira. 1,88m ou 1,90m. Era velho e magro, com longos cabelos grisalhos. *Por volta de sessenta anos*, Avery pensou. Havia uma espingarda em sua mão.

O policial ferido estava sentado, encostado em uma parede sendo ajudado por seu amigo. Por sorte, ele estava de colete, mas alguns tiros acertaram seu pescoço e rosto.

- Minha mulher vai me matar - o policial disse.

- Não - o outro respondeu, - você é um herói.

O porão estava sujo. Montes de poeira por todos os lados. As ferramentas na mesa, a mesa em si e até os equipamentos sexuais claramente nunca tinha recebido uma limpeza. As caixas estavam sujas e quase se decompondo.

- Preciso fazer uma varredura - Avery disse. – Finley, cheque a garagem. Veja se você encontra a minivan e disfarces, plantas, agulhas. Qualquer coisa relacionada ao nosso caso.

- Pra já! - Ele disse e subiu as escadas.

O resto da casa parecia velha e inabitável, sem animais ou plantas. Era mais limpa, mais arrumada que o porão, mas ainda assim cheia de poeira. Não parecia que qualquer outro sinal de perversão seria encontrado nos andares de cima. Imagens alinhadas nas paredes eram cópias pitorescas de artistas como Bruegel e Monet. O suspeito, ao que parecia, ficava mais tempo no segundo andar, onde Avery encontrou suas roupas e objetos pessoais.

Ela foi até o lado de fora.

A vizinhança havia aparecido. As luzes da polícia ainda estavam acesas. Uma pequena multidão havia se formado ao redor da área isolada.

Finley retornou.

- Só uma garagem vazia com um monte de lixo - ele disse.

Uma imagem do assassino já havia se formado na mente de Avery, baseada no que ela havia visto nas fitas das câmeras de segurança e no que ela acreditava pelas experiências anteriores. Ela imaginava jovem forte e elegante, educado e antissocial, um homem que gostava de arte e tinha uma atração por misturas medicinais. O jeito que ele colocava suas mulheres parecia pinturas de Parrish, ou obras de Alphonse Mucha. Similarmente, as drogas que ele usava eram sua arte própria, feitas de muitas plantas e flores raras e ilegais. Ele também era fascinado em detalhes, e limpo, da mesma maneira que os corpos com suas roupas lavadas e pele limpa.

Essa casa?

O homem morto no porão?

George Fine?

Eram todas peças do quebra-cabeças, mas pareciam quebra-cabeças diferentes, com suas próprias peças, e todas as peças estavam espalhadas juntas.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Todos no departamento de polícia se levantaram quando Avery e Finley saíram do elevador. Finley aproveitou seu momento de estrela. Ele se curvou, assoviou para os amigos e repetiu algumas vezes, gritando: “Eu sou cara, não é? Vocês viram como é o jeito do Sul de fazer as coisas?”

- Bom trabalho! – Os policiais aplaudiram.

- Você pegou ele!

Com a mente em um lugar distante, Avery não escutou nada daquilo. O escritório era uma bolha, sem ninguém dentro. Os sons, apenas ruídos. Imagens apareciam em sua mente: George Fine, Winston Graves e o velho homem morto em seu porão nojento como uma casa de horrores.

O'Malley saiu de seu escritório para apertar a mão de Avery pessoalmente.

- Conte pra mim - ele disse. – Como foi?

- O nome dele é Larry Kaplanapick. Trabalha na Home Depot como carregador - Avery disse. – Ao que parece, todos os corpos no porão já estavam mortos.

- Maldito coveiro! – Finley se intrometeu.

- Ele devia fazer isso há anos - Avery disse. – A polícia de Watertown estima que há partes de pelo menos vinte corpos diferentes no lugar. O mais provável é que ele pegava os corpos, se divertia um pouco, e depois cortava-os e colocava no porão. O departamento do Henley está mandando tudo para o laboratório, apenas para ter certeza.

- Filho da puta - O'Malley murmurou.

Finley riu.

- O filho da puta tinha aromatizantes pendurados pelo teto do porão inteiro.

- E nossa vítima?

- Nós voltamos à cena depois da perseguição. O legista estava lá com os peritos. A Randy diz que foi o mesmo criminoso de Cindy Jenkins, mesmo modus operandi, e pelo cheiro, provavelmente ele usou o mesmo anestésico. Ela vai investigar isso melhor.

- Então, Fine não é o assassino.

- Não pode ser - ela disse. – Ele estava bem preso na noite do crime. Ele é culpado de algo, mas não disso. Como precaução, eu pedi para Thompson e Jones irem até a casa em Quincy Bay. Depois Jones vai continuar buscando as imagens de câmeras da minivan, e Thompson vai encontrar tudo o que ele puder sobre Winston Graves.

- Graves? O namorado da Jenkins.

- A chance é pequena - Avery admitiu. – Enquanto isso, Finley se encarrega do caso Tabitha Mitchell. Ele pode começar já pelos amigos e família.

- Finley?

- Ele trabalhou pra cacete hoje.

Para Finley, ela acrescentou:

- Lembre-se de pensar além de Tabitha Mitchell. Nós precisamos de qualquer ligação entre ela e Cindy Jenkins. História da infância. Professores na faculdade. Comidas favoritas. Atividades pós-aula. Amigos e família. Qualquer coisa.

Com fogo nos olhos, Finley bateu em seu coração.

- Sou seu cão de caça - ele disse.

O capitão olhou para Avery.

- E o que você vai fazer?

Black pensou na minivan azul indo para o oeste de Boston. Ela acreditava que o assassino tinha que morar em Cambridge, Watertown ou Belmont. A soma da população desses lugares era quase duzentos mil. Um mar infinito de diferentes caras.

- Eu preciso pensar - ela disse.

* * *

Avery apontou sua Glock 27 em um alvo distante. Óculos de proteção alaranjados cobriam seus olhos. Plugues haviam sido colocados em seus ouvidos. Ela imaginou o rosto de Howard Randall no lugar do novo assassino sem face. Atirou.

Pow! Pow! Pow!

Três tiros atingiram o alvo quase no centro mortal.

Pensar sempre havia sido seu forte. Precisava de algum tempo longe do caso onde ela poderia processar tudo o que sabia.

Uma parede branca apareceu para ela desta vez.

Sem pistas. Sem conexões. Apenas uma parede que a mantinha longe da verdade. Avery não acreditava em paredes como obstáculos. Paredes eram para outras pessoas, outros advogados, outros policiais que simplesmente não sabiam como quebra-las e ver o que outros não podiam ver.

O que eu estou deixando passar?

Pow! Pow! Pow!

Os tiros saíram à direita. No começo da sessão, ela havia acertado todos os tiros perfeitamente no centro. Agora eles estavam desviando. *Assim como você*, ela pensou. Desviando. Errando o alvo. Deixando algo passar.

Não, ela pensou.

Inspire... Expire...

Pow! Pow! Pow!

Todos exatamente no alvo.

Howard Randall, ela pensou.

De repente, ela se deu conta: *É isso. Uma nova perspectiva.*

Estúpido, ela pensou. *Loucura. Connelly ficaria louco. A imprensa teria um dia dos sonhos. Foda-se a imprensa. Ele faria isso? Claro que faria, ela pensou. Certamente. Ele foi para a cadeia por você. Ele tem essa fascinação louca por você. Ele provavelmente já está acompanhando o caso. Não*, ela jurou. *Não vou fazer isso. Não vou entrar nessa de novo.*

Ela colocou um novo pente na arma.

Atirou.

Pow! Pow! Pow!

Todos os tiros erraram o alvo.

* * *

Na estação de polícia escura, já depois da meia-noite, Avery sentou e debruçou-se sobre sua mesa. Várias fotos estavam espalhadas em sua frente: Cindy Jenkins, Tabitha Mitchell, Lederman Park, o cemitério, o beco, além de frames das imagens da minivan e do assassino.

O que eu estou deixando passar?

Ela analisou as fotos detalhadamente.

Finley já havia feito alguns interrogatórios oficiais. À primeira vista, Tabitha havia sido raptada logo que saíra na rua, assim como Cindy, provavelmente a alguns passos do bar que ela havia visitado na terça à noite. A diferença é que não havia namorado nem admirador de longa data nesse caso. De acordo com os entrevistados, Tabitha estava solteira há algum tempo. Ela era de uma irmandade, a Sigma Kappa, mas as ligações com Cindy acabavam aí. Tabitha era uma caloura de economia. Cindy era uma veterana de contabilidade.

Irmandades.

Seria essa a ligação?

Ela fez uma nota mental para pesquisar os encontros de irmandades em todo o país.

O filme que estava sendo exibido no Omni era sobre três mulheres. A lápide apontava para três mulheres. Isso significava que ele matava trios? O filme e as lápides das garotas da Segunda Guerra podiam ser comparados ou contrastados de muitas maneiras.

Ela pesquisou várias estradas ao redor de Cambridge e Watertown e imaginou onde o assassino poderia morar e porque ele teria escolhido essas estradas. A lista de Chryslers azul-escuros estava sendo agora supervisionada por Finley. Eles já tinham duas mil listadas com donos de carros feitos e vendidos nos últimos cinco

anos. E se ele a tivesse comprado há seis anos? Ou sete?

Howard Randall continuava invadindo seus pensamentos. Ela havia até imaginado a voz dele dizendo: “Você pode vir até mim, Avery. Eu não vou lhe morder. Faça-me suas perguntas. Deixe-me ajudar. Eu sempre quis ajudar.”

Ela bateu na própria cabeça.

Saia daqui!

Mesmo assim, a imagem voltou, rindo.

CAPÍTULO DEZESSETE

Às sete e meia da manhã seguinte, Avery estava sentada em seu carro a meia quadra da casa de Constance e Donald Prince.

Eles moravam em Somerville, a nordeste de Cambridge, em uma pequena casa amarela com rodapé branco em uma rua tranquila do subúrbio. Uma cerca branca de madeira rodeava a propriedade. Havia duas sacadas: uma no primeiro andar e outra no segundo, onde cadeiras e uma mesa haviam sido colocadas para cafés da manhã em dias ensolarados.

A cena parecia de cinema: árvores nas calçadas, o sol raiando e pássaros cantando no céu.

Gritos eram tudo o que Avery conseguia lembrar, os gritos sem fim da única vez em que ela havia visitado os Prince, além de lágrimas e pratos jogados contra a parede enquanto os dois tentavam desesperadamente expulsá-la.

Constance e Donald Prince eram os pais de Jenna Prince, a última aluna de Harvard assassinada pelo professor Howard Randall, quase quatro anos antes. O assassinato havia acontecido apenas algumas semanas depois de que a advogada de defesa estrela Avery Black havia feito o impossível e inocentado o Professor Randall do assassinato de dois outros alunos de Harvard, apesar de circunstâncias claras apontarem contra ele.

Aqueles poucos dias entre a vitória de Avery no tribunal e a morte de Jenna Prince ressoavam na mente de Black. Com o veredito do júri, havia iniciado a celebração. Ela passou noites e noites comprando garrafas de vinho caras e dividindo a cama com muitos homens desconhecidos. Uma noite, em particular, ela havia até ligado para o ex para perguntar se ele queria retomar a relação. Ela nem sequer esperou pela resposta. Avery havia apenas rido após sua pergunta e prometido que nunca ficaria com um perdedor de novo. A culpa que ela sentia daquele momento continuava a machucar mesmo agora, anos depois.

Sua vitória havia durado pouco.

Ela soube da verdade pelos jornais poucos dias depois: “Inocentado Assassino de Harvard ataca novamente”. Como suas vítimas anteriores, muitas partes do corpo de Jenna Prince haviam sido cuidadosamente reconfigurados em pontos de referência de Harvard. Mas diferentes dos outros assassinatos, desta vez, Howard Randall havia seguido adiante imediatamente. Ele apareceu em Harvard tão logo o corpo foi encontrado, com as mãos para cima e coberto de sangue. “Essa é pra você, Avery Black”, dissera aos repórteres. “Isto é pela sua liberdade.”

E a crença dela de que ele era uma pessoa decente e honrável? De que ela havia finalmente feito o bem e libertado um inocente?

Tudo havia acabado.

Tudo o que ela acreditava estava destruído. Seu marido sempre soube a verdade sobre o excesso de confiança e ego dela. Mas sua filha? Havia sido uma revelação chocante. “Foi tudo por dinheiro?” Rose havia pensado. “Você inocentou um assassino em série. Quanto outros assassinos você inocentou para poder comprar esses sapatos?”

Avery olhou para o interior de sua BMW.

O couro estava velho e desbotado. O painel negro havia sido removido e trocado por seu rádio e scanner da polícia, além de um computador para quando ela estava em emboscadas policiais. O carro, comprado no auge de sua fama e arrogância, agora servia como uma memória de seu passado indulgente e como um testamento para seu futuro.

- Você não morreu em vão - ela prometeu pela memória de Jenna Prince. – Eu prometo.

A caminhada até a casa pareceu interminável. O barulho de seus sapatos no cimento, pássaros, carros distantes e todos os sons a fizeram mais consciente de si mesma e do que ela pretendia fazer. “Eu te odeio,” Constance havia dito todos aqueles anos antes. “Você já matou nossa filha. O que mais você quer? Perdão? Quem pode perdoar alguém tão doente e depravada como você?”

Avery seguiu caminhando.

Uma ligação teria sido inapropriada, mais até do que uma visita inesperada. Eles precisavam ver a cara dela, seu desespero. E ela precisava vê-los.

Ela tocou a campainha.

Uma voz feminina de meia idade gritou:

- Quem é?

Os passos chegaram mais perto.

A porta se abriu.

Constance Prince era branca, com um bronzado artificial e cabelos cortados e loiros descoloridos. Ainda que ela quase nunca saísse de casa, a não ser para pequenas voltas com as amigas, ela estava muito maquiada: blush, delineador e batom vermelho. Tinha rugas nos olhos e na boca. Estava vestindo um suéter leve e calças vermelhas. No pulso, pulseiras de ouro, além de brincos, também com fios de ouro, nas duas orelhas.

Alguns piscares de olhos e ela parecia focar em Avery. A postura de boas-vindas rapidamente foi embora. Ela respirou fundo e deu um passo atrás, assustada.

Outra voz foi ouvida.

- Quem é, amor?

Sem uma palavra sequer, Constance tentou fechar a porta.

- Por favor - Avery disse. – eu só preciso pedir um favor. Vou embora antes de você perceber.

Uma parte do rosto de Constance podia ser visto entre a porta e a parede. Com a cabeça baixa, ela ficou parada por um momento.

- Por favor - Avery implorou. – Eu preciso de algo, mas eu não posso fazer isso sem a aprovação de vocês.

- O que você quer? – Constance murmurou.

Avery olhou para a varanda e para a rua antes de se virar novamente para a porta.

- Você leu os jornais?

- Sim.

- Tem outro assassino à solta. Ele se parece muito com o outro - Avery disse sem mencionar Howard Randall, - esperto e difícil de pegar. Outro corpo foi encontrado hoje. São dois até agora, mas pode ser que ele faça isso em trios, o que significa que outro corpo não está longe de aparecer. Eu sou policial, agora. - ela acrescentou. – Aquela vida, quem eu era lá atrás, não tem nada a ver com quem eu sou agora. Estou tentando me redimir. Estou tentando ser diferente.

A porta se abriu.

Donald Prince havia tomado o lugar de sua mulher. Mais velho, muito gordo e fora de forma, ele tinha cabelo grisalho e curto, pele avermelhada e um olhar que falava por sua surpresa e fúria. Ele vestia uma camiseta suja, shorts e chinelos verdes. Usava uma luva suja em uma das mãos.

- Que porra você quer? – ele disse. – Por que você está aqui? – Ele olhou para a rua. – Você não é bem-vinda nessa casa. Você ainda não fez mal o suficiente para nossa família?

- Eu vim para pedir sua permissão - ela disse.

- Permissão? – ele disse e quase riu. – Você não precisa da nossa permissão para nada. Nós queremos você fora das nossas vidas! Você matou nossa filha. Você não entende isso?

- Eu não matei sua filha.

Os olhos dele se arregalaram.

- Você acha que isso resolve o que você fez?

- O que eu fiz foi errado - ela disse, - e eu tenho que viver com isso, todo dia. Eu sou diferente agora. Sou policial. Eu tento pegar esses caras, não os inocular.

- Bom, bom pra você. – Ele assentiu com raiva. – Mas isso é muito pouco e muito tarde para nós, não acha?

Ele tentou fechar a porta.

- Espere - Avery disse.

Ela colocou uma mão na madeira pintada.

- Existe um novo assassino. Igual a Howard Randall. Aqui no seu quintal. Ele vai matar de novo. Eu tenho certeza. E vai ser logo. Minhas pistas estão fracas. Eu preciso de um novo ponto de vista. Eu preciso visitar Howard, ver se ele pode

ajudar. Eu quero sua permissão.

Uma risada veio de dentro.

A porta abriu.

Donald se inclinou para trás, impenetrável.

- Você quer minha permissão? Para falar com o assassino da minha filha, para poder parar outro assassino?

- Isso mesmo.

- Claro - ele disse com um sorriso falso. – Boa sorte.

Seu rosto não mostrou nenhuma simpatia, e um olhar sinistro e mortal penetrou Avery.

- Eu não me importo com quem você é agora. Entendeu? Você vem até a minha casa de novo? Fala com minha esposa? – Seus olhos mostravam violência. Sua voz se tornou um sussurro. – Eu vou te matar - ele prometeu, – e isso sim vai ser justiça. Justiça de verdade.

CAPÍTULO DEZOITO

A prisão de South Bay era um complexo gigante e marrom, que tomava mais de seis quadras no extremo sul de Boston. A fortaleza tinha forma de triângulo, com algumas poucas janelas e quase nenhuma entrada. Muitos prédios pequenos, muros altos e incontáveis portões ao redor da propriedade faziam da entrada um enigma para um visitante comum.

Avery havia estado em South Bay algumas vezes antes, tanto como advogada quanto como policial. Ainda que para ela fosse fácil transitar pela Massachusetts Avenue e pelas ruas laterais que eram o caminho para estacionar na Bradson Street e ter acesso ao prédio principal, o processo sempre era demorado e complicado.

Visitantes normalmente precisavam de uma permissão por escrito já no dia anterior para entrar. Se não houvesse nenhum aviso antecipado da visita, eles geralmente eram mandados embora por razões de segurança, independente do nome, cargo ou razão para estar lá. O fato de Avery ser policial não significava muito para os administradores de South Bay. Prisões eram como ilhas privadas, com suas próprias regras, onde os funcionários só deviam satisfação ao administrador e ao diretor.

Avery, no entanto, não era uma visitante comum.

Uma pseudo-celebridade em South Bay, ela era conhecida por quase todos os funcionários. O julgamento que absolveu Howard Randall de assassinato havia sido televisionado. O que também havia sido televisionado fora sua rendição sangrenta dias depois. Nos dois episódios, o rosto de Black fora exposto em todos os lados, e até seu desaparecimento e ressurgimento na Polícia de Boston, seu nome havia se tornado sinônimo de advogados corruptos e necessidade de uma profunda reavaliação no sistema judiciário.

No detector de metais, um guarda disse:

- Ei, senhora Black! Veja só, Joey! Olha quem está aqui! Avery Black voltou.

- E aí, senhora Black?

Avery acenou.

- Olá, rapazes.

Ela colocou suas coisas na mesa e foi até o scanner.

Outro guarda falou:

- A que devemos a honra, senhora Black?

- Eu vim ver Howard Randall.

- Uou! – Muitos guardas disseram em coro.

- Queria ser uma mosca naquela sala - alguém disse. – Cuidado, Black. Randall foi transferido para o Bloco B dois meses atrás. Ele cortou um preso em pedaços. Foi feio. O velho ainda está ativo!

Após o detector de metais, ela foi revistado e seguiu para a sala de visitantes.

- Nome? – disse uma mulher gordinha e sisuda dentro de uma sala fechada.

- Avery Black. Esquadrão de Homicídios da Polícia de Boston.

- Você não está na lista, Black. Vai ter que voltar outra hora.

Um guarda que estava passando entrou na conversa.

- Não, não - ele disse, - deixe ela passar. Você sabe quem ela é? Avery Black. Inocentou aquele velho louco do Randall por assassinato. O caso mais fascinante que eu já vi.

- Você se responsabiliza?

- Sim, sim. Deixe ela passar. Vou mandar alguém ver o Randall. Ver se ele está afim de conversar. Desculpe, senhora Black, mas se Randall não quiser vê-la, não vou poder fazer nada.

- Tudo bem - ela disse.

A sala de espera fechada era grande e com paredes verdes. Ruídos ainda ressonavam além dos portões, pelas portas fechadas. Várias mesas e cadeiras estavam ocupadas por visitantes esperando pela chance de ver seus amados. Um casal mexicano estava brigando enquanto seus três filhos corriam pela sala e tentavam conversar com os outros.

O que eu estou fazendo aqui? Avery pensou.

- Black! Você tem sorte! – O guarda a chamou. – Randall disse que ele esteve esperando por você. Mas sem sala de visita pública. Ele tem que ficar na cela. Se ele abrir a boca, está ferrado. Eu vou te levar lá embaixo até a parte de fora da cela dele. Mais privacidade pra vocês, certo? Além disso, você foi advogada dele. Vocês não têm privilégios de advogado-cliente?

A descida da escada até o piso subterrâneo era tudo o que Avery lembrava.

Presos gritavam em suas celas: “Me tire daqui! Sou inocente!” Guardas respondiam: “Cale a boca!” Presos e guardas sussurraram para ela. “Ei, delícia! Quer uma visita íntima?”

O piso subterrâneo era mais escuro do que o resto da prisão, com pouca luz e portas pretas grossas em uma parede de concreto pintada de cinza. Números brancos estavam pintados em cada porta. B1, B2, B3... O guarda passou por cada porta e abriu outro portão.

- Vamos colocá-lo na sala de reuniões para você - ele disse. – Você vai estar mais confortável lá. Quando terminar, apenas grite.

Uma porta preta sem marcação entre muitas foi aberta.

Howard Randall estava sentado ao fim de uma grande mesa de metal em uma sala muito pequena. Ele tinha uma cabeça grande, com poucos cabelos grisalhos dos lados. Óculos grossos enfeitavam seu rosto enrugado. Seus olhos pequenos miraram Avery com excitação. Ele estava vestido com um uniforme alaranjado. Suas mãos

murchas estavam sobre a mesa, presas por algemas. Da mesma forma, seus pés estavam algemados aos pés da mesa para prevenir qualquer movimento.

- Vamos lá, Howard - o guarda disse. – Está vendo o que eu faço por você? Eles não queriam deixar ela descer. Ela não marcou visita. Mas eu fiz ela entrar. Isso deve valer algumas coisas, certo?

Howard sorriu e assentiu agradecido.

- Claro, agente Roberts - ele disse com sua voz confiante. – Por que nós não falamos sobre o pagamento mais tarde?

Corpulento e com a barba por fazer, o guarda retribuiu o sorriso.

- Negócio fechado - ele disse. – Lembre-se - ele falou para Avery – grite quando terminar. Eu vou estar aqui fora. Não vai fazer picadinho dela - ele riu.

A porta se fechou com força.

A última vez em que Avery havia visto ele fora a mais de três anos antes, em uma conversa rotineira que ela esperara que lhe desse algumas respostas. Tudo o que Howard havia feito era falar sobre quão agradecida ela deveria ser por tudo o que ele tinha dado a ela.

Ele parecia mais pacífico do que na última visita. *Comida ruim e sem exercícios*, Avery pensou. Mas seus olhos... Seus olhos brilhavam como estrelas.

- Como vai você, Howard?

- Como vai você, Avery?

- Sempre bancando o terapeuta - ela disse. – O que foi aquilo? – ela perguntou olhando sobre seus ombros. – Que tipo de pagamento ele quer?

- O agente Roberts gosta de ser acariciado - ele disse. – Ele gosta de homens mais velhos. Eu o excito. Ele vai querer um tempo a sós mais tarde.

- Eu pensei que você era assexuado.

Howard deu de ombros.

- Você se sente sozinho aqui - ele explicou. – Nós fazemos o que tem que ser feito para sobreviver, não é, Avery?

Ela endureceu e se defendeu.

- O que você quer dizer com isso?

Um ar mais leve e despreocupado tomou conta de Howard. Ele tentou abrir as palmas das mãos, sentar mais para trás e relaxar. As correntes o mantiveram perto da mesa.

- Chegue mais perto, Avery - ele disse, - por que tão acuada? Você veio até mim. Eu sou um simples preso. Como eu poderia lhe machucar?

- Eu ouvi que você cortou dois presos em pedaços aqui.

- Aqui é diferente - ele assentiu, como quem entendesse. – Minhas ações foram completamente em defesa, dada a situação. Por favor, chegue perto. Sente-se. Visitas são algo tão raro atualmente. Acredite em mim, não vou morder - ele disse com um

sorriso sinistro, que mostrou seus pequenos dentes.

O nojo que Avery sentia dele voltou com força total. Ela lhe desejou toda desgraça possível. *Ele me manipulou, ela pensou, mentiu para mim, armou para destruir minha vida. Por que eu vim até aqui? Por que eu confiaria nele? Ele não pode me ajudar.*

Como se pudesse ler a mente dela, Randall disse:

- Você veio até aqui por causa do caso, não é?

- Que caso?

- No jornal de hoje, estão chamando ele de Assassino da Irmandade, se eu lembro bem. Duas vítimas, ambas universitárias, estranhamente colocadas como... Como manequins.

- O que você sabe sobre isso?

- Sente-se - ele repetiu.

Relutando, Avery puxou um banco e sentou-se.

- Melhor agora, não? – Ele balbuciou.

- O guarda disse que você estava esperando por mim.

- Sim - ele disse.

- Como você sabia que eu viria?

- Eu não sabia, Avery. Eu não leio mentes. Mas eu sei das coisas - ele sussurrou e se inclinou para frente. – Eu sei que você foi recentemente promovida à detetive na divisão de homicídios, e que você está no comando desse caso, certo? Os jornais dizem isso. E eu sei que você tem uma ótima habilidade, Avery, que é sua vontade interminável. Você não vai parar até vencer. Mas esse caso é um pouco demais pra você, não é? Defender um homem comum é uma coisa. Caçar membros de gangues é outra. Aquela gente tem desejos e necessidades básicas, razões fáceis de se entender. Mas pessoas como eu? – Ele deixou as palavras no ar. – Nós somos uma classe diferente. Nossos motivos, nossas razões são muito mais difíceis de entender do que... meros mortais.

- Você está dizendo que eu sou um mero mortal?

Ele balançou a cabeça positivamente, sem perceber.

- Eu sei que você está aqui - ele disse, - o que significa que você precisa de algo. Eu acho que você quer que eu lhe ajude a resolver esse caso. Uma atitude ousada, senhora Black. Eu achei que você me desprezasse, e mesmo assim você está aqui, vindo até mim pedindo ajuda. Somos parceiros de novo.

- Nós nunca fomos parceiros.

- Nós sempre fomos parceiros - ele rapidamente corrigiu. – Eu vim parar nesse lugar por você, Avery, para te mostrar a luz, para que você mudasse, não suas roupas, mas quem você é por dentro. Uma pessoa, uma vida, pode mudar o mundo, e você é uma prova, meu maior presente para a humanidade. Você é diferente agora.

Eu posso notar. O jeito arrogante já não existe. O ar pretensioso também não. Você está sentada em frente a mim como uma humilde serva da justiça, não da riqueza, do poder ou da ganância. Eu gosto da sua nova versão, Avery. Aprovo de todo coração.

A pessoa de quem ele estava falando, a pessoa que ele parecia amar, era o resto da mulher que Avery sentia que havia sido, um resto danificado, que havia desmoronado tanto que ela nunca mais arrumava o cabelo ou pensava no que vestir no dia a dia. Ela era um fantasma, um fantasma em volta do seu velho carro, vestindo roupas de sua velha vida, mas completamente morta, a não ser pela vontade de vencer, uma vontade que a forçava a buscar justiça em qualquer lugar para que, um dia, ela pudesse corrigir os erros do seu passado e sentir-se livre.

- Eu odeio quem eu me tornei - ela disse.

- E se você pudesse voltar atrás - ele perguntou, - você voltaria?

Não, Avery pensou. Ela jamais voltaria atrás. Aquela vida havia acabado. Mas sua nova vida... Ainda não estava completa. Ela ainda estava em desgraça, lutando nas sombras. Lembranças de seu apartamento vazio e escuro retornaram, de sua vida sem amigos nem família, da filha que não queria nada com ela. De repente, Avery sentiu seu pensamento escapando para um lugar em que ela havia estado apenas uma vez na vida. Um lugar escuro.

- Eu não posso voltar atrás - ela disse.

- Então - Howard se deu conta, - o passado se foi, mas o futuro ainda não é perfeito. Eu posso te ajudar Avery. Eu quero te ajudar.

Avery olhou para cima, para a sala novamente, sentada à frente de Howard Randall e imersa em um caso que já parecia frio.

- Eu preciso da sua ajuda - ela admitiu.

- E eu quero algo de você, Avery.

Os pequenos olhos castanhos arregalaram-se com uma intensidade apaixonada, e ele se inclinou para frente o máximo que pode para então repetir:

- Eu quero algo de você.

- O que você precisa? – Ela perguntou.

O comportamento de Randall mudou completamente. Ele bateu com as mãos na mesa, se inclinou e praticamente gritou no rosto dela, com palavras rápidas e intensas.

- Pai - ele disse, - Grover Black. Alcoólatra. Estuprador. Molestador. Assassino.

As palavras, como tiros no coração, enviaram Avery para o passado e lá estava ela novamente, com seu pai e sua mãe naquela casa em Ohio.

- Não - ela disse.

- Mãe. Layla Black. Alcoólatra. Viciada. Louca!

Avery havia ido a terapeutas, muitos deles, após o incidente com Randall, mas nada chegava perto disso. Ela havia se defendido deles, estado em controle todo o

tempo. Agora, Randall havia a reduzido a uma criança de seis anos com poucas palavras e uma paixão incrível.

Lágrimas caíram, lágrimas instintivas de uma jovem que queria salvar sua mãe de um pai com uma arma em punho e sem limites.

- Pai! Alcoólatra. Culpado. Assassino!

Desesperada, fora de si, Avery levantou-se e bateu na porta.

- Me tire daqui! - ela gritou.

Randall calou-se. Ele inclinou-se para trás e levantou as sobrancelhas.

- Seu assassino é um artista, certo? – ele disse. – Os corpos foram posicionados como se estivessem apaixonados? Ele é introvertido, sonhador. Não alguém que raptaria garotas aleatoriamente na rua. Ele tem que encontrá-las, vigiá-las, conhecê-las de algum lugar. Pense, Avery. Pense...

O guarda abriu a porta.

Avery saiu.

CAPÍTULO DEZENOVE

Avery sentou-se encostada na roda de seu carro, ainda no estacionamento da prisão, destruída, confusa, acabada, com lágrimas rolando sobre seu rosto. Soluços terríveis saíam aos montes de sua garganta. Em um momento, ela levantou-se, gritou e chutou a roda.

Palavras.

A cada vez que ela ouvia as palavras dele, chorava mais.

Molestador. Alcoólatra. *Assassino*.

Não, não, não!

Ela bateu na própria cabeça para afastar aquelas imagens: seu pai em meio as árvores, arma em punho. O corpo atrás dele. Veias saltadas. Cabelo grisalho. Aquele vestido verde.

Saia, saia, saia! Avery implorava.

Ela havia quase esquecido até aquele momento. Levara tantos anos tentando esquecer o passado, sair de Ohio e apagar sua terrível história. Em poucas palavras, Howard Randall tinha trazido tudo de volta.

Você é igualzinha a eles, ela pensou, atormentada.

Assassino.

Alcoólatra.

Igualzinha a eles, igualzinha a eles.

Não! Ela respondeu mentalmente. *Você não é como eles! Você não é assassina nem viciada, você não é doente da cabeça. Você faz seu melhor a cada dia. Erros? Claro que sim, mas você tenta o melhor, sempre.*

Tire-o da minha cabeça.

Tire-o da minha cabeça.

Ela secou as lágrimas com os punhos.

Recomponha-se, ordenou a si mesma.

As lágrimas voltaram, dessa vez mais suaves, não pelo passado doloroso, mas por sua nova vida, sua existência solitária e atormentada.

Ela chutou a roda.

Recomponha-se!

Uma claridade invadiu sua mente naquele momento. Tudo parecia penetrante e focado: o para-brisas, seu braço, os carros estacionados ao redor, o céu. Sem estar totalmente controlada, Avery pegou o telefone para ligar para Finley.

- Ei, Yo! – Ele atendeu.

- Finley - ela disse, - onde você está?

- No escritório, trabalhando pra cacete. Onde diabos *você* está? Eu deveria ganhar um aumento, sabia? Eu não deveria ganhar uma folga por encontrar um maluco? Eu

fiz uma das melhores perseguições da minha vida e agora estou trancado no escritório. Eu deveria estar lá fora tomando uma cerveja!

Todo aquele monólogo havia soado como uma só palavra.

Avery esfregou os olhos.

- Finley, *mais devagar*. O que você encontrou até agora?

- Por que todo mundo sempre me fala para ir mais devagar? – Ele reclamou, parecendo triste de verdade. – Eu falo certo. Todo mundo na minha área me entende perfeitamente. Talvez os outros são o problema, já pensou nisso? Minha mãe costumava dizer isso.

- *Finley!* Me atualize!

- O corpo está com o legista - ele disse, calmo e mais devagar. – A cena do crime foi analisada. Encontraram algumas fibras que parecem as mesmas da Jenkins: pelo de gato, um pouco de extrato de planta nas roupas dela. Nas últimas horas eu estive procurando por ligações, conexões como você pediu. Cursos diferentes: economia e contabilidade. Uma caloura, uma veterana. Diferentes irmandades, absolutamente nenhuma ligação familiar, e por aí vai... Falei com Ramirez. Ele disse que os pais da Cindy falaram de uma classe de artes que ela frequentou em Cambridge no semestre passado. O lugar se chama Art for Life. Fica na Cambridge Street com a Seventh. Liguei para as amigas de Tabitha buscando uma conexão. Estou esperando retorno.

Artista, Avery pensou. *Ele disse que o assassino é um artista*.

- Quem dá aula lá? – Ela perguntou. – Quem é o dono do lugar?

- Como eu vou saber disso? Eu tenho mil mãos, agora? – Ele respondeu. – Você me deu mais ou menos umas mil tarefas. Eu não tenho nem ideia de quem dá aula na porra dessa aula. Eu já falei, estou esperando retorno.

Ela fechou os olhos.

- Ok - respondeu. – Obrigada.

- Você vai vir me ajudar ou o que? – Finley reclamou.

- Eu preciso ligar alguns pontos - ela disse. – Você tem o endereço da Cindy? E o da Tabitha? Eu preciso passar no dormitório delas e ver o que eu encontro.

- Eu já fui no apartamento da Tabitha. É um quarto de menininha, normal. Roupas chiques e pôsteres ridículos. Não tem nada de mais lá.

- Deixe que eu faço esse julgamento.

* * *

Cindy morava em um lugar não muito longe do prédio da Kappa Kappa Gamma ou da casa de seu namorado. A casa branca de dois andares com rodapé azul era para duas pessoas. Cindy alugou o primeiro andar. O segundo era habitado por outra veterana de Harvard.

Avery ligou antes para assegurar que os agentes de Harvard a deixariam entrar.

Um molho de chaves reserva estava embaixo de uma pedra na varanda frontal.

O apartamento de Cindy tinha cheiro de velho. Havia quatro cômodos principais: sala, quarto, um outro quarto que ela havia convertido em escritório, e a cozinha. Algumas peças de arte moderna decoravam as paredes.

O escritório estava cheio de cópias da biblioteca, junto com alguns romances de bolso. Havia folhas empilhadas na escrivaninha.

Avery analisou os papéis. Contas de médico, pastas sobre aulas, cartas de entrevistas de emprego, currículos. Tudo limpo e ordenado. Avery anotou algumas coisas no celular: o plano de saúde de Cindy, todos os professores que ela teve, os lugares em que foi entrevistada, além de seu atual empregador: a contabilidade Devante Accounting Firm. A carta de aceitação como contadora júnior naquela empresa estava orgulhosamente destacada na escrivaninha.

Nenhuma menção às aulas de arte foi encontrada, mas havia uma imagem na parede pintada à mão, emoldurada, com a assinatura de Cindy. A imagem era uma tigela de frutas. Avery virou a pintura. Atrás, estava estampado: Art for Life, o endereço e a logo de uma mão apresentada como uma paleta de pintura. Avery deixou tudo novamente como ela havia encontrado e saiu, entrando rapidamente no carro.

Black ligou para o MIT para assegurar que eles permitiram sua entrada no quarto de Tabitha. O assessor do reitor já havia dito que cuidaria de tudo.

Assim que desligou, o telefone de Avery tocou.

- Jones aqui - disse a voz jamaicana.

- Conte-me algo - Avery respondeu.

- Nada aqui, cara. A cabana está vazia.

- Que porra você ficou fazendo o dia todo?

- *Pesquisa*, cara - Jones replicou, - investigação. Levou um tempo pra chegar aqui. Tive que conseguir as chaves, certo? Depois Thompson quis dirigir e ele não tem senso nenhum de direção. O GPS também nos atrapalhou. Mas - ele admitiu após outro gole na cerveja, - nós chegamos aqui e reviramos o lugar inteiro. Nada. Você tem certeza que ele ficava aqui?

- Você perdeu o dia inteiro - Avery disse.

- Você não está *entendendo*, Black. Nós trabalhamos pra cacete!

- Duas garotas estão mortas - Avery disse. – Ou você se esqueceu disso? Nós temos um assassino em série à solta e você está perdendo tempo em uma cabana no lago. Volte para as câmeras de Cambridge. E dessa vez - ela gritou, - Eu quero um relatório completo na minha mesa até amanhã à tarde. Eu quero saber *exatamente* o que vocês fizeram a cada hora. Entendido?

- *Ah, qual é, Black!* Eu estou implorando - Jones disse. – Isso é loucura. Não tem

como seguir um carro por tantos quilômetros assim. É *impossível*. Eu preciso de, pelo menos, mais dez pessoas.

- Chame o Thompson.

- *Thompson?* – Jones riu. – Ele é pior que o Finley.

- Lembre-se - Avery enfatizou. – Um relatório detalhado na minha mesa amanhã à tarde. Faça o Thompson entender isso também. Vacile nessa e eu ligo para o Connelly.

Ela desligou.

Como eu vou conseguir fazer qualquer coisa no Esquadrão de Homicídios se metade da minha equipe nem respeita minha autoridade? Avery pensou, irritada.

Ao chegar ao próximo destino, o céu já estava escuro.

Tabitha morava no coração do MIT, logo depois da Vassar Street. Sua colega de apartamento abriu a porta. Uma garota tímida, pequena, com longos cabelos negros, óculos e rosto cheio de espinhas. O lugar era grande: uma sala principal, cozinha aberta e dois quartos.

- Oi - a menina disse, - você deve ser Avery.

- Sim, obrigada por me deixar entrar.

- Aquele é o quarto dela - ela apontou.

A garota parecia extremamente infeliz.

- Vocês eram amigas? – Avery perguntou.

- Não muito. - Ela respondeu e caminhou para fora do quarto. – Tabitha era popular.

O quarto de Tabitha estava extremamente desorganizado.

O armário de arquivos servia mais como um lugar para colocar papeis soltos. Uma rápida busca mostrou que eles iam de recibos a currículos e um embrulho fedido de sanduíche. Os itens mais reveladores eram algumas pinturas nas paredes, todos aparentemente feitos por Tabitha: fazendas, o céu do MIT, uma tigela de frutas.

Avery olhou atrás de uma das pinturas.

Um carimbo dizia: Art for Life.

CAPÍTULO VINTE

Molly Green estava tendo uma noite difícil. Ela tirou uma mecha de seu cabelo loiro do rosto com um sopro, levantou as sobrancelhas e simulou arregaçar as mangas.

- Luke e Gidget! – Ela disse. – Já chega!

A casa onde ela trabalhava como babá em meio período parecia grande e vazia. Ela estava na sala, enorme, no primeiro andar, olhando atrás dos sofás. Com o rosto encostado nas portas de vidro que levavam à varanda dos fundos, ela protegeu os olhos da luz e pensou: é melhor que eles não estejam lá.

Não havia ninguém na cozinha, nos closets ou no banheiro do andar de baixo.

Uma pequena sala de visita estava igualmente vazia.

- Estou falando sério - ela chamou, - vocês já deveriam estar dormindo faz *muito* tempo!

Ela subiu a escada de salto alto, saia de couro preta e com a provocante blusinha regata que ela planejara usar em uma festa mais tarde, naquela noite.

- Acho bom que vocês estejam na cama!

Como imaginou, tanto Luke quanto Gidget estavam escondidos embaixo dos cobertores rindo como loucos porque eles haviam, mais uma vez, sido mais espertos que ela.

As crianças dividiam um quarto e cada um tinha sua cama. Um grande contraste podia ser notado entre os dois lados do quarto. O lado de Gidget era pintado de rosa, limpo e organizado, com os brinquedos em lugares apropriados e roupas nas gavetas. O lado de Luke era pintado de azul escuro. Todos os brinquedos estavam no chão, com roupas jogadas por todos os lados e as paredes manchadas com sujeira e adesivos.

- Agora eu entendi - disse Molly. – Quiseram fazer eu correr pela casa toda e depois fingir que estavam dormindo esse tempo todo. Boa tentativa.

Os cobertores foram jogados para o chão e os dois disputaram a atenção dela.

- Leia um livro pra mim, Molly.

- Não apague a luz do corredor - disse Luke.

- Os pais de vocês vão me matar se vocês estiverem acordados quando eles voltarem. Vocês têm que ir pra cama. Sem livros. Eu vou deixar a luz do corredor acesa. Entenderam? Se eu encontrar qualquer um dos dois no corredor ou tentando me assustar lá embaixo, eu vou contar para os seus pais.

- Não, não - Gidget pediu.

- Não conte para o papai - Luke implorou.

- Tudo bem então. Já pra cama. Boa noite.

Mais uma vez, ela fechou a porta, deixando apenas uma fresta aberta para que

eles pudessem ver a luz do corredor.

Descendo as escadas, ela pensou: *Ah... Crianças.*

Uma olhada rápida no espelho da sala confirmou que ela ainda estava *maravilhosa*, sem borrões na sombra verde em seus olhos, cílios longos, batom perfeito, olhos azuis reluzindo.

Você está gata! Ela pensou.

Vinte minutos depois, enquanto Molly assistia uma edição de *The John Oliver Show*, o casal Hachette silenciosamente abriu a porta da frente.

Todos se cumprimentaram.

Molly os contou sobre a noite.

- O jantar foi ótimo. Lemos livros. Dei banho nos dois. Brincamos um pouco e eles foram para a cama. Nada em especial.

Como sempre, os Hachette perguntaram se ela queria ficar mais um pouco, comer algo ou dormir no quarto de visitas. Molly não quis.

Ela só conseguia pensar na festa, uma enorme festa da Brandeis dada por uma das maiores fraternidades do campus. Três garotos com quem ela saía às vezes estariam lá, mas nenhum deles era considerado o namorado ideal. Naquela noite, ela esperava encontrar alguém novo.

Green pegou sua bolsa e saiu pela porta.

Que comecem os jogos, ela pensou, sorrindo.

* * *

Ele estava esperando do lado de fora por algum tempo, escondido nas sombras do interior de sua minivan. Por uma hora, estivera lá, olhando e se preparando pelo momento certo. Silenciosamente, vira quando Molly andou pela casa procurando as crianças e as encontrou na cama. Vira os Hachette entrarem na casa.

Estava estacionado em uma rua muita calma, em uma vizinhança a nordeste da Brandeis University, a apenas alguns minutos dirigindo e vinte minutos caminhando da faculdade. Molly, ele sabia, iria escolher caminhar. Ela desceria as escadas, viraria à esquerda na Cabot Street, e depois à direita na Andrea Road. Depois disso, ela geralmente alterava seu caminho, dependendo de onde ela precisava ir no campus.

Como ele esperava, Molly saiu da casa e virou à esquerda.

Silenciosamente, saiu da minivan e caminhou até a parte de trás, onde fingiu estar descarregando algo do porta-malas. Ele fechou o porta-malas fazendo barulho, suspirou e caminhou até a rua. Molly estava vindo diretamente em sua direção. Ele tirou seu boné e olhou para cima.

Imersa em seus próprios pensamentos, Molly quase esbarrou nele.

- Desculpe - ela disse.

- Tudo bem - ele respondeu.

- Ei! – Ela disse de repente. – Eu te conheço! Como você está?

- Estou bem - ele sorriu. – Estou com um probleminha no carro aqui. Espere aí - ele franziu a testa e esfregou o queixo, – eu pensei que você morava em algum lugar do campus da Brandeis.

- Sim, eu moro - ela concordou, - eu só trabalho aqui. Sabe aquela casa? – ela apontou, - Eu sou babá das crianças durante a semana. Mas não se preocupe. Eu...

No momento em que ela virou, ele rapidamente a picou com sua agulha.

- Ei! Ei! O que é....

Molly começou a cair. Ele a segurou.

- Você está bem? – Ele fingiu estar assustado. – Molly? – Ele deu um tapa nas bochechas dela em uma falsa preocupação. – Molly, você está bem? – Ele olhou em volta.

As ruas estavam escuras e vazias.

- Não se preocupe - sussurrou. – Eu vou cuidar de você.

CAPÍTULO VINTE E UM

Havia grandes janelas de vidro nos dois lados da porta do estúdio Art for Life. Avery conseguia ver um pequeno pedaço da galeria com todos os tipos de arte moderna: esculturas, pinturas, desenhos e colagens retrô. Mais ao fundo, a sala se tornava uma área muito mais ampla, com um círculo de cavaletes, que ela imaginava ser o lugar das aulas de arte.

Seu telefone tocou.

- Black - ela atendeu.

- Quem é o cara agora? – Finley disse. – Acabei de receber uma ligação de uma amiga da Tabitha. A vítima com certeza teve aulas de arte naquele estúdio.

- Eu já descobri isso. Você não notou toda a arte quando você foi no apartamento dela?

- Que arte?

- No quarto dela.

- Aquilo não era arte - Finley retrucou. – Aquilo era lixo. Eu achei que ela tinha comprado aquilo em um bazar. Olha, Black, não me encha o saco. Eu te dei o caminho.

- Eu estou aqui agora - ela disse. – O estúdio está fechado.

- Eu estou num bar - ele respondeu. – Meu turno terminou faz duas horas. Eu iria te convidar para vir, mas eu acho que eles não deixam lésbicas entrarem aqui.

- Eu *não* sou lésbica - ela disse.

- Sério? Você me enganou então.

- Você é um ser humano nojento, você sabia, Finley?

- Nada disso, - ele disse, - eu sou um cara gente boa. Mas não fui bem educado. Minha educação foi uma bagunça. Eu vou fazer melhor da próxima vez. Prometo. Você é bacana, mesmo se for lésbica. Sério, eu estou com você. Te vejo de manhã. Preciso ir arranjar uma foda.

Muito imersa em adrenalina para relaxar ou dormir, Avery foi para casa investigar o Art for Life no conforto de sua sala. No caminho, ela pediu comida chinesa.

Ela deixou o apartamento escuro. Apenas uma lâmpada estava acesa perto do sofá. Sentou na mesa da sala e comeu enquanto trabalhava.

O Art for Life funcionava há mais de cinco anos. O dono era um homem chamado Wilson Kyle, um ex-artista e empresário que também era dono de um restaurante perto do estúdio e de dois prédios naquela área. Uma rápida busca em seu histórico policial não trouxe nada sobre Kyle.

Duas pessoas eram empregadas do estúdio: um vendedor full-time chamado John Lang e uma empregada, mulher, que trabalhava aos fins de semana. O próprio Kyle dava aulas de arte nas noites de quarta e quinta, mas Lang dava duas aulas em

sábados alternados.

Lang tinha histórico policial.

Um agressor sexual com registros. Dois incidentes de sete anos atrás. Um era de um garoto que ele aparentemente tomava conta, e o outro de uma garota que havia morado em sua quadra. Os dois depoimentos dos pais diziam que as crianças haviam sido molestadas. Lang se disse inocente, mas depois voltou atrás para evitar um julgamento e uma possível prisão. Ele pegou cinco anos de liberdade vigiada, um ano de acompanhamento psicológico obrigatório, além da desonra que carregaria pelo resto da vida.

De acordo com os arquivos da polícia, seu peso e altura batiam com os estimados para o assassino.

Avery encostou-se.

Era quase meia noite. Ela estava muito acordada e pronta para bater a porta de John Lang. *Pode ser ele*, ela pensou.

Excitada com a possibilidade de pegar o assassino, Avery queria compartilhar as boas novas com alguém. Estranhamente, ela pensou em Ray Henley, mas a ideia de uma ligação inadequada, tarde da noite, para alguém que ela havia recém conhecido parecia fazer pouco sentido. Finley não era uma opção, e o capitão havia dado ordens específicas para não incomoda-lo em casa.

Pensou em ligar para sua filha.

A última vez em que elas haviam se falado havia sido meses antes, e a conversa não tinha acabado bem.

Avery acabou enviando um e-mail. “Ei”, ela escreveu, “tenho pensado muito em você ultimamente. Amaria conversar pessoalmente. O que acha de almoçarmos no fim de semana? Talvez domingo? No nosso lugar de sempre?”

Ainda precisando falar com alguém, ela discou o número do hospital.

O telefone tocou muitas vezes até que uma voz sonolenta atendeu.

- Alô?

- Ramirez - ela disse, - como vai?

- Porra, Black. Que horas são?

- Quase uma.

- É melhor que isso seja importante - ele reclamou, - eu estava no meio de um sonho ótimo. Estava em um barco em um oceano limpo e azul, apareceu uma sereia e nós começamos a nos pegar.

- Uou! – ela disse, mas não estava afim de ouvir ele descrever seus sonhos sexuais.

- Eu consegui uma boa pista - ela prosseguiu, - Art for Life. O cara que trabalha lá se chama John Lang. Tem histórico. As duas garotas tiveram aulas com ele. Pode ser o assassino.

- Achei que Finley já tinha resolvido seu caso - Ramirez brincou. – Ele disse que derrubou um assassino autêntico ontem.

- Finley não saberia distinguir um assassino em série de uma caixa de cereais.

Ramirez riu.

- Ele é louco, né? Ouvi falar sobre o velho com os corpos no porão. Que porra louca. Acho que algumas pessoas... não tem como entender.

- Como você está se sentindo?

- Melhor, melhor. Eu só quero sair daqui e voltar a trabalhar.

- Eu sei, mas você precisa descansar.

- Sim, não é de todo mal - ele disse. – Eu tenho um quarto privado, uma cama boa, licença remunerada, comida decente. *Você* é com quem eu me importo. Porque... Finley? O capitão deve estar querendo te ferrar!

- Não sei, estou lidando com isso. Tirando a intolerância, o racismo e a boca suja, ele não é de todo mal. Eu só queria conseguir entender o que ele diz.

Uma risada foi rapidamente interrompida.

- Ah, cara, que merda! – Ramirez reclamou de dor. – Tenho que ter cuidado. Esses pontos estão me matando. Sim, ele é complicado - ele disse. – Irlandês do sul. Ele era um D-Boy. Você sabia? Quase mataram ele quando trocou de lado. Você viu as tatuagens? Ele tem o corpo cheio!

- Não. Eu não vi o corpo todo dele cheio de tatuagens ainda.

Ramirez bufou.

- Bom, olha, Avery, obrigado por ligar. Estou um pouco cansado então vou desligar. Boa sorte com a nova pista. Estou rezando por você.

Avery pegou uma cerveja e foi até o terraço. Nuvens se moviam rapidamente pelo céu iluminado pela lua.

Ela tomou um demorado gole.

Peguei você, pensou.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Naquela noite, Avery tomou dois remédios para dormir e ajustou o despertador para as sete. O Art for Life só abria as nove, mas ela queria estar pronta.

Às dez para as sete ela acordou por conta própria, sonolenta, mas na ânsia de começar o dia. Vestiu a roupa de sempre, apenas invertendo as cores: calças marrons com uma camisa azul. *Azul traz calma*, ela pensou. *Quero todos calmos hoje*. O walkie-talkie estava engatado na parte de trás de seu cinto. A arma, devidamente trancada em seu lugar. Seu distintivo estava visível perto de sua fivela.

Ela olhou no espelho.

Para a maioria das pessoas, ela ainda era sinônimo de beleza. No entanto, Avery só conseguia ver falhas: rugas que não estavam ali poucos anos antes, a preocupação nos seus olhos, vários cabelos brancos aparecendo.

Avery fez um biquinho, dançou rodopiando e sorriu.

Essa é a garota que eu conheço, pensou.

A Cambridge Street tinha pouco movimento naquela hora da manhã. Avery parou para tomar um café e comer algo, depois estacionou o carro no lado da rua oposto ao estúdio, a cerca de duas portas de distância. A espera era a parte mais chata do trabalho, e Black aproveitou para se espreguiçar.

Surpreendentemente, John Lang apareceu no retrovisor de Avery perto das oito e meia.

Ele era magro e alto, não exatamente as características físicas do assassino, mas aquela era a única pista, e havia uma conexão, e a maneira com que ele caminhava a fazia lembrar do criminoso: com agilidade nos pés, estilo e passos firmes.

Quando chegou ao escritório, Lang destrancou a porta.

Avery saiu do carro.

- Com licença - ela chamou ainda da rua, - Posso falar com você um minuto?

Lang tinha um rosto desagradável, cabelos loiros finos e usava óculos. Ele franziu as sobrancelhas quando viu Avery, depois entrou no estúdio.

- Ei! – Avery gritou. – Polícia!

Ela mostrou seu distintivo.

Surpresa e preocupação tomaram conta de John Lang. Instintivamente, ele espiou pelas janelas. Na rua, duas pessoas com cafés olharam. Avery correu até o estúdio. Resignado, Lang tomou um ar arrogante e abriu a porta.

- Estamos fechados agora - ele disse.

- Não estou aqui pra falar de arte.

- Como posso ajudá-la, agente?

- Gostaria de falar sobre Cindy Jenkins e Tabitha Mitchell.

Ele fez uma cara confusa.

- Esses nomes não dizem nada para mim.

- Tem certeza? Porque essas duas garotas fizeram aulas de arte nesse estúdio, e agora as duas estão mortas. Talvez você gostaria de mudar essa declaração. Posso entrar?

Durante uma longa pausa, Lang olhou para dentro do estúdio, para seu computador, depois novamente em direção à rua.

- Sim - ele disse, - mas tenho pouco tempo. Estou muito ocupado.

O estúdio estava fresco, como se um ar condicionado tivesse ligado desde cedo. Lang deixou uma bolsa na mesa, sentou em uma grande cadeira giratória preta, e olhou para Avery. Ele não ofereceu um lugar para ela. Alguns bancos acolchoados estavam espalhados pelo local. Avery ficou em pé.

- Cindy Jenkins e Tabitha Mitchell - ela disse.

- Eu disse, eu não conheço elas.

- Elas tiveram aula aqui.

- Muitas pessoas têm aula aqui. Você pode me dizer quando?

- Por que você não olha no seu computador?

Ele ficou vermelho.

- Os arquivos são apagados rotineiramente.

- Sério? Você não guarda os nomes e endereços dos clientes para poder mandar arquivos e e-mails? Acho meio difícil de acreditar.

- Nós guardamos nomes e endereços - ele disse. – Mas os documentos que usamos quando os clientes chegam para a primeira aula são destruídos, então eu não posso te precisar um período.

- Você está mentindo - ela disse.

- Eu estou sendo acusado de algo? – Ele perguntou.

- Você cometeu algum crime?

- É claro que não!

Avery não estava convencida. Havia algo no jeito que ele falava, no olhar e no fato de ele se recusar a ligar o computador.

- Faz quanto tempo que você trabalha aqui? – Ela perguntou.

- Cinco anos.

- Quem te contratou?

- Wilson Kyle.

- Wilson Kyle sabe que você tem registros de agressão sexual?

O rosto de Lang foi tomado por vergonha e por algumas lágrimas. Ele se ajeitou na cadeira e a olhou com rancor.

- Sim, ele sabe.

- Onde você estava sábado à noite? E na quarta à noite?

- Em casa. Vendo filmes.

- Alguém pode confirmar isso?

À beira de explodir, Lang quase tremia de raiva.

- Como você se atreve? – Ele disse. – O que você está tentando fazer? Eu já paguei pelo meu passado. Eu fui preso, tive que procurar ajuda profissional e fazer serviço comunitário, além de ter uma bandeira vermelha em cima de mim pelo resto da minha vida: ‘Agressor sexual’. Eu sou uma pessoa melhor agora - ele jurou. Seu corpo relaxou e lágrimas começaram a cair. – Eu mudei. Tudo o que eu peço é que vocês me deixem sozinho.

Ele estava escondendo algo. Avery podia sentir.

- Você mandou Cindy Jenkins ou Tabitha Mitchell?

- Não!

- Me mostre esse computador.

Um rosto amargo e uma balançada na cabeça disseram tudo o que Avery precisava saber.

- Se você não logar e me deixar olhar seu histórico de buscas agora mesmo, eu vou voltar à tarde com um mandado de prisão.

- *O que está acontecendo aqui?* – Alguém esbravejou.

Um homem enorme estava parado na porta. Ele tinha cabelos negros, perfeitamente cortados e penteados para trás, além de um cavanhaque branco aparado. Óculos pequenos e grossos cobriam olhos verdes e raivosos. Um suéter vermelho de verão estava colocado sobre uma camiseta branca. Ele vestia jeans e crocs pretos.

Lang cobriu seu rosto e desabou na mesma hora.

- *Desculpe! Desculpe!*

Avery mostrou seu distintivo.

- E você seria?

- Wilson Kyle. Eu sou o dono do estabelecimento.

- Meu nome é Avery Black. Esquadrão de Homicídios da Polícia de Boston. Eu tenho razões para acreditar que o Senhor Lang pode estar envolvido em dois homicídios.

Ele levantou as sobrancelhas, duvidando.

- *John Lang?* – ele disse. – Você diz... *Ele?* Esse cara se escondendo atrás de você? Você acha que *ele* poderia ser o responsável por um assassinato?

- Duas garotas de universidades diferentes - ela disse, prestando atenção em cada movimento de John Lang, - foram colocadas, uma no parque e uma em um cemitério.

- Eu li sobre esse caso - Kyle confirmou.

Ele colocou sua mão enorme nos ombros de John.

- John? – Ele perguntou em um tom delicado. – Você sabe algo sobre isso?

- *Eu não sei nada!* – John chorava. – Eu já não passei por coisas suficientes?

- Como exatamente você o relacionou com esses crimes?

- Aquelas duas garotas tiveram aulas aqui. Ele tem registros. Ele não tem um álibi para as noites dos raptos e ele não me deixa ver o que há nesse computador - ela disse.

- Você tem um mandado?

- Não, mas eu posso conseguir um.

Wilson Kyle baixou sua guarda e, com paciência e empatia incríveis, tentou fazer com que John o olhasse.

- John - ele disse, - está tudo bem. A polícia está tentando resolver um crime. O que tem no computador que você não quer que ela veja? Você pode ser honesto comigo.

- Eu tive que olhar! – Ele soluçou.

- Está tudo bem, John - ele disse e se inclinou para frente para sussurrar. – Eu não vou julgar você.

Ele esfregou as costas de John, o ajudou a levantar, e fez o login no computador.

- Senha? – Ele perguntou.

John coçou o nariz. Ele balançou a cabeça e respondeu com um sussurro quase impossível de escutar.

Wilson Kyle digitou a senha.

- Aí está, Agente Black - ele disse. – Venha ver. Vamos, John - ele completou. - Vamos esperar aqui. Vai ficar tudo bem. Eu prometo. A agente só quer confirmar que você não está envolvido nesses assassinatos. Você não é um assassino, não é mesmo, meu garoto? Não, claro que não, John. Claro que não.

Avery sentou em frente à mesa do computador.

Uma rápida busca no histórico não revelou nada. Sites de arte. Resultados de palavras cruzadas e muitos artistas e seus trabalhos. Ela olhou dia por dia. Na terça, pela manhã, ela encontrou muitos sites pornôs.

Ela olhou para frente.

John estava sentado em uma cadeira, de cabeça baixa, com as mãos no rosto. Wilson Kyle estava em pé, atrás dele, olhando para Avery como um grande lorde forçado a ver algo impensável, e isso o fazia ficar com mais e mais raiva.

De volta ao computador, Avery clicou em alguns dos links. Crianças apareceram, nuas ou seminuas. Idades entre seis e doze anos. Completamente com nojo do que viu, Avery clicou em outros sites para tentar encontrar algum argumento racional do porque ela deveria ignorar o que tinha encontrado. Baseado na inclinação dele por criancinhas, era difícil imaginá-lo como sendo o assassino.

- Você sabe onde ele estava sábado à noite? – Ela perguntou.

- Sei - Wilson respondeu. – John estava em casa assistindo um filme chamado *Night of the Hunter*. Eu sei porque eu recomendei o filme, e ele me ligou depois,

acho que por volta das dez, pra me contar o que achou. Eu não pude atender, mas tenho certeza que você vai encontrar essa chamada se buscar nos registros do telefone dele.

- Você pode responder por *suas* ações na semana passada? – Ela perguntou a Wilson.

Wilson riu.

- Você sabe quem sou eu, Agente Black? Não, claro que não. Não me leve a mal. Eu não sou famoso, nem muito bem relacionado, mas eu tenho um interesse profundo na minha comunidade, e se eu não saio com meus amigos, eu geralmente estou alimentando pessoas sem-teto em algum leilão de caridade em algum lugar da cidade. Então, respondendo sua pergunta: Sim. Eu posso responder por minhas ações de todo o mês, mas eu temo que eu precise de um mandado antes disso aqui ir adiante.

Você estava errada, Avery pensou. Ele não é o assassino. Ela podia ler aquelas pessoas. John era doente, e Wilson era um pomposo hipócrita. Mas eles não eram assassinos em série. Eles eram muito fracos. Os dois.

Ela suspirou. Estava perdendo seu tempo ali.

Black já havia passado por aquela situação. Sozinha, sem pistas, perdida no limbo e se dobrando às regras de sua profissão. Mas dessa vez, parecia pessoal. Dessa vez, era um assassino em série. Da última vez em que Avery havia lidado com um assassino em série, ela o inocentara e ele voltara a matar. Agora era como se aquele velho caso tivesse renascido com esse novo assassino, e se ela pudesse pará-lo de alguma maneira, poderia se libertar.

- Eu vou seguir em contato - Avery disse e tomou o caminho da porta.

- Senhora Black - Wilson chamou.

- Sim?

- Eu vou lidar com a pornografia que você encontrou, não tenha dúvida. Mas eu estou curioso. Você sabe por que John pode ter procurado por aquelas imagens? E você sabe por que ele molestou aquelas crianças tanto tempo atrás? Deixe-me lhe contar, para que você tenha alguma ideia, e talvez você não entre em outra casa ou escritório mais tarde, despreparada e cheia de preconceitos e insinuações. Olhe só, John foi molestado muitas vezes pelo pai *e* pela mãe quando era criança.

John chorou com as mãos no rosto.

Wilson pôs as mãos nos ombros de John como um anjo protetor.

- Eu imagino que você não saiba o que acontece com crianças que são molestadas, Senhora Black. Elas aprendem que esse comportamento é normal. E quando elas ficam mais velhas, começam a ser estimuladas por criancinhas porque foi isso que elas aprenderam: a ser estimuladas. É um ciclo assustador que é quase impossível de parar, mas John tem tentado com todas as forças dele. Muito mesmo.

Essa simples falha - ele disse e apontou para o computador, - não deve apagar o trabalho duro dele para reconstruir o passado. Se você soubesse pelo menos um pouco sobre a natureza humana, talvez você entendesse isso.

- Obrigada pela lição - Avery disse.

- E mais uma coisa - Wilson acrescentou e caminhou em direção a ela com o rosto vermelho de raiva. — Você não tinha direito de entrar neste estúdio e interrogar *ninguém* sem uma autorização adequada. Assim que você sair, eu vou telefonar para o comandante e pra quem quer que seja que eu tenha que falar, e vou recomendar que você seja despedida, ou, no mínimo, suspensa por seu flagrante desrespeito às leis e à decência.

* * *

Avery estava confusa quando saiu do estúdio.

Horas antes, ela acreditava ter encontrado o assassino. Agora, tinha quase certeza de que John Lang era uma pista errada, e que ela teria que enfrentar muita fúria se Wilson Kyle ligasse para o escritório.

Envergonhada por suas ações, entrou no carro e dirigiu.

As palavras de Howard Randall ecoavam em sua mente: *Seu assassino é um artista... não alguém que escolheria garotas aleatoriamente na rua...*

Eu segui sua pista, ela pensou. *Encontrei uma conexão.*

As últimas palavras de Randall soavam como um sussurro.

Ele tem que conhecê-las de algum lugar...

Onde? Ela pensou. *Onde ele as encontra? Tem que haver outra conexão, algo que eu deixei passar. Tem que haver algo mais, outra ligação.*

O escritório deveria ser seu destino, mas algo a dizia que havia respostas que não viriam de lá. Elas viriam de alguma pista. Ela decidiu ajudar Jones com as câmeras das rotas de Cambridge. Thompson já havia investigado Graves. O veterano arrogante tinha um álibi sólido: três amigos confirmaram a localização dele no sábado à noite.

Ela parou por mais um café e para comer algo.

Seu telefone tocou.

- Black - ela disse.

A voz do outro lado da linha parecia muito irritada.

- É o Connelly.

Um terremoto de preocupações passou pela cabeça de Avery. Wilson Kyle já teria ligado? Connelly finalmente encontrou algo no caso?

- O que houve? — Ela disse.

- Você está se divertindo muito nessa história, não está? — Connelly disse.

- O que você quer dizer?

- Isso está saindo do controle, Black. Nós parecemos um monte de idiotas. *O capitão está puto*. E eu também. Eu *sabia* que você não era a pessoa certa para esse caso.

- Do que você está falando? – Ela perguntou. – Só ligou para me ofender?

- Você não sabe? – ele perguntou.

Após um momento de silêncio, Connelly voltou a falar.

- Acabei de receber uma ligação da polícia de Belmont. Encontraram um corpo no setor das crianças no Stony Brook Park. Parece que foi nosso assassino de novo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Avery estacionou seu carro a leste do Stony Brook Park e caminhou pela Mill Street até a entrada.

O Stony Brook Children's Playground era um enorme parque aquático para crianças, com três playgrounds separados e uma grande fortaleza de madeira, tudo isso entre um círculo de árvores atrás de uma cerca, preto de um portão comunitário.

Alguns carros da polícia de Belmont, vans da imprensa e uma multidão rodeavam a área atrás do portão.

- Olha ela aí! – Alguém gritou.

Antes que Avery pudesse pensar qualquer coisa, vários repórteres foram em sua direção. Na sua vida antiga, quando foi despedida do escritório de advocacia, Avery imaginou que as câmeras, luzes e microfones desapareceriam em algum momento. Infelizmente, isso nunca aconteceu. Ela sempre encontrava seu nome como alvo de piadas em um jornal ou outro em dias de poucas notícias.

Uma pequena repórter com cabelos curtos e negros colocou o microfone no rosto dela.

- Senhora Black - ela disse, - você está em um relacionamento com Howard Randall?

- *Que?* – Avery não acreditou no que ouviu.

Outra pessoa estendeu o microfone.

- Você foi visitá-lo ontem. Sobre o que vocês falaram?

- Onde vocês estão conseguindo essas informações? – Avery perguntou.

Um jornal foi aberto em frente a ela, e Avery viu a capa e virou as páginas para ver as matérias dentro, com câmeras filmando e todos esperando por uma resposta.

A manchete era “Duas garotas mortas e nenhuma pista.” A foto era do cemitério. Um subtítulo mais abaixo dizia: “Uma policial e um assassino: um romance nasce.” Avery viu a si mesma soluçando dentro do carro, fora dos muros da prisão.

Os guardas, ela se deu conta. Eles tiraram fotos.

O artigo estava na terceira página: “Quem toma conta da Polícia de Boston?” Palavras como “incompetente”, “trabalho mau feito”, e “negligência” praticamente saltavam da página. Uma das linhas dizia: “Por que a Polícia de Boston permite que uma ex-advogada com ética questionável tome conta de um caso de um assassino em série em potencial?”

Já ruim do estômago, Avery devolveu o jornal.

- Você pode comentar o assunto? – Alguém perguntou.

Avery seguiu caminhando em silêncio.

- Agente Black? Agente Black?

Uma mulher que não tinha mais do que 40 quilos foi até Avery e a deu um soco

no peito.

- Sua monte de merda! – Ela gritou. – O dinheiro do meu imposto te paga? Não mesmo! Eu vou te ver demitida! Sua assassina filha da puta!

A multidão acompanhou.

- *Por que você está nesse caso?* – Alguém gritou.

- Não a deixem chegar perto das crianças!

No portão, Avery mostrou seu distintivo e um agente a puxou para dentro.

- Quem está no comando aqui? - Ela disse.

- Bem ali - o policial apontou. – Talbot Diggins. Tenente Diggins.

Normalmente, xingamentos eram algo que Avery ignorava facilmente, mas naquele dia, após um interrogatório sombrio com John Lang, outro corpo morto, sem pistas, o jornal e todo o resto, ela precisou se esforçar muito para permanecer em pé e seguir caminhando.

Mesmo separada da multidão atrás do portão, ela conseguia ouvir as pessoas gritando com raiva e os repórteres tirando fotos pelas grades.

Policiais ao redor da área se viraram para ver Avery passar. Alguns murmuravam algo. Outros apenas olhavam com desprezo.

Quando isso vai acabar? Ela pensou.

Talbot Diggins era um negro enorme com a cabeça raspada. Ele estava de óculos escuros e suava muito no calor da manhã. Vestia um casaco cinza, liso, e uma camiseta por baixo. Os únicos itens que o mostravam como policial eram o distintivo em volta do pescoço e a arma na parte de trás da jaqueta.

Ela a viu e apontou.

- Você é a Black? – Ele disse.

- Sim.

- Venha comigo.

O parque em si foi ignorado. Atrás da grande piscina que normalmente jorrava água em todas as direções, eles passaram por um parque para bebês e foram direto em direção ao castelo de madeira, que tinha pontes, um fosso e vários brinquedos do mesmo material.

Luzes de um fotógrafo da polícia brilhavam dentro da estrutura de madeira.

- Uma criança a encontrou hoje pela manhã - Talbot disse. – Uma garota de dez anos. Disse que estava tentando brincar com ela, mas o corpo não se movia. Então a tocou. Fria como gelo.

A estrutura de madeira tinha uma abertura na frente que servia de entrada para o castelo.

A garota morta estava na entrada, posicionada como se estivesse apenas descansando de uma brincadeira. Ela tinha 18 ou 19 anos, Avery imaginou. Cabelos loiros. As mãos estavam para cima, grudadas em uma barra acima de sua cabeça

com uma fibra muito fina, como linha de pesca. Os olhos, como os outros que Avery havia visto, pareciam drogados e torturados.

- Você sabe quem é ela? – Avery perguntou.

- Ainda não.

Avery olhou rapidamente e percebeu que a vítima estava com todas as roupas íntimas. Talvez aquela outra garota era uma exceção, ela imaginou.

Como as outras vítimas, essa parecia estar olhando para algo. Avery seguiu a linha do olhar para o parquinho para bebês. Imediatamente, ela sabia o que a garota estava vendo: um mural pintado de crianças alinhadas em uma das extremidades de plástico. As crianças eram garotos e garotas, de várias culturas, e havia várias delas, todas dando-se as mãos.

Talbot a olhou desconfiado.

- É verdade? – Ele perguntou.

- O que?

- Você e Randall. Os jornais dizem que vocês estão juntos. É verdade?

- Isso é ridículo - ela respondeu.

- Talvez - ele disse. – Mas é verdade?

- Não é da sua conta - ela quis cortar o assunto.

- Cara, você está ferrando meu dia, sabia? Primeiro, eu tenho que lidar com um assassino em série porque você não consegue fazer seu trabalho, e agora você não quer responder uma simples pergunta. Qual é, todo mundo no escritório quer saber!

- Você não tem que se preocupar com isso - Avery disse. – Meu departamento vai

—
- Não, não - ele respondeu, - isso não vai acontecer. Essa é minha cena do crime, você entendeu? Eu chamei seu departamento por educação. Eu não posso te dar o caso - ele disse e apontou para o corpo morto. – Você já tem duas garotas, em menos de uma semana. Agora temos uma terceira em Belmont. Você sabe o que é isso? Temos que trabalhar em equipe!

- Nós não precisamos—

- Ah, como nós precisamos! – ele disse. – Sinceramente, quão perto você está de solucionar esse caso?

- Nós temos pistas sólidas que—

- *Bip! Reposta errada!* – ele disse, como um alarme e fingindo ser um robô. - Eu não acredito. Olhe para você. Você parece tão perdida quanto eles dizem nos jornais. E você não quer dar nem uma simples informação para um tira parceiro sobre sua vida pessoal. O que é isso? Então, quer saber? Nós somos parceiros agora, e em Belmont nós resolvemos os casos rápido.

- Ah, é? – Avery disse. - Quantos corpos assim você já viu?

- Psss - ele resmungou.

- Não, estou falando sério.

- *Isso não importa.*

- Estou dizendo que importa. Eu estou no caso há uma semana e eu sei em que área em geral o assassino mora. Eu sei do peso e da descrição do corpo dele. Eu sei que ele tem uma queda por animais e o carro que ele dirige, e pelo que eu vejo desse terceiro corpo - ela disse e apontou para a garota morta, - eu sei que ele ainda não acabou. Três costuma ser o número mágico dele. Agora isso mudou. Eu sei muitas outras coisas. Mas você quer saber? Você está certo. É sua jurisdição.

Descubra você mesmo.

Ela se virou para sair dali.

- Ei, ei, ei! - Talbot gritou. – Espera aí, nervosinha!

Talbot parecia ter mudado seu comportamento quando Avery o olhou novamente. Seus braços estavam abertos e ele mostrava um largo sorriso e seus dentes brancos.

- Pensei que estava lidando com um gatinho, mas parece que o que temos é um leão.

Ele caminhou até Avery, que era como três centímetros mais baixa e menor do que ele em todos os sentidos.

- Eu não posso interferir na relação entre uma detetive líder e um assassino em potencial em um caso grande desses - ele disse. – A merda está espalhada pelos jornais. Eu *tenho* que te ajudar, queira você ou não. Tome seu tempo - ele disse e cumprimentou com as mãos. – Investigue o que precisar.

- Mas você acabou de dizer...

- *Ninguém gosta de você.* Meus caras não podem achar que nós somos amigos. Já é difícil o suficiente ser negro por aqui. O que você acha disso: Meu pessoal toma conta desse crime. Nós levamos o corpo para o nosso comandante, tentamos descobrir quem é ela e peritos investigam a área. Qual seu número? Diga pra mim. Diga...

Avery disse seu número e Talbot fez uma cara feia, como se estivesse discando para o supervisor de Black, para que ela fosse repreendida.

- Acabei de te ligar - ele disse. – Aí está, você tem meu número também. Assim que eu tiver notícias do meu pessoal, eu vou te enviar um relatório detalhado. Não está feliz? Fale com seu capitão e mande ele ligar para o meu capitão, mas eu já posso adiantar: essa merda aconteceu na minha área dessa vez, e isso significa que a polícia de Belmont está envolvida. Você quer me ajudar? Compartilhar o que você sabe?

- Claro - ela disse, - podemos fazer isso. Eu também quero que minha equipe veja o corpo e consulte nosso comandante.

- Sem problemas.

- E eu quero acesso completo à cena do crime.

- Feito. Estamos bem?
- Sim - ela disse e franziu a testa. – Eu acho.
- *Eu estou pouco me fodendo para o que você acha!* – Talbot gritou para que todos ouvissem. – *É assim que vai ser, Black!*

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Talbot saiu dali logo após seus gritos para falar com sua equipe. A maioria dos policiais de Belmont olharam para Avery com cara de nojo, ou balançaram suas cabeças. Um deles pode ser ouvido dizendo “Por que nós temos que dividir essa merda? Esse crime é de Belmont!”

Avery começou a caminhar pela área.

Ela olhou para o corpo por vários ângulos. Todos a ignoraram, mas de vez em quando ela ouvia mães gritando por de trás dos portões, ou repórteres fazendo perguntas.

As sensações do assassino haviam começado a habitar em Avery. Começara no Lederman Park, depois no cemitério, um sentimento de que, de alguma maneira, ela o entendia. Ele havia escolhido lugares calmos, lugares respeitosos para a morte. Esse era diferente. Ainda que a garota tivesse sido colocada em um parque entre árvores, aquilo era um parque de crianças, que tinha mais energia do que um cemitério ou um banco perto do rio.

Por que aqui? Ela imaginou.

O olhar da garota, além disso, era diferente: ela olhava para várias crianças, de diferentes gêneros e cores.

Algo aconteceu, ela pensou.

O que mudou?

Os peritos e o relatório do legista poderiam dizê-la se havia diferenças entre os corpos e as cenas dos crimes, mas mesmo que eles não encontrassem nada, Avery tinha certeza de seus instintos. Depois de trabalhar em casos envolvendo assassinos durante anos e, antes disso, em casos envolvendo pessoas desprezíveis como advogada, ela havia se tornado especialista em perceber diferenças sutis entre pessoas ou cenas de crimes.

Sozinha, sem pistas, em uma manhã terrível com manifestantes, pais e os policiais de Belmont olhando como se ela fosse uma convidada indesejada, Avery abaixou a cabeça e voltou para o carro.

Sua chegada ao escritório A1 foi o final perfeito para um dia terrível. Assim que a porta do elevador abriu e Avery foi vista, o escritório inteiro ficou em silêncio. Havia sarcasmo naqueles rostos. Jones balançou a cabeça e desviou o olhar e Thompson virou as costas para ela. A falta de uma piada de mau gosto ou risadas deixaram a situação ainda pior.

Finley estava em sua mesa. Um pouco mais empático do que o restante do departamento, ele olhou para ela expressando simpatia e abaixou a cabeça.

O jornal da manhã, com o artigo escandaloso sobre sua visita a Howard Randall, estava em muitas mesas, e alguns computadores mostravam em suas telas uma foto

parecida de Avery, chorando dentro do carro, no lado de fora da prisão.

- Black - alguém chamou, - venha aqui.

O'Malley fez um gesto a chamando para seu escritório.

Connelly levantou-se.

- Não - Malley apontou. – Você não. Só a Black.

- Esse caso é meu - Connelly argumentou.

- Se você quer que continue sendo, sente aí e cale a boca.

Connelly ficou parado, com uma expressão desafiadora.

- Problemas para mim? – Avery perguntou.

- Entre aqui. – O'Malley acenou e fechou a porta. – O que faz você pensar que está com problemas, Black? Você é quem tem que me dizer.

- Não sei - ela disse. – Fui visitar Howard Randall buscando uma pista. Ele me deu uma. Bom, não muito boa, mas uma conexão entre as garotas. Ele sabia de algo.

O'Malley suspirou profundamente.

- Como Howard Randall poderia saber sobre seu caso? O cara está preso. Tudo o que ele sabe é o que ele lê nos jornais.

- Ele tem a mente de um assassino - Avery insistiu. – Ele *pensa* como o nosso assassino.

O'Malley franziu a testa.

- Pare. Pare, por favor. Me escute, Avery. Eu gosto de você. Eu vi você fazendo coisas incríveis: sem medo, dedicada, honesta e, principalmente, inteligente. Outros viram isso também. Eles podem querer que você se foda, mas é porque eles estão com ciúmes e com medo. As pessoas têm medo do que elas não entendem, e eu estou começando a ficar com medo também.

- Capitão, o que você está...

Um gesto a interrompeu.

- Por favor - ele disse, com muita calma, - me deixe terminar. Esse caso é dos grandes. Maior do que eu pensei. Nós temos corpos espalhados por três cidades até agora, três garotas mortas, sem grandes pistas e muitas pessoas irritadas. Você é foda, Avery. Eu sei disso. Eu vejo isso inclusive agora. O caso está te consumindo. Você quer mesmo pegar esse cara. Quer tanto que você está cometendo erros estúpidos, primários.

Ele levantou um dedo.

- Um: - ele disse, - você abusou do seu poder com um civil hoje pela manhã, em Cambridge.

- Eu tinha motivos para acreditar que—

- Não me importo com o que você acredita! - Ele gritou. – Você abordou um homem em um estúdio de arte, um homem muito bem relacionado, devo dizer, um homem que já passou por muita coisa por causa do passado dele. O cara explodiu

quando você saiu. Tentou se suicidar no banheiro. O chefe dele teve que arrombar a porta. Chamaram a ambulância. Depois ele me ligou, e ele ligou para o comandante, e para o prefeito. Você sabe o que ele disse? Que nós permitimos que uma psicopata tomasse conta desse caso. Felizmente ele ainda não prestou queixa.

- Suicídio?

Avery baixou a cabeça. O olhar de raiva de Wilson Kyle apareceu em sua mente, e ela lembrou o discurso tocante dele sobre a história de Lang.

- Foi um erro - ela disse. – Eu não queria isso.

- Dois: - O'Malley disse e levantou dois dedos. – Você está nos jornais. Eu sei que não é culpa sua. Você anda por aí como se fosse a única pessoa no mundo metade do tempo. Isso me faz pensar como você consegue ver as coisas, mas você vê. O que você não viu foram todos esses paparazzi idiotas se alimentando nas suas costas. A foto do parque eu posso entender. O que eu não posso aceitar é essa foto da prisão. Você foi visitar o assassino mais famoso da história de Boston, um cara que você inocentou, um cara que depois matou novamente em *seu* nome, e você não pediu autorização? Você não checkou se havia câmeras? No mínimo, você poderia ter me falado, e eu te diria que você é louca.

- Eu precisava de uma perspectiva.

- Então que você ligasse para mim ou para o Connelly, ou para qualquer um ligado ao caso. Você não pode ir a uma prisão federal e acender uma chama antiga. Meu Deus! Você não lê os jornais? Eles fazem parecer com que o departamento inteiro seja um bando de idiotas e que nossas únicas pistas venham de um assassino antigo. Isso é terrível, Avery. Muito.

- Capitão, Eu—

- Três: - ele disse, levantando três dedos, - há divergências na sua equipe. Thompson e Jones estão reclamando da questão das câmeras.

- Eles perderam o dia inteiro ontem!

O'Malley levantou uma mão.

- Connelly não vai nem falar com você...

- Isso não é culpa minha!

- Eu não sei o que você fez com Finley - ele disse, chocado, - mas ele está mesmo trabalhando pra cacete e está realmente triste com tudo isso.

De repente, Avery começou a notar para onde a conversa estava indo.

- Triste com tudo *o que*? – Ela perguntou.

- Talvez eu tenha te promovido muito cedo - O'Malley murmurou para si mesmo.

- Capitão, espere.

Ele balançou a cabeça.

- Chega Avery, por favor. Chega. O comandante está no meu ouvido. O prefeito está puto. Tem reclamações vindo até da puta que pariu, e todas são sobre você.

Mas o pior de tudo, sério - ele disse, com tristeza nos olhos, - o pior de tudo é que tudo isso não é sobre você nem sobre essas merdas todas. Três garotas foram mortas em menos de uma semana. Três mortas, Avery. E nenhuma pista. Um caminho sem saída. Estou certo?

Avery lembrou do giro e aceno do assassino na câmera.

- Eu vou encontrar ele. Eu juro.

- Não sob meu comando - O'Malley respondeu. – Você está fora do caso. Imediatamente. Connelly vai comandar.

- Capitão—

- Nenhuma palavra, Black. Nenhuma palavra porque eu estou calmo agora, certo? Estou calmo porque isso me deixa triste também, mas se você me provocar eu vou ficar muito bravo, com toda essa pressão nesse caso. Você está fora. Eu quero todas as suas pesquisas na mesa do Connelly daqui a uma hora. Qualquer informação sobre o crime de Belmont. O que você sabe sobre isso? Cadê o corpo? Não, não me fale agora. Quero tudo isso escrito, junto com qualquer pista que você tenha, qualquer coisa. Não deixe nada de fora. Entendido? Depois você pode ir. Descanse o restante do dia. Volte na segunda e vamos conversar sobre o que vai acontecer. Eu preciso do final de semana para pensar.

- Estou fora do caso - ela disse.

- Está fora.

- Por bem?

- Por bem - ele assentiu.

- Ainda estou no Esquadrão de Homicídios?

O'Malley não respondeu.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Avery não tinha para onde ir. Seu lugar favorito, a área para praticar tiros, era para policiais, e ela já não se sentia como uma policial. Sua casa era escura e vazia, e ela sabia que, se fosse para casa, simplesmente cairia na cama e ficaria lá por três dias.

Um pub local, na esquina de sua casa, estava aberto.

Ela começou do jeito certo.

- Whisky - disse, - do bom.

- Nós temos muitos dos bons - o garçom respondeu.

Avery não o reconheceu. Ela havia ido àquele bar à noite. *Não mais*, ela pensou, sentindo-se abandonada. *Eu bebo de dia, agora.*

- *Largavulin!* – ela pediu e bateu no balcão.

Havia apenas mais duas pessoas no bar naquela hora, dois homens velhos que pareciam ter a bebida como a única coisa na vida.

- Outro! – Avery pediu.

Depois de quatro doses, ela estava acabada.

Estranhamente, aquela sensação a lembrou de seu passado. Depois que Howard Randall havia voltado a matar depois de ser inocentado pela incrível defesa de Avery, ela havia bebido por semanas seguidas. Tudo o que ela lembrava daquela época eram noites solitárias em seu quarto escuro, ressacas e a perseguição da mídia que parecia não acabar nunca.

Ela olhou para si mesma, para suas mãos e roupas e para as pessoas no bar.

Olhe onde você parou, pensou. *Nem policial você é mais.*

Nada.

O rosto de seu pai apareceu em sua mente, rindo. “Você pensa que é tão especial,” ele havia dito a ela certa vez, com uma arma apontada para sua cabeça. “Você não é especial. Eu te fiz, eu posso acabar com você.”

Avery foi para casa.

Imagens do assassino se misturavam à estrada, seu pai e Howard Randall, e a última coisa da qual ela se lembrava antes de cair no sono eram seus próprios soluços.

* * *

Avery ficou o resto do dia na cama, com as cortinas fechadas. De vez em quando, à tarde e à noite, ela se levantou para tomar água ou cerveja, ou para abrir a geladeira e ver o que havia dentro, antes de voltar para o quarto e desabar novamente.

Às dez da manhã de sábado, o telefone tocou.

O identificador de chamadas dizia “Rose”.

Avery atendeu, tonta e ainda consumida pelo sono.

- Ei.

A voz no outro lado era rude e impiedosa.

- Você parece com sono. Eu te acordei?

- Não, não - Avery disse e sentou para limpar a baba de seu queixo. – Estou acordada.

- Você não respondeu meu e-mail.

- Que e-mail?

- Eu respondi seu e-mail. Eu concordei em almoçar. Ainda podemos?

Avery levou alguns segundos para entender do que ela estava falando, mas depois lembrou-se de que havia mandado um e-mail para Rose no auge de sua excitação, quando ela achou que estava prestes a pegar o assassino. Agora, de ressaca, sem prestígio no trabalho e sem saber qual era sua posição, ela estava relutante em se vestir, se maquiar e tentar agir como uma mãe amável em frente à sua filha distante.

- Sim - ela disse. – Claro. Mal posso esperar para ver você!

- Tem certeza? Você parece mal.

- Eu... Eu estou bem, meu amor. Meio dia, certo?

- Vejo você mais tarde.

A ligação foi encerrada.

Rose, Avery suspirou.

Elas eram estranhas uma para a outra. Avery nunca admitira para ninguém, mas cuidar de Rose e tentar ser mãe fora um pesadelo. Naquela época, a *ideia* da maternidade fora linda: uma nova vida, a maravilha do nascimento, a chance de Rose salvar sua relação com Jack. Na *prática*, no entanto, a maternidade fora cansativa, sem recompensas, e mais uma razão para brigar com Jack. A cada chance que tinha, Avery contratava uma babá, colocava Rose na creche ou a deixava com seu ex-marido. O trabalho fora seu único refúgio.

Eu fui uma mãe horrível, pensou.

Não, ela tentou convencer a si mesma. *Não fui tão ruim assim*.

Ela amava Rose de verdade.

Havia muitas lembranças ótimas. Às vezes elas riam e se arrumavam juntas. Avery a ensinou inclusive a usar salto alto. Houve abraços e lágrimas e filmes na madrugada com sorvete.

Tudo aquele parecia muito distante agora.

Elas estavam separadas há anos.

Depois de Howard Randall, Jack havia pedido a guarda, e conseguido. Ele alegara que Avery havia sido uma mãe incapaz, citando vários incidentes, incluindo fotos de quando Rose havia se cortado, além de textos e e-mails para sua mãe que nunca

foram respondidos.

Quando foi a última vez que eu a vi? Avery imaginou.

Natal, ela pensou. Não, meses atrás. Passei por ela na rua. Não a via fazia muito tempo e ela estava quase irreconhecível.

Agora, Avery queria ser mãe, uma mãe de verdade. Ela queria ser a pessoa para quem Rose pediria conselhos, queria ter noites juntas e overdoses de sorvete.

A dor continuava no caminho de Avery, aquela dor sem fim no coração e no estômago pelo que ela havia feito no passado, e o que ela ainda precisa consertar como detetive. Tudo aquilo era um monstro gigante e obscuro que precisava ser alimentado.

Não existe justiça.

Avery levantou-se.

Vestindo jeans, camiseta e um blazer marrom, ela se olhou no espelho. *Muita maquiagem, pensou. Você parece cansada. Depressiva. De ressaca.*

Um sorriso brilhante não conseguiu disfarçar sua agitação interna.

- Foda-se - ela disse.

O Jake's Place na Harrison Avenue era um restaurante obscuro, com mesas marrons e muitos lugares onde as pessoas podiam ter uma bela refeição e continuarem sem ser vistas. Várias vezes, Avery havia visto celebridades e estrelas do cinema lá. Rose havia escolhido o lugar pela primeira vez durante a disputa da guarda, e mesmo que Avery soubesse que era porque Rose não queria ser vista com sua mãe, o lugar havia se tornado um laço que as mantinha juntas, o único lugar em que elas se encontrariam depois de meses separadas.

Rose já estava lá, sentada em uma mesa longe de outros clientes.

Em muitos sentidos, ela era uma cópia de Avery quando era nova: olhos azuis, cabelos castanho-claros, características de modelo e excelente gosto para roupas. Ela vestia uma blusa de mangas curtas que mostrava seus braços morenos. Tinha um pequeno piercing de diamante no lado esquerdo do nariz. Com a postura perfeita e um olhar cauteloso, ela deu um pequeno sorriso antes de ficar novamente sem expressão.

- Oi - Avery disse.

- Oi - ela respondeu, curta.

Avery se inclinou para um abraço embaraçoso que não foi correspondido.

- Gostei do piercing - ela disse.

- Achei que você odiava piercings.

- Ficou bem em você.

- Fiquei surpresa com o e-mail - Rose disse. — Você não fala muito comigo.

- Não é verdade.

- Eu sei como é - Rose disse. — Você só fala comigo quando as coisas estão indo

muito bem, mas pelo que eu li nos jornais, e pelo que eu estou vendo, parece que não é o caso dessa vez.

- Muito obrigada.

Para Avery, que via sua filha poucas vezes no ano, Rose parecia muito mais velha e madura do que seus dezesseis anos poderiam indicar. Admissões antecipadas na faculdade. Bolsa completa para Brandeis. Ela até trabalhava como babá para uma família perto de sua casa.

- Como está seu pai? – Avery perguntou.

O garçom chegou e as interrompeu.

- Olá - ele disse. – Meu nome é Pete. Sou novo aqui, então peço um pouco de paciência. Posso trazer algo para beber?

- Só água - Rose disse.

- Para mim também.

- Ok, aqui está nosso cardápio. Eu volto em um minuto para anotar seus pedidos.

- Obrigada - Avery disse.

- Por que você sempre pergunta pelo pai? – Rose disse quando elas ficaram sozinhas.

- Só curiosidade.

- Se você é tão curiosa, por que você mesma não liga para ele?

- Rose—

- Desculpe - ela disse. – Não sei porque eu disse isso. Quer saber? Nem sei porque eu estou aqui - lamentou. – Pra ser sincera, mãe, não sei porque você quer que eu esteja aqui.

- O que você quer dizer?

- Eu estou indo a uma terapeuta - Rose disse.

- Sério? Isso é ótimo.

- Ela diz que eu tenho muitos problemas por causa da minha mãe.

- Tipo o que?

- Tipo você ter nos deixado.

- Rose, eu nunca—

- Espere aí - Rose insistiu, - por favor. Deixe eu terminar. Depois você fala, pode ser? Você nos deixou. Você deixou a guarda com meu pai e foi embora. Você tem ideia de como isso me destruiu?

- Eu posso imaginar.

- Não, você não pode. Eu era super popular antes de tudo acontecer. Depois, do dia para a noite, eu me tornei a garota de quem todos querem distância. As pessoas me zombaram. Me chamaram de assassina porque minha mãe libertou um assassino. E eu não podia nem falar com você, minha própria mãe. Eu precisava de você naquela época. Eu precisava mesmo, mas você me abandonou. Você se negou a falar

comigo, se negou a falar sobre o caso. Você se deu conta de que tudo o que eu sabia sobre você naquela época, era o que eu lia nos jornais?

- Rose—

- E claro, não tinha dinheiro - Rose riu. – Nós estávamos quebrados depois que você perdeu o trabalho. Você nunca pensou nisso, pensou? Você foi de advogada estrela para policial. Excelente, mãe.

- Eu *tive* que fazer isso - Avery respondeu.

- Nós não tínhamos nada - Rose insistiu. – Você não pode começar uma carreira nova no meio da vida. Nós tínhamos que seguir. Você já pensou nisso? Sobre como você nos afetou?

Avery sentou-se mais para trás.

- É pra isso que você veio aqui? Pra gritar comigo?

- Por que você queria que eu viesse, mãe?

- Eu queria ficar mais perto, saber como você está, conversar para tentar acertar as coisas.

- Bom, nada disso vai acontecer até que a gente resolva *isso* primeiro, e pra mim não está resolvido. Não mesmo.

Rose balançou a cabeça e olhou para o teto.

- Sabe, por anos eu pensei que você era uma estrela. Personalidade incrível, grande trabalho, nós morávamos em uma casa ótima, era tipo, ‘uou, minha mãe é incrível’. Mas depois tudo desmoronou: a casa, o trabalho e você. Principalmente você.

- Minha vida inteira entrou em colapso - Avery disse. – Eu fui devastada.

- Eu era sua filha - Rose reclamou. – Aconteceu o mesmo comigo. E você me ignorou.

- Eu estou aqui agora - Avery disse.- Estou aqui.

O garçom voltou.

- Ok, meninas! O que vamos pedir?

Ao mesmo tempo, Avery e Rose responderam:

- Ainda não!

- Uou, ok. Quando vocês souberem, é só me chamar.

Ninguém respondeu.

O garçom virou-se e saiu.

O rosto de Rose ficou vermelho.

- É muito cedo - ela disse. – Desculpe, mãe, mas é muito cedo. Você perguntou por que eu queria vir aqui? Porque eu pensei que estava pronta. Mas não estou.

Ela levantou-se.

- Rose, por favor, sente. Nós acabamos de chegar. Eu sinto sua falta. Eu quero conversar.

- Não é *você*, mãe. Nunca é *você*. Você não percebe?

- Me dê mais uma chance. Vamos começar de novo.

Rose balançou a cabeça.

- Eu não estou pronta ainda. Desculpe. Eu pensei que estava, mas não.

Ela saiu.

- Rose! Rose!

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Avery continuou sentada em sua mesa por um bom tempo, sozinha. Ela pediu ovos e torradas, uma pequena salada e uma xícara de café e ficou sentada, pensando em tudo o que fora dito.

Minha filha me odeia, ela pensou.

Mais triste do que nunca nos últimos anos, ela queria acabar com sua vida. Ao invés disso, pagou a conta e saiu do restaurante.

A luz do sol fez com que ela se encolhesse.

Por que não pode estar chovendo? Imaginou.

As pessoas na rua pareciam estar com pressa. Os carros passavam rápido por seu campo de visão. Ela estava sozinha em meio ao movimento, como um espírito, sem estar morta, nem muito viva.

É isso o que o assassino quer, pensou. *Ele entrou na sua cabeça. Está rindo de você. Assim como Howard. Assim como Howard.*

Avery entrou em seu carro e deu a partida.

Sem pensar conscientemente em um destino, ela se viu indo para o sul, na direção da prisão. Os corpos das três garotas mortas seguiam em sua mente, assim como o assassino, seu carro, rotas e alguma casa, uma casa em que ela imaginava que ele poderia morar: pequena, escondida por árvores, com um gramado descuidado, porque ele tinha coisas melhores para fazer do que cuidar de um gramado. Seus suspeitos estavam descartados. Todos eles.

Ela precisava de um novo começo. Uma nova perspectiva.

O estacionamento da prisão era como ela recordava. A caminhada até dentro do prédio também. Guardas sussurraram atrás dela, apontando. A mulher atrás dos portões a repreendeu por não ter marcado horário.

- Ele disse que *sabia* que você voltaria - um guarda disse, rindo. - O que é? Você está apaixonada? Acho que eu *devo* acreditar em tudo o que está nos jornais.

Não havia porquê voltar. Ela não acreditava que ele a ajudaria, ou poderia ajudá-la, não depois do que aconteceu no Art for Life. Ele só queria brincar, ela sabia. Mas Avery estava afim de jogos. Ela não tinha mais nada a esconder, nenhum lugar para ir, e por alguma estranha razão, naquele momento, Howard Randall parecia ser seu único *verdadeiro* amigo no mundo.

Howard estava na sala subterrânea em que eles haviam se encontrado. Dessa vez, no entanto, ele não estava sorrindo e parecia preocupado.

- Você não parece normal, Avery. Você está bem?

Avery riu.

Se tivesse um cigarro, ela o teria acendido. Ela não fumava desde que era adolescente, mas estava se sentindo indiferente, intocável.

Ela sentou-se e apoiou os cotovelos na mesa.

- Sua última dica não serviu pra nada. Um artista? Você queria dizer John Lang?

- Não sei de quem você está falando.

- Mentira!

Ela sorriu agressivamente.

- Você jogou comigo - ela disse. – Boa jogada. Aquilo tudo foi para me fazer lembrar de tudo para que você pudesse me ver acabada em lágrimas?

- Eu não tenho nenhum prazer com a sua dor - ele respondeu, sério.

- Vá se foder! – Ela gritou. – Você está jogando comigo de novo agora. Você me disse que ele era um artista. Você praticamente me entregou ele em uma bandeja.

- Seu assassino é *sim* um artista. Um artista de *verdade*.

- O que você quer dizer?

- Ele tem orgulho do trabalho dele. Não é um assassino aleatório. Não é um matador qualquer. Existe uma *razão* no que ele faz. Essas garotas *significam* algo para ele. Ele as conhece, pessoalmente, e em troca das vidas delas ele as dá imortalidade... na arte.

- Como você pode saber disso?

Howard inclinou-se para frente.

- Você nunca me perguntou como eu escolhia *minhas* vítimas ou porque elas eram posicionadas daquelas maneiras.

Como advogada de defesa de Howard, Avery tinha estudado cada detalhe para absolvê-lo. Uma parte desse trabalho era entender a mente do assassino e porque ele havia cometido tais atos hediondos, então ela pode efetivamente diferenciar Howard dos assassinos baseada na história de vida dele.

- Eram pessoas que agiam como mortas na vida real - ela disse. – Você escolhia seus melhores alunos, os culpava por algum crime contra a humanidade, depois os desmembrava e colocava suas partes no chão para parecerem várias pessoas tentando escapar do submundo.

- Não - Howard respondeu.

Ele inclinou-se para trás.

- O que é a vida? O que ela significa? Por que nós estamos aqui?

- Por que isso seria relevante agora?

- Isso é *tudo*! – Ele gritou e bateu na mesa.

Um guarda apareceu no olho mágico da porta.

- Tudo certo?

- Sim, Thomas - Howard disse. – Eu só estou ficando... *excitado*.

O guarda saiu.

- A vida é curta - Howard tentou explicar, - e é cíclica. Nós vivemos e morremos incontáveis vezes em um ciclo constante nessa atmosfera. *Como* nós vivemos, *nessa*

vida, afeta todas as outras vezes em que renascemos, nossas energias e nosso mundo. Minhas vítimas foram escolhidas porque elas tinham falhas, algumas falhas que nunca seriam corrigidas *nessa* vida. Por isso eu tinha que ajudá-los, para que eles pudessem ser melhores na *próxima*.

- É assim que você justifica o que fez?

- O mundo é o que nós fazemos dele, Avery. Tudo o que quisermos pode ser nosso. Minhas ações são baseadas no que eu acredito. Como você justifica *suas* ações?

- Eu estou tentando reparar o meu passado, e eu faço isso todos os dias.

Ele suspirou e balançou a cabeça, aparentemente com o rosto vermelho, como um homem que tinha finalmente encontrado a mulher dos seus sonhos.

- Você é especial... Tão especial. Eu vi isso desde o primeiro momento. Dura, inteligente, engraçada e, ainda assim, destruída pelo seu passado. Eu posso te ajudar a consertar isso, Avery. Deixe-me ajudar. Ainda há tempo. Você não quer ser feliz? Livre?

Eu quero minha filha de volta, ela pensou.

- Eu quero encontrar o assassino - ela disse.

Howard voltou a inclinar-se para a frente, determinado com um falcão.

- Como você se sentiu quando seu pai matou sua mãe?

Avery endureceu.

Como ele sabia daquilo? Estava em todos os jornais, ela se deu conta. Era algo público. Qualquer um podia encontrar essa informação.

- Você quer cavar meu passado de novo? Me fazer chorar? Hoje não. Eu já estou no fundo do poço. Não tem como piorar.

- Perfeito. Então agora você pode se reerguer.

O dia da morte de sua mãe estava claro na mente de Avery.

Havia acontecido atrás de casa, depois da aula. Ela foi para casa e escutou o tiro. Tinha dez anos na época. Um tiro, silêncio, depois outro. Ela correu até o bosque e viu seu pai, parado ao lado do corpo com a arma na mão. “Busque uma pá pra mim,” ela havia dito.

- Eu não senti nada - Avery admitiu para Howard. – Minha mãe era uma bêbada e nunca estava ao meu lado. Ela deixou claro que eu era um erro. Eu não senti nada quando ela morreu.

- Que tipo de mãe *você* é?

Um soco. Avery sentiu um soco em sua existência vazia e desolada. E ainda que estivesse vazia e esgotada, ela começou a perceber que ainda poderia ser atingida.

- Não quero falar sobre Rose.

Howard franziu as sobrancelhas profundamente.

- Ok, eu entendo.

Ele olhou para o teto, pensou em mais alguma coisa, e voltou a olhar para ela.

- Seu assassino conhece essas garotas. O que todas elas têm em comum?

Avery balançou a cabeça.

A terceira ainda é um mistério. As duas primeiras, ambas estavam na faculdade, ambas em irmandades. Uma veterana, outra caloura, sem conexões.

- Não - ele sussurrou.

- O que?

- Não - ele repetiu. – Você está errada.

- Sobre o que?

Ele olhou desapontado.

- Você já ouviu a história do menino e da borboleta? – ele perguntou. – Quando a lagarta se transforma em uma borboleta, a borboleta usa seu corpo e asas para se libertar do casulo. É uma tarefa difícil, que leva tempo, mas com esse trabalho e força que faz, a borboleta ganha músculos, fica forte, e quando finalmente se liberta, está pronta para ir ao céu e conseguir comida e sobreviver. No entanto, um dia, um menino que tinha lagartas como animais de estimação, viu um dos casulos balançar. Ele sentiu pena daquela criatura presa e quis ajudá-la, então ela não sofreria tanto. Ele pediu para sua mãe fazer uma pequena abertura no casulo para ajudar no escape. Mas aquele ato simples, com intenções de amor e cuidado, tirou da borboleta sua força, e quando ela finalmente saiu, cedo demais, seu corpo e suas asas ainda não eram fortes o suficiente para caçar ou voar. Em alguns dias, ela morreu.

- O que tudo isso quer dizer? Eu sou a borboleta ou o menino?

Howard não respondeu.

Ele simplesmente baixou a cabeça e ficou em silêncio, mesmo quando Avery continuou perguntando e começou a bater na mesa pedindo uma resposta.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Agitada.

Avery estava agitada por seu encontro com Howard. Com raiva e agitada.

O que ele quis dizer? Tudo o que ela dissera era verdade. Ambas na faculdade. Ambas em irmandades. Uma veterana, uma caloura. O que tinha de errado naquilo?

Que saco! Ela reclamou mentalmente.

As ruas estavam lotadas de pessoas e carros. Era sábado e ela estava oficialmente fora do caso. Mesmo assim, não queria só matar tempo. Ela queria agir. *Comece pelo começo*, pensou.

O Lederman Park estava cheio de pessoas correndo e cachorros quando ela chegou. Na área de beisebol, perto do rio, havia uma partida de softbol entre homens vestindo azul e vermelho.

Avery estacionou o carro e caminhou até o banco onde Cindy Jenkins havia sido encontrada. A lembrança do corpo estava clara em sua mente, a posição, o sorriso discreto, e o olhar para o cinema. Ele queria matar em trios. Mas isso havia mudado. Por que? Nada nos três corpos pareciam muito diferentes. Todos foram colocados cuidadosamente, e com exceção do último corpo, todos estavam olhando para trios. Três mulheres apaixonadas, três garotas da Segunda Guerra. Qual seria a conexão? Avery seguiu pensando.

Ela sentou-se, não onde Cindy havia sido colocada, mas no lado oposto do banco, e procurou em seu telefone por informação sobre o número três: um número mágico em muitas religiões. Em chinês, o som da palavra “três” era parecido com o som de “vivo”. Era o primeiro número que havia significado “tudo”. Noé tinha três filhos. A trindade, três. *Três, três, três...*

Avery guardou o telefone.

Ele queria matar em trios. Havia poder no número três. Mas depois algo mudou. O que mudou? O que o fez querer matar mais?

Desde o encontro com Howard, Avery começara a acreditar que o assassino tinha algum tipo de credo superior, talvez um deus, talvez seu próprio tipo de deus. Um deus que precisava de jovens garotas. Por que? Por que ele precisava de jovens garotas?

Ambas na faculdade. Ambas em irmandades. Uma veterana. Uma caloura.

Não, Howard havia dito.

Ela foi até o Cemitério de Auburn.

Enquanto estava parada ao lado do lugar onde Tabitha Mitchell fora colocada e olhava para o grande cemitério, Avery sentiu como se, de alguma maneira, estivesse em algum mundo que não era o mesmo que o dela. O caminho até o Lederman Park. O caminho até o cemitério. Tudo havia sido calmo, em paz. *Ele* havia passado pelo

mesmo. Sem medo. Sem a preocupação de ser pego. Apenas mais um dia lindo.

O Stony Brook Children's Playground era agitado. Avery ficou surpresa ao ver que a cena do crime já havia sido limpa. Crianças, de recém-nascidas a oito anos de idade, estavam por todos os lados. As mais velhas corriam pelos brinquedos e subiam e desciam do castelo de madeira. Mães gritavam com as mais novas. Crianças gritavam quando batiam cabeças. Algumas mães e babás olharam para Avery, como se a conhecessem ou estivessem tentando reconhecê-la.

Ela foi até a entrada do castelo, onde a terceira garota fora colocada.

Uma criança olhava pela entrada.

- Oi! – Ele disse e saiu correndo.

Avery lembrou para onde a garota estava olhando, e depois se virou para olhar para o mural onde inúmeras crianças se davam as mãos.

Ela tentava entender qual era a ligação.

Ambas na faculdade. Ambas em irmandades. Uma veterana. Uma caloura.

Não.

Ela discou um número.

A voz grosseira de Talbot Diggins atendeu.

- Ei, Black! Achei que você tinha morrido.

- Por que eu estaria morta?

- Você não lê mesmo os jornais? A Costa Oeste está em pânico com esse assassino. Três garotas em uma semana! Você está na capa dos jornais de novo. Dizem que você está fora do caso. Saída oficial.

- Eu não saí oficialmente.

Era possível ouvir crianças ao redor de Talbot. Elas gritavam. Ele disse, “Espere um pouco,” e sua voz ficou mais calma quando ela o ouviu dizer: “Calma, crianças. O papai está no telefone. Vão incomodar sua mãe. Saiam daqui! Eu vou lá daqui a pouco!”

- Desculpe - Avery disse, - eu estou incomodando.

- Não, só mais um sábado no parque. Diga, Black!

- Eu liguei para saber sobre a terceira vítima.

- Ah, sim, Connelly me ligou. Ele disse que está no comando da investigação agora. Queria saber o que nós encontramos. Ele parece ser um imbecil. Nós colocamos as digitais dela no sistema e encontramos algo. Esteve envolvida em uma pegadinha estúpida na faculdade ano passado. Seu nome é Molly Green. A mídia ainda não sabe, então não fale para ninguém. Ela era veterana na Brandeis. Estudava finanças. Não era uma aluna muito boa. Também não era de nenhuma irmandade, então acabou a história de ‘Assassino das Irmandades’.

- Você falou com alguém da Brandeis?

- Falei com o reitor. Falou muito pouco. Não quis revelar nada até fazer sua

própria declaração, na segunda. Ele me falou sobre uma orientadora chamada Jessica Givens. Parece que Molly estava tendo ataques de pânico por causa do mercado de trabalho.

- Mercado de trabalho? A vítima tinha um trabalho?

- A orientadora não disse. Mas ela me disse que tudo ficou bem no fim.

- Você pode me passar o número dessa orientadora?

- Sim - ele disse. Depois, procurou o número no próprio celular e o gritou para que Avery pudesse ouvir. – Conseguiu anotar?

Avery anotou o número e marcou o nome de Jessica Givens.

- Anotei. Obrigada. Você falou com as amigas dela?

- Minha equipe encontrou algumas amigas e a família ontem. Alguns ainda estão nisso hoje. Ela trabalhava em meio período como babá para uma família perto da faculdade. Foi a última vez que a viram com vida. O assassino a pegou perto da casa, quando ela estava indo embora na quinta à noite.

- Como você sabe disso?

- Minha equipe ouviu o testemunho de um garoto, quinze anos, que vive na rua onde Molly trabalhava. Ele disse que não conseguia dormir. Mais ou menos na hora que ela saiu do trabalho, ele viu uma garota que bate com a descrição de Molly sair da casa e começar a falar com um cara perto de uma minivan azul.

Avery segurou a respiração.

- É o carro dele - ela disse. – Uma minivan azul Chrysler.

- Sim, foi isso que seu supervisor me disse. Que eles ainda não têm pistas sobre o dono do carro, mas que estão restringindo a busca. O garoto disse que o criminoso estava usando boné e óculos. Branco, entre 1,65m e 1,68m, magro, mas forte, entre 25 e 45 anos. É ele, certo?

- É ele.

- O garoto não sabia o que estava vendo. Parecia que a garota tinha desmaiado. O cara ligou pedindo ajuda, colocou ela no carro e saiu dirigindo.

- O menino ligou pra alguém?

- Não, ele disse que parecia que o cara estava cuidando dela. Ele só tem 15 anos.

- Algo mais?

- Não está bom?

- Só estou tentando ligar os pontos.

- Você tem sorte de eu estar falando com você, Black. Sério, esse Connelly te odeia!

- Por que você está me ajudando?

- Acho que eu sou atraído por mulheres brancas, desesperadas, e sem ninguém que eu encontro nos jornais - ele brincou, e disse, na sequência, com outro tom de voz e para outra pessoa, - Ah, qual é, amor. Só estou brincando. Ela é detetive. Não

quero nada com ela. Espere aí. - De volta ao telefone, ele completou. – Ok, Black. Tenho que ir. Bom papo.

A ligação foi encerrada.

Brandeis, Avery pensou. A terceira garota era da Brandeis University, em Waltham, a cidade mais a oeste até agora. A primeira vítima era de Harvard, que fica em Cambridge, ao lado de Boston. A segunda era do MIT, em Cambridge, mas havia sido colocado muito mais a oeste, no cemitério de Watertown. A Brandeis University era ainda mais a oeste, mas a vítima foi encontrada mais ao leste, em Belmont.

Ele mora em Belmont ou Watertown, ela pensou.

A lógica parecia fazer sentido. Ele não teria que ter viajado muito para encontrar e posicionar cada garota que havia matado. Baseado nos lugares onde ele deixou os corpos e as raptou, seu tempo de viagem havia sido mais curto a cada assassinato. O caminho até o Lederman era longo partindo de Belmont. Toda a estrada até Boston. Mesmo assim, era o primeiro corpo e ele queria criar uma cena, e alguma distância de casa. Depois ele ficou mais ousado. O segundo corpo estava mais a oeste, em Watertown. O terceiro ainda mais, em Waltham. *Ele não mora em Waltham*, ela pensou. Por que ele iria querer dirigir desde lá até Boston?

Ela ligou para Finley.

Um heavy metal muito alto podia ser ouvido ao fundo quando ele atendeu.

- Alô!

- Finley, é a Black.

Quase em um sussurro, ela ouviu um “Que merda!” e depois a música baixou de volume e Finley respondeu:

- Olha, Black. Eu não estou autorizado a falar com você sobre o caso.

- Ah, é?

- Você ainda está responsável pelo lance das concessionárias?

- Sim?

- O assassino mora em Belmont ou Watertown. Restrinja sua busca nessas duas cidades e você vai economizar muito tempo.

- Como você sabe disso?

Ela desligou.

Contábeis. Economia. Finanças. Todos cursos de negócios.

Talbot disse que a terceira vítima estava estressada por conta de entrevistas de emprego. Cindy tinha um trabalho alinhado em uma contabilidade. Qual era o nome? *Devante*, ela lembrou. A maior de Boston. Molly teria um trabalho? Tabitha era caloura. *Ela* teria um trabalho?

Ela foi até o carro.

No caminho para Brandeis, discou para Finley novamente.

- *Porra, Black!* Me deixe! É sábado. É a primeira vez em dois anos que eu não

tenho turno no fim de semana. Eu quero aproveitar. Ligue para o Connelly. Ele está trabalho. Ou Thompson, ele também está.

- Tabitha Mitchell. Ela trabalhava em algum lugar?
- Um trabalho de verdade?
- Sim, de verdade. Não de princesa na Disney.
- Por que ela precisaria de um trabalho? Ela era caloura, não?
- Não sei. Por isso eu te liguei. Você não falou com a família?
- Sim, com a mãe dela.
- Ela nunca disse nada sobre trabalho?
- Não.
- Ligue de novo. Descubra se Tabitha tinha algo alinhado para o verão.
- Eu não estou trabalhando.
- Você está no meio de um caso!
- Eu não tenho que responder porra nenhuma pra você, Black!
- *Tem um assassino à solta!* E ele vai matar de novo. Eu estou perto Finley, muito perto. Eu sei disso. Ligue para a mãe, para as amigas dela. Pra quem você tiver que ligar. Eu preciso de uma resposta. *Logo*. Por favor. Me ligue quando você souber de algo.
- Que merda! – Finley gritou antes que Avery desligasse.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Avery pegou a Rota 20 para ir até Waltham. O caminho foi demorado.

A cada poucos quilômetros, ela tinha que parar em um semáforo.

Jessica Givens não atendeu às ligações. Depois da quarta tentativa, Avery se deu conta de que aquele deveria ser o número do trabalho. Ela deixou uma mensagem e ligou para o serviço de informações telefônicas.

- Olá, eu gostaria do número de Jéssica Givens, em Waltham.

- Temos dez Givens em Waltham - o telefonista respondeu. – Você sabe onde ela mora?

- Não.

No escritório do reitor, quem atendeu foi a secretária eletrônica.

Avery dirigiu pela South Street, direto para a Brandeis. Ela levou um tempo para descobrir onde estacionar.

A Brandeis era um dos institutos de finanças mais bem reconhecidos no estado. O campus central tinha uma série de ruas sinuosas em um grande monte, extremamente difícil para dirigir e caminhar. Alguns prédios antigos de tijolos preenchiam o local, alinhados junto a alguns castelos de pedras, além de poucas estruturas de vidro modernas, com arquitetura excêntrica. Depois de estacionar, ela se dirigiu a um prédio pequeno, que estava quase vazio. Havia apenas uma pessoa trabalhando por lá.

- Estamos fechados - ele disse.

Avery mostrou seu distintivo.

- Meu nome é Avery Black. Estou procurando Jessica Givens. Eu sei que ela é uma orientadora que trabalha em algum lugar do campus.

Um sorriso muito amigável a cumprimentou.

- Eeee! – ele disse. – Você é Avery Black. Você caça assassinos em série, certo? Bacana!

- Não tem nada bacana em um assassino.

- Não, não. Claro que não. Não quis dizer isso. Quis dizer você. Você está em todos os noticiários. Eu sei quem você é. Estão te crucificando nos jornais.

- Estou surpresa por você ainda estar falando comigo.

- É - ele disse. – Você é gata.

As palavras pareciam ter escapado, e quando ele notou que havia dito em voz alta, ficou vermelho e tentou voltar atrás.

- Desculpe. Isso foi totalmente antiprofissional. Eu—

- Tudo bem, - ela respondeu com um sorriso vitorioso. – *Sério.*

- Sério?

- Sim, sério. – Ela se inclinou para perto de casa. – Você pode me ajudar?

- Claro. Você tem sorte de eu ainda estar aqui. Eu já deveria ter ido. Vamos ver - ele olhou para o computador. - Do que você precisa?

- Do número do celular e endereço da casa de Jessica Givens.

Ele olhou novamente para a tela. Um pedaço do cabelo preto e ondulado cobria um dos olhos. Ele era jovem, provavelmente vinte e poucos anos.

- Sabe, eu não deveria te dar informações pessoais.

Avery chegou mais perto.

- Qual seu nome? - Ela sussurrou.

- Buck.

- Buck - ela disse com os lábios, e depois baixou a voz e olhou para os lados, como se eles estivessem sendo secretamente vigiados. - Eu estou perto de encontrar esse assassino, Buck. Jessica Givens tem informações que podem me ajudar.

De repente, ele parecia assustado.

- Ele atacou em algum lugar *aqui*? Eu pensei que era só em Harvard e no MIT.

- Vamos apenas dizer que ninguém está seguro, Buck. Toda universitária é um alvo. Mas Jessica Givens - ela apontou para a porta, - ela sabe de algo. Algo importante. Ela tem informações que poderiam resolver esse caso inteiro. Eu não posso confiar em mais ninguém. Estou por mim aqui. Você pode me ajudar? Só entre nós. Ninguém vai saber.

- Porra! - ele sussurrou. - Claro, se é importante, *tudo bem* - ele disse determinado, antes de entregar o que ela precisava.

- Obrigada. Espero que você se dê conta de que está me ajudando muito a encontrar esse assassino.

- Sério?

- Sério - ela sussurrou com sua voz mais sedutora.

Colocou um dedo nos lábios.

- Lembre-se, nosso segredo.

- *Com certeza*. Só entre nós.

Avery saiu e fechou a porta. Assim que a luz do sol encontrou seus olhos, ela discou o número que acabara de conseguir.

- Alô? - Alguém atendeu.

- Jéssica Givens?

- Sim. Quem fala?

- Oi, Jéssica. Aqui é Avery Black. Eu sou uma das investigadoras do caso Molly Green. Você já falou com Talbot Diggins, certo?

- Como você conseguiu esse número?

- Você é a orientadora que falou com o Detetive Diggins sobre Molly Green?

- Sim, sou. Mas esse é meu número pessoal. Estou com minha família agora.

- Molly Green está morta, senhora Givens. Nós estamos tentando pegar o

assassino. Isso só vai levar um momento. Você disse que a vítima estava estressada por conta de entrevistas de emprego, certo?

- Isso.

- Como esse problema foi resolvido?

- Ela recebeu uma oferta de trabalho de uma contabilidade um mês atrás.

Contabilidade, Avery pensou.

Cindy Jenkins havia sido contratada por uma contabilidade.

- Você lembra o nome?

- Claro - Jéssica respondeu, – é uma das maiores de Boston. Eu fiquei surpresa com a contratação dela. A performance acadêmica dela não era como a de outros alunos que tentaram a mesma vaga. Era a Devante. Devante Accounting, em Boston.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Logo após o pôr do sol no campus da Bentley University em Waltham, o assassino estacionou seu carro em um terreno ao norte da faculdade e caminhou para o sul, pela calçada.

Ele sentiu uma sensação desconfortável no estômago.

Ele estava à caça de sua quarta vítima, e mesmo assim aquela era uma atividade diferente.

Meses antes, havia começado a planejar seu *primeiro* assassinato humano. Ele tinha certeza, pela voz do Espírito Maior, que o havia guiado em cada fase daquela operação, que *três* era o número certo de garotas. Três mortes para abrir as portas do paraíso.

A mudança radical começara quando ele fora posicionar o corpo de Molly Green.

Quando o assassino dirigira para o lugar pré-determinado em Belmont, um local que ele tinha certeza que agradaria o Espírito Maior, uma voz enraivecida gritara em sua mente: *Mais*. Tinha que ser um engano, ele tinha certeza. O Espírito Maior só precisava de três. *Mais*, a voz repetira, de novo e de novo. Assustando, suando e desconfiado de si mesmo, o assassino sabia que a colocação de Molly Green teria que ser modificada para entrar na contagem. Em pânico, e ele nunca ficava em pânico, observara Belmont e havia tido sorte o suficiente para encontrar um parque de crianças com um mural que, ao menos, fazia menção ao futuro e agradaria seu deus.

Ele, no entanto, não havia se agradado.

Outra garota significava não só uma, mas mais, uma fonte aparentemente interminável.

Ele tinha outros interesses, outros desejos. Animais, na verdade. Sua paixão por pegar animais da rua. Ele amava gatos, até um morcego ferido havia entrado na sua casa uma vez, uma criatura que ele havia amado e cuidado, antes de lhe dar imortalidade.

Botânica era outro hobby. Ele não tivera tempo nos últimos meses para ampliar suas misturas e testá-las em animais vivos. Tudo vinha sendo feito para o Espírito Maior, um deus que estava cada vez mais presente em sua vida.

Mais garotas... ele pensou.

Mais...

Seu prêmio pela trindade deveria ser a imortalidade na forma humana, e um lugar no céu com outros seres celestiais. Mas agora, ele não se sentia imortal. Na verdade, ele se sentia febril e extremamente emocional. Esse novo jogo, novo plano, ia contra seus desejos íntimos, e ele havia começado a ter pensamentos cruéis sobre o Espírito Maior.

Lá no alto, no céu, o rosto de seu deus franziu, e um eco gigante pareceu estremecer a terra: *Mais!*

Sim, eu sei, o assassino mentalmente respondeu para o céu. *Mais! Você não vê que eu estou aqui? Estou vigiando ela! Sei onde ela está! O plano está pronto. O lugar foi escolhido. Tudo está sob controle,* assegurou para o Espírito Maior. Ele apenas não sentia a si mesmo sob controle.

Aquela situação não era como as outras, onde ele se sentira invencível, com a proteção do Espírito Maior, em um nível em que, mesmo se ele tivesse matado alguém em público, à luz do dia, ninguém teria notado. Agora, era como se todos os olhares pudessem encontra-lo.

Fora do estacionamento havia um enorme gramado.

Havia também uma tela de cinema.

Era sábado, Noite de Cinema na Bentley, e o filme clássico na tela era a obra prima, em preto e branco, *Casablanca*.

Centenas de alunos, sozinhos, em casais ou grupos, estavam espalhados pelo gramado para ver o filme. Alguns sentados em cobertores, outros em cadeiras. Os mais ousados haviam levado vinho e cerveja para o evento.

Ele carregava um cobertor e óculos de sol.

Seu alvo? Uma veterana chamada Wanda Voles. Uma missão de reconhecimento na noite anterior mostrara a ele o destino da garota naquele dia. Aparentemente nas últimas com o namorado, ela decidira ir ao filme sozinha. Suas amigas imploraram para que ela não passasse a noite de sábado em um evento tão ridículo, mas Wanda não mudara de ideia. “*Casablanca* é, tipo, meu filme favorito,” ela respondera.

Ele escolheu aquela noite por várias razões. Uma das principais era que, no fundo, ele esperava que ela não aparecesse. A ideia fora blasfêmia, mas mesmo assim inegável. *Não quero fazer isso. Não quero fazer isso!* Ele gritara. O Espírito Maior se recusara a escutar. Ele sentira muita dor no corpo naquele momento.

Agora, ele caminhava nas imediações da multidão. De vez em quando, olhava para a tela e via Humphrey Bogart e Ingrid Bergman se abraçando ou brigando.

Wanda estava sentada no limite oeste do gramado, sozinha, mas rodeada de outros alunos.

Ele escolheu um lugar a mais ou menos vinte metros dela. O quarto de Wanda, ele sabia, estava a mais ou menos dez minutos caminhando para o leste, passando pelo estacionamento e por alguns caminhos sinuosos e estreitos onde eles poderiam ficar sozinhos.

Em seu cobertor, o assassino fingia ver o filme.

Sua mente dizia: *Não faça isso. Não faça isso!*

Eu tenho que fazer isso, ele respondia.

A dor em seu estômago o fez se curvar para frente. O Espírito Maior invadiu sua

mente. *Mais! Mais! MAIS!*

Eu sei. Desculpe.

Ele não conseguiu aproveitar nada do filme. Cada cena apenas o lembrava da urgência de sua própria situação, das pessoas em volta e de sua culpa. Aquilo era errado, era errado e ele não podia dizer em voz alta. Ele não podia sequer pensar nisso.

Quando os créditos subiram, Wanda Voles pegou seu cobertor e suas coisas e caminhou para casa. Muitos alunos ficaram no gramado. Havia vários se beijando e rindo. Vários caminhos de saída se formaram. Poucas pessoas caminharam na mesma direção de Wanda.

Ele levantou poucos segundos depois de Wanda ter passado e a seguiu. *Só mais uma aluna qualquer*, disse a si mesmo. *Mentira*, sua mente respondeu. *Mais!* O Espírito Maior gritava. A ordem mexeu com ele e ecoou por todo seu ser. Para quem estava por perto, parecia que ele estava tendo um ataque epilético.

Calma, pensou.

Ele seguiu Wanda pelo estacionamento. Ela passou ao lado do carro do assassino. Alguns estudantes iam na mesma direção, porém muito mais longe.

Sozinha, pensou. *Ela está sozinha. Agora!*

O prazer, o conforto e o investimento pessoal não estavam mais ali. A força do Espírito Maior o deixara. Mesmo assim, ele tinha que prosseguir. Como sempre, o Espírito Maior olhava e esperava.

Wanda estava a três metros dele. Ela começou a cantar.

Sua estratégia estava pronta. Ele a cumprimentaria, fingiria que havia vindo para ver o filme com sua filha e depois reclamaria do pneu do carro. Ela abaixaria para ajudá-lo a checar a pressão e ele a acertaria com a agulha. Sem barulho. Sem testemunhas. Apenas uma jovem desaparecida no estacionamento.

Dois metros atrás dela.

Ele preparou a agulha.

Um metro e meio e ela estava prestes a entrar em uma nova fila de carros.

Um metro e ele abriu a boca para falar.

Em frente a Wanda, um aluno apareceu vindo de trás de um carro.

“Rá!” Ele gritou com os braços abertos.

Wanda recuou, assustada.

Instantaneamente, ele caminhou em outra direção. Atrás dele, era possível ouvir o garoto rindo. “Pra que isso!” Wanda havia gritado. “Você me assustou muito!” “Desculpe, desculpe,” ele disse, “mas cara, essa foi boa! Eu vi você vindo e tive que fazer isso. Qual é a boa? É cedo ainda!”

A conversa deles foi ficando inaudível.

Um alívio tomou conta do assassino, um alívio desesperado por ter sido salvo de

mais um crime. *Não era certo*, ele disse a si mesmo. *Eu sabia que não era certo. Tenho que repensar. Replanejar. Não se preocupe. Não se preocupe*, ele disse para seu deus. *Vai ficar tudo bem. Eu prometo.*

Lá de cima, o Espírito Maior fez um olhar de reprovação.

CAPÍTULO TRINTA

Uma sensação surreal tomou conta de Avery Black.

Não havia lembranças de suas últimas palavras para Jessica Givens, ou de quando ela desligara ou de onde colocara seu telefone.

Ela estava na escuridão do campus da Brandeis. A sua frente havia um campo verde, além de árvores e estrelas alinhadas. Atrás, prédios de tijolos vermelhos iluminados por luzes fracas.

Acalma-se, disse a si mesma.

Você já passou por isso antes.

A lembrança de seu quase abuso a John Lang no Art for Life ainda estava fresca na memória, junto com a represália do capitão e o fim de semana extenso, que ela havia ganhado para repensar suas ações.

Você foi retirada do caso, lembra?

Não mais, respondeu a si mesma.

Cindy Jenkins havia sido contratada pela Devante. Molly Green havia sido contratada pela Devante. E Tabitha Mitchell?

No caminho para o carro, Avery ligou para Finley. O telefone tocou várias vezes até cair na caixa de mensagens. *Ele está me evitando*, ela pensou. Outras cinco ligações tiveram o mesmo fim. Em todas elas, Avery deixou a mesma mensagem, cada vez com mais urgência:

“Finley, temos uma conexão. Jenkins e Green foram contratadas pela mesma empresa em Boston. Você tem que me atender. Tabitha Mitchell tinha algum tipo de trabalho alinhado para os anos de veterana? Me ligue assim que você ouvir isso.”

De dentro da BMW, Avery ligou seu computador no painel.

A Devante era uma empresa privada de Boston.

Informações gerais foram tudo o que ela pode encontrar online: o fundador da empresa, o presidente do conselho, o CEO e a estrutura estadual.

Uma busca rápida mostrou um número enorme de trabalhos disponíveis em uma contabilidade: auxiliar de contabilidade, contadores juniores e sênior, gerente de impostos, auditor de impostos... A lista parecia não ter fim.

Quem contrata universitárias? Ela imaginou. Tem que ser alguém dos recursos humanos que pesquisa as universidades e encontra possíveis candidatos. Provavelmente, em seguida, essa pessoa pegava os currículos e distribuía os melhores para as pessoas responsáveis por quaisquer vagas abertas na empresa.

Como eu vou encontrar quem faz essa busca e viu os currículos dessas duas garotas?

A resposta era óbvia, mas também complicada, dado seu atual status no Esquadrão de Homicídios. *Você tem que encontrar o presidente do conselho ou o*

CEO, pensou. Só eles poderiam dar a ela acesso às pessoas certas. Ela riu. *Ok, como eu faço isso?*

Um mandado.

Vou precisar de um mandado.

Mandados eram difíceis de conseguir. Era necessária uma causa provável. Nesse caso, Avery estava confiante que a conexão entre as garotas e a empresa que planejava contratá-las era uma causa provável suficiente para um mandado. No entanto, um juiz também iria querer saber sobre itens conectados aos crimes que poderiam ser encontrados nos escritórios da Devante. Isso poderia ser um problema, a não ser que a declaração incluísse informações de computador. Se o assassino tivesse qualquer coisa relacionada ao caso em seu computador, ela poderia usar isso para reforçar um mandado.

Pense mas sobre isso, ela refletiu. Não erre. Espere a ligação do Finley. Organize todas as ideias antes de ir ao capitão.

Sua mente escureceu: *Não dessa vez.*

Ela ligou o carro e saiu.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Avery entrou no departamento de polícia A1 logo depois das dez da noite. A recepcionista do primeiro andar estava lidando com um agente e uma prostituta. Pelo resto do escritório, agentes à paisana registravam universitários bêbados e tomavam depoimentos. Uma briga explodiu no fundo do departamento e três policiais tiveram que parar um homem gigante.

O trabalho de polícia não era qualquer trabalho.

A maioria dos agentes não vinha apenas às oito ou nove e saía às cinco todo dia. Da mesma forma, finais de semana quase nunca eram de folga a não ser que o oficial tivesse status de sênior ou que o departamento inteiro estivesse em calendário rotativo. No A1, todos trabalhavam em turnos, turnos de cinco dias que poderiam ir de quarta à domingo, e se alguém estivesse em algum caso, poderia trabalhar a noite inteira, todas as noites, até o dia amanhecer.

Avery reconheceu alguns rostos familiares. No entanto, ninguém prestou muita atenção nela. Turnos da noite nos finais de semana davam um certo sentimento a eles, como o de estar em um cemitério depois de quarenta e oito horas acordados: todo mundo estava meio zozinho e cada um tinha seu próprio ritmo.

No segundo andar, Connelly estava discutindo com Thompson.

Thompson parecia dois homens em um só, um gigante que amava a academia. Com sua pele pálida, lábios grossos e cabelos loiros, ele geralmente fazia com que outros policiais – e criminosos – se sentissem muito desconfortáveis.

- Por que eu ainda estou aqui? – Thompson reclamou.

- Você quer me foder? – Connelly gritou. – Eu te dei um trabalho e você não fez. Não quero saber se você ficar aqui até as quatro da manhã!

- Concessionárias? – Thompson seguiu reclamando, em pé. – Quantas merdas de concessionárias abrem no sábado à noite? Meu turno acabou faz tempo. Aqui está uma lista de Watertown e Belmont.

- Eu pedi de Waltham também. Eu pedi números e contatos diretos de cada empresa. Não estou vendo nada disso aqui na lista de Belmont - ele reclamou enquanto olhava a lista.

Avery sentou na mesa de alguém e esperou que eles terminassem.

Connelly a olhou.

- Que porra você está fazendo aqui? O capitão não disse pra você descansar?

- Podemos conversar? – Ela perguntou.

- Não - Ele respondeu. – Não tenho para falar com você. Suma. Você não tem que voltar até segunda.

Ela apontou para Thompson.

- Você está fazendo ele perder tempo.

- Eu falei! – Thompson entrou na conversa. – Essa merda é uma perda de tempo!

- Cale a boca, porra! – Connelly gritou apontando o dedo no rosto dele. – Black, juro por Deus. Se você não sair daqui em cinco segundos eu mesmo vou tirar você do Esquadrão de Homicídios e você vai voltar a fazer rondas pelo resto da sua vida!

Avery abaixou a cabeça.

- Não vou a lugar nenhum - ela disse, com a voz calma. – E você precisa me ouvir. Eu tenho uma pista. Das boas. – Ela o olhou no fundo dos olhos. – Nós precisamos falar sobre isso. E precisamos estar no mesmo time. Você quer pegar um assassino? Ou você prefere ficar puto comigo porque você *acha* que me conhece, ou porque eu fui colocada na sua equipe, ou porque eu tinha uma vida melhor que a sua?

Ela empurrou a mesa.

- Desculpe se eu fiz qualquer coisa que te ofendeu, mas eu estou aqui agora. Assim como você. Nadando na merda. E eu não tinha nada pra pegar esse assassino, e agora eu finalmente encontrei uma pista. Não podemos esperar até segunda. Se você me expulsar, ou ligar para o capitão, e para o comandante, ninguém vai me ouvir.

Thompson apontou para Avery realmente tocado.

- Escute ela - ele pediu.

- *Cale a boca, Thompson! Sente!*

Ele chamou Avery com um dedo e apontou para a sala de conferências.

- Três minutos. Você tem três minutos.

Assim que eles ficaram sozinhos, Avery disse:

- Eu sei que cometi alguns erros.

- *Alguns?*

- Erros estúpidos - ela acrescentou, - mas foi tudo pelo dever. Eu cometi outros erros hoje. Eu fui ver Howard Randall de novo.

Connelly fez uma cara de descontentamento.

- *Ele me deu uma pista.* Ou algo como uma pista. Eu não consegui entender até ir a Brandeis.

Connelly colocou as mãos na cabeça.

- Você foi até a faculdade da Molly Green? Você estava fora do caso!

- *Você vai calar a boca?* – Ela gritou. – Só uma vez. Por favor!

Surpreso, ele baixou os braços e inclinou-se para trás.

- Eu falei com alguém do departamento de orientação. Ela me disse que Molly tinha um trabalho alinhado na Contabilidade Devante. Bem, veja só! Cindy Jenkins também tinha um trabalho na Devante. Ainda não sei sobre Tabitha. Finley deve falar com a mãe dela. Ele ainda não me respondeu. Tabitha era caloura, mas se ela foi contratada por eles também, é muita coincidência para ignorar. Você não acha?

- A última conexão que você conseguiu acabou dando merda.
- Mas era uma *conexão*, a única entre duas dessas, até agora. Se nós conseguirmos ligar a terceira à Devante, estaremos mais perto do que nunca.
- Finley está fora do turno - ele murmurou.
- E?

Connelly caminhou e pensou na situação. Em um terno cinza e camisa azul, que parecia muito pequena para seus músculos, ele levantou os ombros e coçou sua barba loira, por fazer, parecendo irritado, mas intrigado.

- Espere aqui - ele disse.
- O que você vai—
- *Eu disse espere!* – Ele gritou e saiu.

Pelo vidro, ela o viu dar instruções para um Thompson muito frustrado, antes de ir até sua própria mesa fazer uma ligação.

Avery ficou sentada na sala de conferências por quase vinte minutos. Sem nada para fazer, com o peso do que havia descoberto finalmente descarregado, ela sentiu-se mais relaxada e estranhamente confortável. Um desejo intenso de ligar para sua filha a fez pegar o telefone.

O que você vai dizer? Ela pensou.

Diga que você foi uma idiota, e que você ainda é. Diga a verdade: que você a ama e quer fazer a coisa certa, não importa como.

A porta da sala se abriu.

- Tabitha Mitchell era caloura - Connelly disse. – Ela estava adiantada na faculdade, era a melhor da classe. E ela recebeu uma oferta de trabalho da Devante.

Avery levantou-se.

- Cacete!

A conexão estava ali. Howard Randall estava certo. Suas palavras pulsavam: *Ele tem que encontrá-las, observá-las, conhecê-las de algum lugar.* Quando ela havia dito para Randall “uma veterana, uma caloura,” ele havia dito *não*.

Ele sabia, ela se deu conta.

O nojo que Avery sentira ao ter que visitar Randall e pedir ajuda agora começava a ir embora. A conexão estava feita, e se ela conseguisse juntar todas as peças, haveria esperança: para ela, para seu futuro, para deixar o passado para trás.

- Todas as três - Connelly disse. – Todas as três com trabalhos na Devante.
- Como você descobriu?
- Finley estava ligando para a casa da Mitchell. Eu liguei para o celular da mãe. Estava dormindo. Começou a chorar quando eu disse que queria falar sobre a filha dela. Mas ela tinha a informação que precisávamos. A merda é que eu acho que os jornais disseram a mesma coisa ontem ou por esses dias.

Por isso ele sabia, Avery se deu conta. Randall lê os jornais.

Os dois se olharam em silêncio.

- O que fazemos agora? – Ela perguntou.

- Você tem que me dizer.

Ela desviou o olhar e mordeu o próprio lábio.

- Precisamos de um nome. Quem era o gerente de contratações que conheceu todas essas garotas?

- Seja quem for - Connelly disse, - ele deve saber que pelo menos duas das garotas que ele contratou estão mortas. Está em todos os noticiários.

- Se duas garotas que *você* contratou fossem encontradas mortas em menos de uma semana, você ligaria para alguém?

- Não se eu fosse culpado.

Connelly imediatamente pôs o telefone da sala de conferências no viva-voz e ligou para o capitão. Agitado e com sono, O'Malley ouviu Avery e Connelly pelo telefone e levou um tempo para responder.

- Esperem até de manhã - ele disse. – Não há nada que podemos fazer agora. Eu vou ligar para o comandante e para o prefeito assim que o dia amanhecer. Cacete - ele murmurou. – Devante. Eles são gigantes!

- Vamos começar com o CEO e seguir daí para baixo - Avery disse. – Alguém tem que ter a lista de nomes e trabalhos. Acredito que nosso assassino trabalha no RH.

- Tentem dormir um pouco essa noite - o capitão disse, - os dois. Pode ser um dia e tanto amanhã. Eu encontro vocês no escritório às oito. Avery, se você não conseguir dormir, comece a trabalhar os mandados: um para a empresa e outro para cada indivíduo da empresa, sem nome específico. Você também pode ligar para a Devante e ver se alguém trabalha no fim de semana. Eu duvido que alguém vai atender a essa hora, mas estamos em abril. Nunca se sabe.

O capitão desligou.

Desconfortável, Connelly se recusou a olhar para Black.

- Vamos torcer pra isso dar certo - ele disse e saiu.

Avery fez tudo o que podia nos dois mandados. Ela ligou para pelo menos dez números do escritório da Devante. Ninguém atendeu.

Vá para casa, ela disse a si mesma.

Dormir era a última coisa que passava em sua mente.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Aquele domingo parecia segunda-feira para Avery.

Ela estava de pé e cheia de energia às sete. Estranhamente, havia dormido como um bebê assim que chegou em casa, provavelmente na melhor noite de sono que teve em meses.

Ela vestiu seu terninho preto e camisa de botão branca. Como sempre, colocou os tênis pretos. Os dias de salto alto da Manolo Blahnik haviam terminado há tempos. Depois de uma xícara de café, ela parou na sala e olhou para si mesma.

Você precisa de academia, disse.

Uma ponta de dúvida invadiu seus pensamentos. Ela já havia ficado no “quase” algumas vezes, já havia seguido tantas pistas que não levaram a nada. *Não*, ela pensou. *É essa. Tem que ser.*

A caminho do carro, analisou sua trajetória como policial: tráfico, crimes leves, disputas domésticas, caça a gangues, e agora isso, seu maior caso, detetive de homicídios na caça a um assassino em série. Aquilo era o que ela estava buscando nos últimos três anos: uma chance de fazer as pazes com o passado, de terminar com o capítulo “Howard Randall” para sempre, fugir das sombras do arrependimento e, finalmente, viver.

Os turnos da manhã nos finais de semana mudavam às oito no A1. O escritório estava quase vazio no horário de transição, com a maioria da equipe nas ruas ou a caminho do trabalho. Connelly já estava lá, junto com Thompson e o comandante.

O comandante vestia jeans e uma camiseta vermelha estampada, no estilo mais casual que Avery já o havia visto. Ao telefone, ele a fez sinal para entrar no escritório com o resto do grupo.

- Espere - O'Malley disse no telefone - Black está aqui. Vou colocá-lo no viva-voz e resolvemos isso agora mesmo.

Uma voz grave emanou pela sala.

- Olá? Todo mundo me ouviu?

O'Malley disse com os lábios: “O prefeito”.

- Estamos aqui, - falou em voz alta.

- Detetive Black - o prefeito disse como se não estivesse à vontade para falar, - eu sei que você tem sido implacável nesse caso, mesmo depois de retirada. Quanta certeza você tem sobre Devante? Sabe, Miles Standish é meu amigo.

O'Malley disse com os lábios: “O dono”.

- Eu duvido muito que o Senhor Standish tenha algo a ver com isso - Avery disse. - Nós acreditamos que o assassino é alguém dos escritórios, provavelmente algum gerente do RH ou intermediário que teria conhecido essas garotas, lido seus currículos e depois passado para os departamentos adequados.

- Eu perguntei se você tem *certeza* sobre Devante, senhora Black. Você tem *certeza* que essa é a melhor pista? Eu vou ter que fazer uma ligação muito difícil.

- Três garotas estão mortas. Cada uma de faculdades diferentes, e mesmo assim todas tinham trabalhos alinhados na Devante. É a única conexão que faz sentido. Tenho cem por cento de certeza.

- Ok - o prefeito disse. – Mike, vou ligar para Miles agora. Espero falar com ele logo. Se ele não cooperar, pegue seu mandado e faça o que tiver que fazer. Eu quero esse caso resolvido até segunda-feira.

- Ok, senhor - O'Malley respondeu.

Quando o prefeito desligou, O'Malley disse ao grupo:

- Ok, vamos fazer desse jeito. Avery, você comanda. Aquilo que você fez outro dia foi ridículo, mas já que você descobriu isso aqui, você deve continuar. Vamos discutir seu futuro mais tarde. Connelly é seu supervisor. Você terá Thompson e quem mais nós pudermos ter para conseguir todas as informações. Thompson - ele disse, e parou por um momento para achar as palavras certas, – eu achava que você era esse gigante irlandês bizarros que iria entrar no escritório e fazer as coisas acontecerem. Infelizmente, não foi nada disso. Na verdade, eu acho que você é mais preguiçoso que o Finley. Não, espere - ele se corrigiu. – Eu estava errado sobre Finley. Ele está trabalhando pra cacete. Todo mundo erra. Você, no entanto, é melhor que me surpreenda hoje. Entendido?

- Sim, senhor - Thompson jurou.

Quinze minutos depois, a ligação que eles estavam esperando chegou. O'Malley instantaneamente atendeu no viva-voz.

- O'Malley falando.

Uma voz jovem e alegre respondeu.

- Olá! Eu sou Laura Hunt, assistente pessoal do senhor Miles Standish. Eu fui instruída a ligar e dar qualquer informação que você precisar sobre a Devante.

O'Malley fez sinal para Black.

- Sua vez - ele disse.

- Aqui é Avery Black. Não sei se você foi informada, mas há um assassino em série à solta com possibilidade de ligação com a Devante.

- Sim, senhora Black, eu recebi todas as informações prévias.

- O que nós precisamos é de um nome, alguém que pode ter conhecido todas essas universitárias e oferecido trabalho a elas, ou as encaminhado para outro departamento da empresa onde elas foram contratadas.

- Ok. Posso perguntar de qual empresa Devante nós estamos falando?

- Como assim?

- Nós temos escritórios em Boston, Chicago e San Antonio.

- Boston.

- Ok, um segundo. Aqui está. Timothy McGonagle é o presidente dos Recursos Humanos do escritório de Boston. Eu não acho que ele lide diretamente com o recrutamento universitário, mas você pode falar com ele ou alguém de sua equipe - ela passou o número do celular, número da casa e endereço.

- Quantas pessoas são subordinadas a McGonagle? – Avery perguntou.

- Existem vinte e oito outros empregados nos Recursos Humanos.

- Se eu tiver problemas, posso ligar direto para você?

- Com certeza - ela disse e deu um número a Avery. – O Senhor Standish quer ajudar como for possível. Ele só pediu para que você tente manter o nome da Devante fora dos jornais, se possível. Nós não gostaríamos de ter pessoas associando nosso nome a qualquer crime.

- Entendido - Avery disse.

A ligação terminou logo depois de O'Malley olhar para o grupo.

Avery queria encontrar ela mesma com Timothy McGonagle, uma conversa de perto, pessoal. Se ele não era diretamente a pessoa responsável pelos crimes, era quase certo que ele havia contratado um assassino, ou contratado alguém que contratou um assassino. Uma rápida busca não revelou nada sobre McGonagle, nem uma multa por estacionamento proibido sequer.

- Tudo bem - O'Malley disse, - faça isso. Eu tenho um aniversário para ir.

* * *

McGonagle não estava longe do A1. Ele morava no rico bairro de Beacon Hill, a norte do escritório, perto do Lederman Park. Connelly ficou para vigiar duas equipes que lidavam com gangues e tentar formar uma equipe se Avery precisasse.

Thompson foi escolhido como parceiro dela para aquele dia. Ele ficou quieto na maior parte do caminho, sentado desconfortavelmente no banco do carona do carro de Avery, com seu corpo espremido.

- De onde você é? – Avery perguntou, casualmente.

- Boston - ele respondeu.

- Onde em Boston?

- Boston inteira.

- O que fez você querer ser policial?

Ele franziu a testa albina, e seu lábios sorriram com escárnio.

- O que é isso? Jogo de perguntas?

Avery estacionou na Pinckney Street.

McGonagle morava em uma casa enorme, com fachada de tijolos, cortinas brancas e uma porta vermelha que dava para uma sala ao ar livre. Thompson ficou na entrada, e parecia que ele queria estar em qualquer lugar que não fosse com Avery

Black. Seu tamanho e aparência estranhos, no entanto, evitavam que pessoas tentassem entrar. Mesmo que estivessem do outro lado da rua, pessoas olhavam diretamente para o seu rosto, e passavam.

A campainha foi rapidamente atendida.

- Olá?

Tim McGonagle era mais jovem do que Avery esperava, talvez com trinta e cinco, cabelos pretos e olhos verdes brilhantes que pareciam estar sempre calculando. Ele vestia calças cinzas, camisa de botão rosa e uma gravata verde.

Tinha entre 1,82m e 1,85m. Muito alto. Não batia com a altura do assassino.

- Posso ajudar em algo? – Ele perguntou.

- Avery Black. Esquadrão de Homicídios.

- Ah, sim. Uma agente celebridade em pessoa. – Ele sorriu.

Ele percebeu a presença de Thompson e se virou novamente para Avery.

- Como posso te ajudar?

- Você está acompanhando o caso do assassino em série?

- Sim, estou.

- Você sabia que três das vítimas foram recentemente contratadas pela sua empresa?

- Não - ele disse. - Meu Deus, isso é terrível.

- O que você faz exatamente na Devante?

Ele apontou para dentro.

- Você gostaria de sentar?

- Não, obrigado.

Uma voz feminina veio de algum lugar de dentro da casa.

- Timmy? Quem está aí?

- Só um segundo, Peg - ele disse e se voltou para Avery. – Sou o presidente do Departamento de Recursos Humanos da Devante no escritório de Boston. Minhas principais responsabilidades são contratar e gerenciar a equipe. Eu inspeciono problemas na empresa, qualquer confronto mais sério entre empregados e chefes, coisas assim. Os únicos currículos que eu vejo são para cargos mais altos que nós às vezes precisamos, como CEO ou auditor chefe.

- Quem recruta nas universidades?

- Um dos meus funcionários. O nome dele é Gentry Villasco, mas sinceramente, não posso imaginar ele fazendo nada desse tipo. Ele é um diretor administrativo. Comanda uma equipe de quatro. Eles olham faculdades, currículos universitários e organizam dados nos campi.

- Se um universitário quisesse trabalhar na sua empresa, teria que passar por ele?

- Isso mesmo. A equipe dele pode peneirar os candidatos e separar os melhores currículos, mas em algum momento passaria por ele. Se Gentry gosta do que vê, ele

passa isso para o departamento apropriado, onde a vaga está aberta.

- Você pode me contar algo sobre ele? É solteiro? Casado? O que ele gosta de fazer nos finais de semana? Ele tem amigos?

Timothy riu.

- Gentry, definitivamente, não é um assassino. Ele é um solitário, com certeza, um pouco mais velho do que eu. Talvez uns cinquenta. Tem uma casa em West Somerville. Vem todo dia para trabalhar. Ele sabe como lidar com as pessoas, mas guarda isso para si, você me entende? Trabalha na Devante a mais tempo do que eu, mais ou menos uns quinze anos.

Avery olhou sério para ele.

- Você tem certeza de que não tem nenhum conhecimento sobre as três vítimas em questão? Deixe-me repetir os nomes caso você tenha esquecido: Cindy Jenkins, Tabitha Mitchell, e a última que ainda não está nos jornais: Molly Green.

- Nunca ouvi nenhum deles - ele disse e instantaneamente se corrigiu. – Bem, eu vi o nome das duas primeiras, mas não na empresa. Li nos jornais. Eu li sobre o caso - ele devolveu o olhar sério.

- Você vai estar em casa o dia todo? – Avery perguntou.

- Bom, estava planejando ir à igreja com minha família. Nós estávamos tomando café com as crianças.

Ele parecia tanto honesto quanto verdadeiramente perturbado pela ligação dos crimes com a Devante. *Um homem de família*, Avery pensou. Ela deu um passo para trás e tentou imaginar um assassino com esposa e família.

- Aqui está meu cartão - ela disse. – Por favor me ligue se você pensar em mais alguma coisa.

- Claro - ele respondeu. – Eu lamento por isso tudo.

Thompson estava escorado na fachada de tijolos, alheio a tudo, exceto ao céu.

Avery passou e deu um tapa em seu peito.

- Ei! – Ele reclamou.

- Você parece um peso de porta aí. Mexa-se!

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Uma rápida ligação para Laura Hunt fez com que Avery conseguisse o telefone e endereço de Gentry Villasco, bem como os nomes, endereços e informações de contatos de todos na equipe dele, para caso Villasco não fosse quem ela estava procurando.

Das quatro pessoas que trabalhavam com Gentry, duas eram mulheres e dois homens. As mulheres moravam em Chelsea e Boston, respectivamente, ambas fora da área que Avery imaginava para a casa do assassino. O primeiro homem morava no sul de Boston, também fora da área imaginada. O último morava em Watertown: Edwin Pesh. Watertown era um dos lugares na mira. Ela circulou o nome dele e deu a partida no carro. Enquanto ela dirigia, Thompson colocou todos os nomes na central de dados para checar suas fichas. Uma das mulheres tinha dez multas a pagar. O homem do sul de Boston já havia sido preso por dirigir bêbado e desordem anos antes. Não havia nada sobre os outros dois.

Gentry Villasco morava em uma rua larga de Somerville. Sua casa era muito pequena, estreita, de dois andares e pintada de branco, com rodapé e teto marrom. Várias árvores faziam sombra na passagem do carro. Um Honda Civic branco estava estacionado ao lado da garagem fechada.

Avery e Thompson estavam em meio a uma discussão intensa.

- Eu só estou pedindo, *tente* fazer parecer que você se importa - Avery disse.

- Eu me importo - ele respondeu.

- Olhe em volta. Se eu estou falando com um suspeito, observe o local, sorria, finja que está anotando algo. Qualquer coisa. Só não fique olhando para o céu.

- Eu sou tira há muito mais tempo que você.

- Sério? Difícil de acreditar. Quando foi a última vez em que você foi promovido?

Thompson mordeu os lábios de raiva e tentou se reposicionar no pequeno espaço do banco do carona da BMW.

Quando eles saíram do carro e caminharam até a porta, Avery estava um pouco mais a frente, com o gigante Thompson atrás dela, como um guarda-costas pronto pra devolver qualquer ataque.

A campainha tocou.

Um homem amável e humilde apareceu para cumprimentá-los. Ele lembrava Avery de um monge, ou algum ser santificado. Moreno e careca na parte de cima da cabeça, com cabelos brancos cortados dos lados, ele tinha olhos pequenos e estrábicos. Tudo nele era pequeno. Seu queixo, suas mãos e ombros. Ele vestia calças marrons e um suéter preto sobre uma camiseta, mesmo fazendo pelo menos trinta graus lá fora.

Ele tem o tamanho certo, Avery pensou. Um pouco pequeno, mas se ele estava

usando disfarce, também poderia estar usando um sapato com salto.

- Olá - Villasco disse com a voz mais doce e gentil possível. – Vocês gostariam de entrar?

Surpresa, Avery respondeu:

- Você sabe por que nós estamos aqui?

- Sim - ele assentiu com uma expressão triste. – Acho que sei.

Ele se virou e entrou de volta na casa.

- Senhor Villasco, onde você está indo? – Avery chamou. – Senhor Villasco, você pode por favor—Senhor, eu preciso ver...

Ela e Thompson se olharam.

- Chame reforço - ela disse e puxou sua arma.

Thompson também puxou a dele.

- Eu vou com você.

- Não mesmo - ela apontou para o gramado. – Você chama reforço e espera pelos outros. Vou me sair melhor sozinha.

A casa estava extremamente gelada, possivelmente por conta de um sistema central, já que Avery não notou nenhum ar condicionado. Ela fechou a porta atrás de si e caminhou para dentro.

No fundo da sala azul escura havia uma escadaria para o segundo andar. Um gato cinza de olhos verdes a olhava de um dos degraus. Ela virou à direita e entrou em uma pequena sala de estar. Havia muitas plantas na soleira da janela e penduradas no teto.

O coração de Black batia rápido.

Ela segurava a arma abaixada.

- Senhor Villasco? Cadê você?

- No meu escritório - ele respondeu.

Devagar, ela entrou por uma pequena porta no fundo da sala. A cada passo, ela olhava para assegurar que não estava sendo seguida. Avery só havia sido baleada uma vez na vida. Foram duas balas: uma na perna e uma no ombro.

Gentry Villasco estava sentado atrás de uma grande mesa, à direita. Um abajur verde estava em um dos lados da mesa, e havia muitos papéis no outro. As mãos dele estavam escondidas na cintura. Havia um pequeno sofá à esquerda de Avery, embaixo de uma janela.

- Senhor Villasco, por favor me mostre suas mãos.

- Você trabalha *tanto* - ele murmurou, - a vida toda.

- Senhor Villasco, eu preciso ver suas mãos.

- É tudo pela família, sabia? Eu fiz pela minha família.

- Por favor, suas mãos.

- Parece certo. Eu já vivi. Por que eu tenho que estar aqui? Minha mulher morreu

de câncer há dois anos. Você sabia? Doença terrível!

Avery se aproximou da mesa.

- Suas mãos!

- Aquelas garotas - ele disse. – Eu sabia. Eu sabia. Uma tragédia horrível. Com certeza. Mas quem somos nós para julgar? Todo mundo merece existir.

Ele rapidamente puxou uma arma da cintura e a apontou em seu próprio queixo. A arma devia ter pelo menos cinquenta anos: prata com o braço branco, como algo que poderia ser comprado em um bazar ou loja de antiguidades.

Avery levantou a mão.

- Não faça isso!

Villasco atirou.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

- *Não!*

O tiro ecoou pela sala. A cabeça, destruída pela bala, e o sangue jorraram na parede atrás dele.

- Cacete! – Avery murmurou.

Thompson correu com sua arma apontada para todos os lados.

- *Que porra é essa?* Caralho!

Avery se virou para ele.

- Você chamou reforço?

- Estão a caminho.

Avery ficou ali, olhando para o homem morto a apenas alguns passos dela. Um homem que estava vivo até momentos antes. Seu coração se despedaçou em milhões de pedaços.

* * *

Luvras e sacolas foram tiradas do carro dela. Thompson deveria checar o perímetro. Avery ficou com o primeiro andar.

Na sala de estar, os tapetes eram cinzas e as paredes pintadas em branco. Além da sala e do escritório de Villasco, havia uma cozinha no lado oposto da escada. Os armários ali eram de madeira escura. O balcão era azul escuro e o piso de azulejos brancos.

Uma pequena porta levava ao terraço, um gramado com cerca de madeira. Todos os diferentes tipos de flores estavam florescendo ao lado da cerca, e havia um espaço em cinza escuro, para visitantes.

De volta à casa, Avery encontrou uma porta para o porão. Uma escadaria de madeira levava a um lugar totalmente normal: chão de cimento, prateleiras de madeira pelas paredes e locais para armazenamento. Ela abriu um saco de plástico e encontrou roupas para o inverno.

No primeiro andar, ela deu de cara com Thompson.

- Nada lá fora - ele disse. – A garagem está cheia de latas e ferramentas para jardinagem.

Eles foram juntos para o segundo andar.

Avery foi na frente, segurando a arma abaixada. O gato que ela havia visto antes subiu pelos degraus e desapareceu. Ela colocou dois dedos nos olhos e apontou para a esquerda. Thompson assentiu, virou à esquerda na escada e foi em direção à entrada. Avery entrou onde o gato havia ido. O pequeno banheiro de visitantes era pintado em um verde cinzento. Havia três caixas que serviam de cama para gatos no

chão de madeira. Dois gatos estavam na cama, o cinza, gordo, que ela havia visto antes, e um filhote. O único closet guardava roupas femininas cheias de traças.

Ela passou em volta da escada, na direção onde Thompson havia ido. O quarto principal à sua direita tinha uma grande cama. Havia vários espelhos nas paredes. O tapete era branco. Ela abriu uma das portas espelhadas e encontrou roupas e sapatos.

- Ei, Black - ela escutou. – Por aqui!

O último cômodo parecia um closet com uma pequena escada que dava no sótão. O espaço era muito pequeno para Thompson. Ao invés de entrar, ele sentiu nos degraus e puxou algo de cima para que Avery investigasse.

- Tem outros dois assim aqui - ele disse.

Avery segurou uma estátua peluda.

Era um gato, um gato preto que havia sido empalhado e colocado em uma base de madeira. Não havia nada escrito na base.

- Tem um malhado aí também? – Ela perguntou.

- Como você sabe?

Thompson puxou outra estátua daquelas. Era menor, um gato alaranjado com linha pretas e olhos escuros. Ela devolveu.

- Colete alguns pelos desse - ela disse.

- Só desse?

- Sim. Os peritos encontraram pelos de gato malhado nos primeiros dois corpos.

Sirenes de polícia podiam ser ouvidas a distância. Enquanto o barulho se aproximava, Avery desceu às escadas e foi até a porta da frente.

Ela deveria estar em êxtase, ou aliviada.

Ao invés disso, Avery se sentia vazia, perturbada. As peças do quebra cabeça seguiam em sua mente, desconectadas: todas as rotas do carro do assassino iam para o norte e oeste, fora de Boston. *Ele morava a noroeste de Boston*, ela pensou. Isso bate. Mas isso não explicava a minivan azul indo ainda mais a oeste, fora de Cambridge. *Uma outra casa*, imaginou. *Ele deve ter outra casa. É lá que ele deixa a minivan*. Todo o resto fazia sentido. Ele plantava flores. Havia gatos morando na casa.

Se os pelos do gato malhado fossem os que Randy encontrou nos corpos, e se alguma daquelas plantas fosse psicodélicas, Avery sabia que o caso estaria encerrado.

Thompson apareceu atrás dela.

Ela olhou pelos ombros.

- Veja o que você consegue encontrar no escritório – ela disse. – Tente não mexer no corpo. Nós precisamos de uma segunda casa. E precisamos encontrar a minivan azul. Procure por contas de aluguel, endereços, formulários de seguro, qualquer

coisa desse tipo.

- Agora mesmo.

As últimas palavras de Villasco seguiam em sua mente.

Fiz isso pela família.

Quem somos nós para julgar?

Todo mundo merece existir.

* * *

Avery viu policiais de Somerville e Boston entrarem na rua com as sirenes ligadas, estacionarem onde queriam e saírem dos veículos com as armas em punho.

Connelly estava entre eles.

Nem um pouco da raiva diária que ele demonstrava sobre Avery podia ser vista em seu olhar, tampouco desconfiança ou incerteza. Havia surpresa em seu rosto, uma sensação de descrença de que o que ele estava testemunhando poderia mesmo ser verdade: uma mulher, uma figura em desgraça pública, havia conseguido de novo, resolver mais um caso e fazer com que o resto dos policiais parecessem inúteis.

- O que nós temos? – Ele disse.

A polícia de Somerville começou a rodear e entrar na casa.

A cena inteira parecia um sonho. Avery mal conseguia ver Connelly ou os outros. Sua mente estava a quilômetros dali. O quebra-cabeças não estava completo, mas ela não tinha no que basear essa ideia, a não ser seu instinto e as últimas palavras de Villasco. *Eu fiz pela família. Quem somos nós para julgar? Todo mundo merece existir.*

Gentry poderia ter raptado todas aquelas mulheres? Ele parecia doce, quase infeliz, como se estivesse envolvido em algo que não podia controlar.

- Avery, você está bem? Fale comigo, - Connelly insistiu.

- Ele está lá dentro - ela disse. – Gentry Villasco. Morto. Suicídio. Disse algo sobre ‘fazer pela família’. Thompson está buscando papeis que possam nos levar até a minivan ou outra casa.

- Ele é nosso assassino? Avery?

Todo mundo merece existir.

- Tenho que fazer uma ligação - ela disse.

Avery caminhou até a rua e discou o número de Tim McGonagle. O telefone dele caiu na caixa postal. Ela deixou uma mensagem.

- Senhor McGonagle, aqui é Avery Black. Preciso saber se Gentry Villasco tem algum familiar trabalhando com ele no escritório, um primo, sobrinho, qualquer coisa. Isso é muito importante. Por favor me retorne assim que puder.

A lista que ela havia conseguido antes, de todas as pessoas que trabalhavam com Villasco, estava aberta. Um círculo rodeava o nome de Edwin Pesh.

Você não pode simplesmente sair da cena do crime, ela disse a si mesma. É a sua cena do crime. Connelly nunca vai te perdoar. O'Malley nunca vai te perdoar. Você tem que continuar. Tome depoimentos, complete as buscas na casa.

Paciência nunca fora a maior qualidade de Avery. Ainda que, por fora, seu comportamento calmo e sarcástico tivesse, durante muitos anos, dado a muitas pessoas uma falsa sensação de segurança, por dentro ela era de fato uma máquina, que se recusava a parar.

Se Villasco é o seu assassino, ele está morto agora, ela ponderou. Não há nada mais que você pode fazer. A casa está sendo vigiada e examinada.

Você não pode sair daqui! Gritou mentalmente.

Avery voltou para a casa. Thompson e Connelly não estavam lá. Alguns policiais de Somerville conversavam entre si. Crianças começaram a aparecer na rua, assim como os pais das casas vizinhas.

Vá, ela pensou e foi direto para o carro.

Ninguém a parou.

O endereço de Edwin Pesh em Watertown ficava a trinta minutos da casa de Villasco em Somerville. *Uma viagem pequena, ela disse a si mesma. Se você não encontrar nada anormal, você volta. Diga que foi tomar um café ou estava passando mal.*

Avery não se apressou. Parou em todos os sinais e não ultrapassou os limites de velocidade. *Não preciso correr, pensou.*

Na metade do caminho, ela lembrou de Rose, angustiada pelo almoço e com um humor péssimo durante todo o fim de semana.

Você tem que acertar as coisas com ela. Não importa o que aconteça, ela é sua filha, e não mais aquela coisinha que só chora e faz cocô e xixi. Ela é uma mulher agora, uma pessoa de verdade, e precisa de uma mãe.

Avery discou o número de Rose.

A mensagem eletrônica atendeu.

- Ok, eu sou uma idiota - Avery disse. - Rose, aqui é sua mãe. Deus, eu nem mereço ser chamada assim, mereço? Eu sei que não estive ao seu lado. Provavelmente eu nunca estive aí quando você precisou. Fui uma mãe terrível. É verdade, eu sei. Mas eu era jovem, estúpida, e ter um filho é algo difícil. Isso não é uma desculpa - ela imediatamente se corrigiu. - A culpa é toda minha. O Jack foi ótimo, de verdade, especialmente com você. Por favor, me dê outra chance Rose. Eu odeio o que está acontecendo com a gente. Mais uma chance, por favor. Prometo me redimir pelo passado. Você pode até não me aceitar mais como mãe, mas eu queria pelo menos tentar.

A caixa de mensagem a interrompeu.

- Merda - Avery sussurrou.

Estava prestes a ligar novamente quando entrou em Watertown. A área não era tão familiar para ela quanto Cambridge ou Boston. Em um semáforo, colocou o endereço de Edwin Pesh no GPS e viu uma luz vermelha na tela.

O lugar ficava a cinco minutos dali.

Dois.

A casa de Edwin Pesh estava em estado deplorável. Havia falhas na pintura cinza e no painel de madeira e apenas uma trava azul na única fechadura, e o teto estava cheio de galhos e folhas. Diferente das outras casas da quadra, árvores faziam sombra em toda a propriedade. O gramado não era cortado há meses, e nenhuma flor estava murcha ou morta.

Havia uma minivan estacionada no terreno.

Isso, ela pensou. É essa a casa.

Tudo voltou à sua mente: as conversas com Randall, as rotas do carro do Lederman e de Cambridge, o rapto de Cindy Jenkins, e o assassino, se curvando para a câmera e entrando no carro para sair dirigindo.

Ela manteve o carro em baixa velocidade e seguiu pela rua. Na esquina, ela virou e estacionou. Um pente extra estava guardado em seu bolso de trás. Uma lanterna portátil e potente estava presa a seu cinto. Ela deixou o walkie-talkie no banco do carro.

Não vá sozinha, ela pensou. Chame ajuda.

E se ele tiver outra vítima? Agora, você tem o elemento da surpresa. Não crie uma cena. Vá sozinha. Em silêncio. Rápido.

Você precisa de ajuda! Avery não conseguia se decidir.

Por um momento, ela pensou em ligar para Connelly, Thompson ou até Finley. *Não, não eles. Você não confia em Connelly Thompson e Finley é imprevisível.*

Uma voz entrou em sua mente, uma das oradoras na formatura da academia de polícia, uma mulher que dissera “Todo mundo precisa de ajuda. Você não está sozinha enquanto agente. Você é parte de um time. Confie neles.”

Durante anos, ela havia estado sozinha. Ninguém era seu amigo depois que seu mundo entrou em colapso. Em seus primeiros anos na polícia, quase todos haviam sido inimigos. Estranhamente, uma pessoa veio em sua memória: Ramirez. Desde o começo, ele havia sido sincero e bacana com ela, um verdadeiro parceiro, em todos os sentidos. *Ele está machucado, fora do trabalho,* pensou.

E discou o número dele.

Ramirez atendeu na primeira chamada.

- Por onde anda, Black? – Ele disse. – Ouvi que O’Malley te tirou do caso. Que merda aconteceu?

- Cadê você? – Ela disse.
- Em casa. Me deram alta do hospital. Não posso fazer nenhum esforço por um tempo, mas estou entediado pra cacete. Por favor, diga que você está por aqui.
- Eu encontrei o assassino - ela disse. - O nome dele é Edwin Pesh. Mora em Watertown. Estou aqui do lado de fora da casa dele.
- Uou!
- Quanto tempo você leva até aqui?
- Você chamou reforço?
- Eu chamei *você*.
- Tudo bem - ele sussurrou e pensou. – Tudo bem.
- Anote o endereço - ela disse e lhe passou os detalhes.
- Chego em vinte minutos, talvez antes se eu furar os sinais. Não entre sem mim, entendido?

Ela desligou.

Como se fosse só mais um andarilho em uma tarde amena de domingo, Avery bateu a porta do carro e caminhou pela rua.

Seu coração batia rápido.

Já na casa, ela se agachou e apressou o passo.

Ela colocou uma mão na traseira da minivan e olhou para o lado da casa. Não havia luzes acesas. O interior mal podia ser visto pelas janelas do primeiro e segundo andar. As janelas do porão eram pintadas de preto.

Seus dedos passaram pela placa do carro e na mesma hora ela sentiu uma substância pegajosa nas bordas. *Minivan*, pensou. “*Documento falso, placa colada. Família*. Villasco havia falado sobre isso. A casa escura estava a sua frente. Em uma das janelas, ela viu um gato cinza.

Causa provável.

Avery puxou sua arma.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Edwin Pesh estava tendo um final de semana atormentado. O Espírito Maior não o deixara sozinho. Ele não havia dormido nada no sábado à noite; a voz em sua mente continuava pedindo por *mais e mais*, e as muitas responsabilidades com as quais ele ainda teria que lidar sozinho começaram a atormentá-lo.

Destruido e cansado, ele sentou em um dos quartos do segundo andar, rodeado por gatos. Gatos de todas as formas e raças tentavam sentar em seu colo. Havia pelo menos dez somente naquele quarto. Alguns olhavam pela janela. Outros dormiam nos cantos ou na cama de solteiro, ou comiam nos muitos pratos disponíveis no chão de madeira.

Wanda Voles... o nome de Wanda Voles era repetidamente mencionado pelo Espírito Maior, tanto que Edwin sabia o que tinha que fazer. *Mexa-se*, pensou. *Cuide dos gatos, passeie com os cachorros, e depois volte para a Bentley e pegue Wanda Voles.*

Não! Sua mente gritava.

Sim! Ele respondia.

Um latido veio do andar de baixo, seguido de vários outros.

Instantaneamente alerta, Edwin levantou e olhou pelas janelas.

O terraço estava vazio.

Ao lado da casa, alguém estava agachado atrás da minivan.

A polícia, ele pensou.

O medo inicial saiu de seu pensamento e Edwin se preparou para se tornar o hospedeiro do Espírito Maior, um ser vivo habitado por um deus.

Com os olhos fechados, ele respirou fundo, levantou os braços e pressionou as mãos juntas acima de sua cabeça. Um simples agachamento, repetido três vezes, e ele voltou a abrir os olhos, iluminado por uma chama interior.

Em sua mente, ele imaginava o Espírito Maior tomando controle sobre ele; o ser celestial estava dentro de seu corpo, formando seus gestos e direcionando seu pensamentos e ações.

Eu lhe aceito com todo o coração, ele jurou.

Nenhum exercício tradicional fora requisitado para Edwin. Ao invés disso, ele geralmente fazia séries de exercícios providas pelo Espírito Maior para prepará-lo em caso de um ataque exterior.

Após anos praticando em casa, e agora com o Espírito Maior dentro de si, Edwin estava certo de que poderia enfrentar qualquer inimigo.

Eles ameaçam nossa causa, o Espírito Maior sussurrou na mente de Edwin. *Nós não podemos deixá-los atrapalhar nossos planos. Vá, meu aprendiz. Vá... e cace!*

Cachorros latiam de dentro da casa. Deveria haver dois ou três. Um era um pitbull grande que seguia aparecendo na janela do primeiro andar.

Merda, ela pensou. Se mexa.

Agachada, Avery correu para o terraço.

Os cachorros a seguiram e continuaram latindo.

A porta do porão era azul. Ela tentou abri-la. Trancada. Havia uma varanda e uma porta nos fundos. Ela se levantou e olhou para dentro. Na mesma hora, o rosto do pitbull apareceu novamente. O latido se tornou feroz. Havia outros dois cachorros, ambos pequenos: um pug e outro que parecia ser um poodle. Ela também viu muitos gatos.

A porta dos fundos estava trancada.

Ela martelou sua arma em uma das placas de vidro perto da fechadura.

O vidro se quebrou. O focinho do pitbull apareceu no buraco. Avery levantou-se e seguiu os movimentos dos três cachorros. Quando o caminho se abriu, ela alcançou e destravou a porta.

Ela voltou a se agachar. Com as costas protegidas pela porta de madeira, Avery colocou uma das mãos na maçaneta. A arma estava na outra mão. Ela prestou atenção nos barulhos: o pitbull latiu e pulou, ficou no chão por um momento, depois repetiu o processo.

Quando o pitbull estava prestes a pular, Avery abriu a porta.

O cão saiu correndo. Um leve toque com os pés e o pitbull caiu pelos degraus. Os dois outros cachorros apareceram e se apressaram para que pudessem alcançar Avery. Ela simplesmente segurou a maçaneta, entrou na casa e fechou a porta.

Os latidos continuaram, mas já não a incomodavam.

Avery havia entrado.

Um gato avançou em sua perna.

A cozinha estava ao lado dela. Em sua esquerda havia uma pequena área de jantar, e logo em frente uma sala com mais dois gatos. Algumas plantas descansavam na soleira da janela. Pareciam ser as espécies mais fáceis de se cultivar: cactos e jiboias.

Segurando a arma abaixada, Avery caminhou pela casa.

Alerta, ela pensou. Ele sabe que eu estou aqui.

- Edwin Pesh! – Gritou. – É a polícia. Deixe suas mãos visíveis e apareça. Há mais dois policiais lá fora - ela mentiu. – Reforços estão a caminho. Em poucos minutos a quadra inteira vai estar cheia de tiras. *Edwin Pesh!*

Em um dos cantos estava a escada para o segundo andar. Havia mais gatos nos degraus.

Avery seguiu pela escada de carpete, com a arma apontada para frente e para cima, onde ela poderia ver um corrimão. Os gatos continuavam no caminho. Ela gentilmente os colocou de lado.

O segundo andar estava vazio, mas com mais gatos. Não havia imagens na parede, nem fotos de nenhum tipo. Apenas dois quartos completamente cheio de gatos. Os closets estavam abertos. Ela olhou embaixo das camas e nos cantos. Edwin Pesh não estava em lugar nenhum.

A porta do porão ficava na cozinha.

Atrás da porta havia um telefone.

Avery o pegou e chamou a emergência.

- Serviço de emergência - uma mulher atendeu. – Como posso ajudar?

- Meu nome é Avery Black. Sou do Boston A1 - ela respondeu e passou o número de seu distintivo. – Estou na casa de um possível assassino em série e preciso de reforço.

- Obrigado pela ligação, Detetive Black. Você poderia...

Avery deixou o telefone pendurado.

O porão estava escuro. Uma luz acesa à sua direita iluminava outra porta ao fim dos degraus. Ela desceu. As paredes eram de madeira lisa.

No fim da escada, ela abriu a segunda porta.

Outro corredor era perpendicular à escada. Outras lâmpadas estavam penduradas no teto de madeira e iluminavam o espaço. Ela virou à esquerda e foi obrigada a virar mais uma vez para entrar em uma passagem muito maior.

Cada centímetro quadrado das paredes na passagem maior estava preenchido com imagens, centenas de imagens. Elas pareciam estar alinhadas horizontalmente. Se ela seguisse todas, até o fim, pela direita, haveria uma história. Havia um gato preto em uma moldura, sentado em uma janela. No próximo quadro, o gato parecia estar morto no chão. No seguinte, parcialmente aberto, mostrando seu interior. Cada uma das próximas imagens mostrava o gato em algum estágio de taxidermia.

Havia portas nos dois lados das paredes.

Que labirinto, ela pensou.

- Edwin Pesh! – Gritou. – É a polícia! Apareça! Coloque as mãos em um lugar visível e apareça na sala.

Ela tentou ouvir uma resposta.

Nada. Apenas cachorros latindo ao longe e o barulho de um gato alaranjado que a havia seguido até o porão.

A primeira porta à sua esquerda estava aberta. A escuridão tomava conta do cômodo. Avery ligou sua lanterna e a alinhou com a mira da arma. Ela entrou. Jarras de vidro lotavam a parede dos fundos, filas e filas de jarras com substâncias multicoloridas. Havia uma mesa médica prateada à sua esquerda, junto com

equipamentos médicos e fluidos e ferramentas de embalsamento.

Cacete!

Um gato arranhou sua perna.

Assustada pelo contato, Avery apontou a arma e quase disparou.

- Porra! – Ela sussurrou.

Por um momento, fechou os olhos.

O assoalho começou a ranger atrás dela. No segundo que Avery levou para perceber e agir, ela sentiu uma picada na nuca e escutou alguém correr pela sala.

Merda!!

Black começou a se sentir cada vez mais tonta.

Não, não assim, ela lutou. Você não pode acabar assim.

Estimulada pelo pensamento que acabara de ter, antes de uma estranha mistura fazer efeito, Avery tentou dar um grito, quase imperceptível, e caiu pela sala. Ela bateu na parede antes de chegar ao chão. Algumas imagens caíram e quebraram no piso. Todas as portas que ela via estavam abertas. A lanterna foi de um lado a outro do cômodo.

Sem enxergar nada, ela atirou.

Imagens apareceram em sua mente borrada: uma sala que mais parecia uma cela, com grades e chão de palha; outra sala cheia de gatos e cachorros.

Quando alcançou a última porta, Avery caiu de joelhos.

A lanterna caiu de sua mão.

Ela puxou a maçaneta e empurrou a porta.

Edwin Pesh podia ser visto na outra extremidade da luz da lanterna.

Avery caiu de peito. Ela segurou a arma em sua frente e se preparou para atirar. De repente, leve como uma pena, Edwin começou a se mover de um lado a outra da sala, repetidas vezes, rápido como um gato, fazendo com que ela não conseguisse mirá-lo.

Confusa. A mente de Avery estava confusa e se apagando. A arma estava pesada, muito pesada para segurar. Ela a deixou cair no chão. Seu rosto tocou o chão gelado, mas ela continuou olhando para Edwin Pesh.

Edwin se agachou, com os olhos amarelos iluminados pela luz da lanterna.

Avery podia sentir sua consciência indo embora.

Edwin levantou com toda sua força e caminhou em direção a ela.

- Shhhh - ele sussurrou.

Não assim, Avery pensou.

Com muito esforço, e equilibrando o pulso no chão, Avery levantou a arma em direção à cintura de Edwin e atirou três vezes. *Crack! Crack! Crack!*

A arma caiu de sua mão.

Os pés de Edwin estavam a sua frente. Ela viu as pernas dele dobrarem. De

repente, ele caiu para o lado.

Edwin estava caído ali, em colapso, a seu lado. O rosto dele estava a centímetros dela. Os dois estavam deitados lado a lado, ambos paralisados, ambos morrendo, com os olhos fixos um no outro.

Os olhos dele a miravam. No labirinto mental causado por qualquer que fosse a droga que envenenara seu corpo, os olhos de Pesh pareciam extremamente grandes, abertos e cheios de escuridão. Ela pode vê-lo sorrir.

- Mais - ele sussurrou. – *Mais*.

Depois disso, ele não voltou a se mover. Seus lábios continuavam sorrindo, seus olhos, totalmente abertos, olhando dentro da alma dela.

Em sua mente, Avery escutou. *Mais. MAIS!*

Uma voz masculina soou pelo cômodo.

- *Avery?*

Uma mão tocou seu pescoço, checando o batimento. Alguém praguejou e depois disse em uma voz quase irreconhecível:

- Fale comigo, Black. Você consegue me ouvir? Tente ficar viva. A ajuda está a caminho.

Mas ela se sentia cada vez mais fraca.

A voz soou novamente, dessa vez em pânico.

- Porra, Black! Não morra agora!

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Avery acordou em uma cama de hospital, com uma tosse muito seca e dolorida. Tudo doía em seu corpo, como se ela tivera todo seu sangue retirado e substituído por algum tóxico pesado. Havia uma bolsa de soro ligada a seu braço. O monitor de batimentos apitava em algum lugar fora de seu campo de visão.

O quarto estava cheio de balões e flores.

Em uma cadeira a seu lado, caindo de sono, estava Ramirez. Ele estava relaxado e perfeitamente arrumado, como no dia em que eles se conheceram. Usava um terno azul brilhante; a camisa branca destacava sua cor morena e seus cabelos negros, penteados para trás.

Uma enfermeira entrou no quarto.

- Você está acordada - ela notou, surpresa.

Avery abriu a boca.

- Não tente fala ainda - a enfermeira disse. – Vou ligar para o médico. Você deve estar com fome. Deixe-me ver o que eu posso trazer.

Ramirez acordou e bocejou.

- Black - ele sorriu. – Bem-vinda de volta ao mundo dos vivos.

Avery sussurrou uma pergunta muito dolorosa.

- Como?

- Três dias - ele disse. – Você esteve desacordada três dias. Cara, que loucura. Tenho que te contar. Você está no Hospital Geral de Watertown. Você está bem? Quer descansar mais? Ou quer que eu fale?

Avery nunca havia se sentido tão vulnerável na vida. Ela estava deitada em uma cama de hospital, praticamente sem poder se mexer, e além disso quase não conseguia falar.

Ela assentiu e fechou os olhos.

- Fale.

- Bem, você é *louca*, Avery Black. Pelo menos *alguém* te deu a boa ideia de me ligar e ligar para a emergência quando você estava na casa. Agora, se você tivesse esperado, talvez você não estaria aqui hoje. Mas vamos deixar isso para outra hora.

- Você pegou ele - Ramirez disse.

Ela conseguiu sorrir.

- Três tiros, todos certos. Um na cintura, um no coração e o último na cabeça. Está morto. Sem mais garotas para ele. Você tem sorte de estar viva - ele sussurrou. – Você sabia? Ele te acertou com algo muito forte. Paralisa o corpo por quase seis horas e lentamente te destrói até a morte. Os médicos nunca viram nada parecido, mas eles conseguiram criar um antídoto a partir da seringa que ele usou. Mesmo assim, o negócio ficou no seu corpo um tempo.

Ela olhou para as flores e os balões.

- Você teve muitas visitas - ele disse. – O capitão veio, Connelly também. Até Finley. Não foi tão difícil pra eles, na verdade. Todos eles me seguiram até a casa.

Ela o olhou.

Ele sorriu.

- Você pode ser louca - ele disse, - mas eu não. Eu liguei para o Connelly assim que você desligou o telefone. *Eu* precisava de reforço.

Avery olhou para ele, curiosa. Seus olhos castanho-escuros, geralmente brincalhões e curiosos, a olhavam com entusiasmo e cuidado, como se pudessem oferecer mais.

- E você? – Ela perguntou.

O rosto de Ramirez ficou vermelho.

- Bem - ele murmurou e tentou encontrar as palavras certas. – Eu estou aqui faz um tempo, é verdade. Só queria ter certeza que minha parceira estava bem. Além disso, eu ainda tenho que descansar pelo machucado, certo? Então, pensei: por que não fazer isso aqui? Eu me sinto um pouco sozinho no apartamento, sabe? Enfim, estou feliz por você estar bem - ele disse, envergonhado quando os dois se olharam. – Vou te deixar sozinha. O médico diz que você ainda precisa descansar.

- Não - ela sussurrou.

Suavemente, ela pegou na mão dele.

Ramirez entrelaçou seus dedos nos dela e os segurou com força.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Quando a notícia de que Avery estava viva e bem se espalhou, a lista de visitantes cresceu. Finley veio à tarde, junto com o Capitão O'Malley e Connelly, que ficou na porta com a cabeça baixa.

- Maluco. - O'Malley disse. – Tinha um jardim inteiro no porão, no lado oposto ao quarto 'médico'. O cara criava todo tipo de planta alucinógena que você pode imaginar. Tinha alguns papéis com contatos por lá também, vamos começar a ir atrás disso imediatamente. Excelente trabalho, Avery.

- Descobrimos tudo sobre os corpos, também - Connelly entrou na conversa. – Ele devia amar As Três Graças, da mitologia grega. Eram seguidoras da deusa Vênus: três jovens que adoravam a beleza. Achamos que por isso ele as deixava daquele jeito depois de matar. Tinha um monte de desenhos pela casa.

Finley continuou mexendo nos presentes colocados na soleira da janela.

- Cacete - ele disse, - o prefeito te mandou flores? Nunca ganhei nada do prefeito. Aposto que se você tivesse ligado para *mim* pedindo ajuda, o prefeito teria *me* mandado flores também. Ramirez o cacete! Eu era seu parceiro. *Eu!*

O'Malley virou seu rosto para Avery.

- Nós vamos falar sobre sua falta de protocolo quando você estiver pronta. Por enquanto, descanse e melhore.

* * *

Randy Johnson visitou Avery mais tarde, naquela noite. A pequena e corajosa analista de perícia tinha um dreadlock no cabelo. Ela vestia um vestido vermelho de bolinhas e trouxe flores e um jornal. Avery tinha acabado de jantar e estava muito cansada.

- Ei, menina! – Randy disse. – Fiquei sabendo que você acordou.

Avery tentou sorrir

- Não tente falar. Não tente falar - Randy insistiu. – Eu sei que você teve um dia cheio. Só vim para ter certeza que minha garota estava viva e bem - ela abriu bem os olhos, - *e para fofocar!*

Ela sentou ao lado de Avery.

- Primeiro, eu acho que Dylan Connelly *realmente* sente algo por você. Sem brincadeira. Ele veio algumas vezes para saber do caso e duas vezes perguntou por você. Na primeira vez foi tipo 'Ei, você já foi visitar a Black?' Totalmente casual e tal. A segunda foi hoje. Ele falou 'Como está a Black?' Esse cara *nunca* tinha falado comigo algo que não fosse sobre o caso. Sério. Ele pode ser um brinquedinho se você quiser.

Avery fez uma expressão de desaprovação.

- Sim, ele não é para você - Randy disse, - mas Ramirez? Ele sim! Pegue esse cara, menina. Ele salvou sua vida!

Ela sorriu, mas logo voltou a ficar séria.

- Podemos falar desse assassino? Ou é muito cedo?

Avery fez um sinal de positivo.

- Trinta e seis gatos - Randy disse, sem acreditar. – Trinta e seis! Quem tem trinta e seis gatos? E três cachorros! E você quer saber o que é mais louco ainda? Todos eram fêmeas. Nenhum macho entre elas. E todas aquelas fotos na parede do porão? Não sei se você lembra, mas ele tinha fotos nojentas de todos esses gatos e cachorros que ele matou, e cada foto mostrava um estágio diferente do processo para empalhar os bichos, sabia? Todas fêmeas. Esse maluco tinha um clube próprio de menininhas. O Connelly disse que isso tem a ver com a mitologia romana, Afrodite e tal, mas eu acho que o cara só era maluco mesmo.

Um som saiu dos lábios de Avery.

Ela limpou a garganta e se esforçou para falar uma única palavra.

- Família?

- Se ele tinha parentes? – Randy perguntou para confirma. – É isso o que você quer saber? Sim! Aquele cara que se matou era tio dele. Pensei que você soubesse. Está tudo aqui no jornal - ela disse. – Tio contratou o assassino há aproximadamente um ano. O assassino conheceu todas as garotas através do trabalho. Encontrou todas elas quando vieram até o escritório.

Ela colocou o jornal no peito de Avery.

A manchete dizia “Assassino de universitárias capturado”, com uma foto de um dos crimes. Uma retranca menor dizia “Advogada desacreditada que se tornou policial está em estado crítico”, com um artigo sobre como ela havia deixado a cena de um crime viável para encontrar o *real* assassino.

- Você é uma heroína! – Randy comemorou.

Era difícil para Avery pensar em si mesma como uma heroína ou algo do tipo. Sua mente estava muito confusa para focar em algo por muito tempo, e seu corpo seguia paralisado, com dificuldade para se movimentar.

Heroína. Não era o que ela queria. Nunca foi o que ela queria. Ela só queria fazer a coisa certa, acabar com esse tipo de cara pra sempre.

Para se redimir, ela se deu conta. Para se redimir de algo que na verdade ela nunca conseguiria.

Ela sentiu os olhos pesados, e com tanto sono, era difícil para ela acreditar que poderia um dia voltar a caminhar.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Na manhã de quinta, surpreendentemente, Avery acordou alerta e bem melhor fisicamente. Ela conseguia mover os braços com facilidade, sentar-se sozinha e pensar com clareza. Uma conversa rápida com a enfermeira da manhã confirmou que os músculos de sua garganta já estavam mais fortes.

Era difícil lembrar do que aconteceu na casa. Ela conseguia ver os cachorros, todos os gatos, e as paredes estranhas do porão, feitas de madeira e com quadros por todos os lados. Havia inclusive uma imagem assustadora de Edwin Pesh com seus dois olhos brilhando, pulando de um lado a outro do quarto. Como ela tinha conseguido sobreviver? Ela só lembrava do sussurro e do rosto de Ramirez.

A porta se abriu, e Avery olhou assustada. Seu coração disparou de repente: Rose entrou no quarto.

- Mãe! – Ela chorou e abraçou Black com força. – Eu estava tão preocupada!

Avery fechou os olhos e abraçou sua filha com a mesma força. Lágrimas caíram em seu rosto, enquanto o abraço apertado aqueceu seu coração.

Avery lembrou-se daquele almoço triste e da mensagem que havia deixado para Rose antes de estupidamente entrar sozinha na casa do assassino.

Ela voltou, pensou. Minha Rose voltou para mim.

Momentos depois, Rose a soltou e disse:

- Eu liguei para todo mundo. Não tinha ideia de onde você estava. Ninguém me dizia nada. *Finalmente*, o seu capitão me ligou e me disse que você estava aqui e acordada. Eu vim assim que pude.

Avery sorriu, quase sem poder falar em meio as lágrimas.

- Mãe, eu estava mal pela maneira em que nós deixamos as coisas. Desculpe. A semana inteira, tudo que eu pensava era: se minha mãe morrer, eu vou ter que conviver com o que eu fiz pelo resto da vida. Desculpe. Eu só...

Lágrimas caíam pelo rosto de Avery.

- A culpa é *minha* - ela disse. – Não se culpe, Rose. *Eu* sou a culpada. Eu sou sua mãe, e eu prometo fazer a coisa certa.

As duas choraram e se deram as mãos. Avery sentiu todo o peso que havia estado em suas costas todos aqueles anos ir embora aos poucos. Isso, ela percebeu, era o que realmente estava a reconstruindo. Mais do que pegar qualquer assassino.

Elas conversaram muito, como nos velhos tempos, e não soltaram as mãos por horas. Finalmente, Avery sentiu, era hora de voltar a viver.

* * *

Ramirez voltou a aparecer perto do almoço. Ele parecia mais relaxado, em uma

calça jeans e camiseta rosa de botão, com tênis brancos.

- Ei, Avery - ele disse como se morasse ali. – Eu trouxe almoço - e levantou uma cesta de piquenique. – Espero que eu não esteja sendo muito chato, mas minha mãe sempre disse que o caminho para o coração de uma mulher é através do estômago.

- Você está tentando chegar no meu coração? – Avery perguntou.

- Você sabe - ele disse sem a olhar nos olhos. - Você salvou minha vida. Você é minha parceira. Eu salvei *sua* vida.

Ele a olhou.

Os olhos castanhos buscaram os sentimentos mais íntimos dela.

- Se você não quiser que eu fique - ele acrescentou e abriu a cesta cheia de frango frito, cerejas e refrigerante, - acho que eu poderia simplesmente ir para casa.

Avery sorriu.

Durante os tempos difíceis em sua vida, ela havia sempre procurado a companhia de homens como Ramirez. Não, ela se deu conta. Não *exatamente* como ele. Os outros caras estavam sempre se esquivando, jogadores, mais interessados em um caso de uma noite do que em uma relação de verdade. *Mas Ramirez, ela pensou, Ele é querido. E fofo. E parece mesmo se importar.*

Ele é seu parceiro! Sua mente respondeu.

E daí? Black pensou. *Essa é a nova Avery, e a nova Avery pode fazer o que quiser.*

- Fique - ela disse com um sorriso malicioso. – Eu *amo* almoçar.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Avery recebeu alta na sexta-feira.

Ramirez a buscou e a levou até seu carro, que estava estacionado a meia quadra da casa do assassino. Quando passaram em frente ao local, Avery olhou profundamente.

- Você está bem? – Ramirez disse. – Não te assusta isso?

- Estou bem - ela respondeu.

Ela não se sentia bem, e sim mais do que bem.

Tudo na vida dela parecia diferente agora, para melhor. Ela tinha planos de voltar a ver Rose logo. Ramirez havia feito companhia todos os dias no hospital. Os cartões que ela recebeu no quarto do hospital haviam ajudado também. Muitas pessoas haviam enviado desejos de melhoras, fazendo com que ela percebesse que, mesmo quando havia se sentido sozinha nos últimos três anos, ela não havia estado de fato sozinha.

Avery saiu do carro e sorriu para Ramirez.

- Bem - ela disse, - eu fico por aqui. Obrigada por tudo.

- Você vai voltar para o escritório?

- Sim.

- Você quer que eu vá junto?

- Não, está tudo bem. Aproveite seu descanso. Tenho certeza que vou ter que te colocar em outra situação de vida ou morte logo, logo.

Ramirez deu um sorriso vitorioso.

- Espero que sim.

O caminho até o escritório foi extremamente emocionante para Avery. Excitação e medo se misturaram em seus pensamentos. Mesmo tendo resolvido o caso, ela havia passado dos limites algumas vezes: ignorando ordem diretas do comandante e deixando a cena de um crime para ir atrás de seu instinto sobre Edwin Pesh.

Vai ficar tudo bem, pensou. Você pegou ele.

Na garagem da polícia, agentes a olharam, levantando os dedos e os punhos quando ela passou.

- Mandou bem, Black! - Alguém gritou.

O elevador para o segundo andar ficava logo após a garagem, dentro do piso térreo do A1. Quando Avery apareceu, metade dos agentes bateram palmas. Alguns a ignoraram e seguiram trabalhando, outros fizeram caras neutras, como se fossem forçados a concordar com seus companheiros mais animados. Para a maioria deles, no entanto, Avery deveria ser celebrada.

Ela levantou a mão humildemente, abaixando o olhar.

- Obrigada.

No segundo andar, a recepção foi ainda mais forte. Por pelo menos um minuto, todos no Esquadrão de Homicídios pararam para pode aplaudir.

- Assassinos que se cuidem! – Alguém gritou.

- Você pegou ele, Black!

- É bom ter você de volta!

Finley foi em sua direção. Relutante para encostar ou dar a Black uma congratulação muito física em frente aos outros, ele deu um leve tapa nas costas dela e apontou para seu rosto.

- Aí está minha parceira - ele disse. – Vocês viram? Nós resolvemos crimes! Esses assassinos de merda não têm chance com Black e Finley juntos.

- Voltem para o trabalho - O'Malley ordenou da porta de sua sala. – Black, no meu escritório.

Connelly a olhou de sua mesa. Ele acenou brevemente, com uma cara feia, antes de voltar a trabalhar. Para Avery, parecia que ele estava apenas mexendo em qualquer papel apenas para parecer ocupado. Ela manteve o olhar nele. Depois de alguns segundos, como ela esperava, ele voltou a olhar. Irritado por ter sido flagrado, ele resmungou e saiu caminhando.

- Feche a porta - O'Malley disse. - Sente-se.

Avery fechou a porta e se sentou.

- É bom ter você de volta - ele disse desviando o olhar. – Como você está?

- Estou melhor. Obrigada.

- Como eu disse no hospital, temos algumas questões para resolver. Vamos começar por isso aqui.

Ele leu algo em um pedaço de papel.

- Por que você abandonou a cena do crime na casa do Villasco?

- Ele não era o assassino - ela respondeu.

- Como você sabia disso? – Ele perguntou e olhou, curioso. – O cara deu um tiro na própria cabeça. Trabalhava na Devante. Fim de caso.

Avery franziu a testa.

- Não parecia para mim. Ele disse algo sobre família. Não consigo lembrar exatamente, mas parecia que ele estava acobertando alguém. Não havia minivan na casa, nem um quarto para taxidermia. Ele parecia sozinho e com medo. Isso estava me incomodando. Eu não podia deixar passar, e na lista que o McGonagle me deu, eu tinha mais um nome para checar.

- Como Edwin Pesh se tornou suspeito?

- Ele morava em Watertown. Fazia sentido que o assassino morasse em Watertown ou Belmont, devido a direção que o carro dele tomou depois do Lederman Park e de Cambridge.

- Então você abandonou seu parceiro e a cena do crime por causa de um

pressentimento e foi para Watertown sozinha.

- Não era minha intenção.

- Espera aí, não agora. Primeiro responda a pergunta.

- Sim, foi isso.

- Por que você ligou para o Ramirez? Ele não está trabalhando. E a emergência?

- Assim que eu vi a minivan eu liguei para o Dan. Eu vi que precisava de ajuda.

A ligação para a emergência foi de dentro da casa. Eu estava assustada com os animais.

- Por que não ligou para Connelly ou Thompson? Ou até Finley. Todos eles eram da sua equipe.

Avery levantou o olhar.

- Sinceramente? Eu não sabia se podia confiar neles.

- Então você decidiu confiar em um cara que estava se recuperando de uma facada? Não foi uma boa, Avery. Deu certo. Ramirez foi esperto o suficiente para chamar reforço, mas eu esperava mais de alguém que eu acabei de promover a detetive líder. Eles são seus colegas de equipe agora e você tem que aprender a trabalhar em equipe.

Quando Avery era advogada, era cada um por si. Mesmo quando ela era designada para trabalhar com outros advogados em um grupo de pesquisa, cada um tentava fazer melhor que o outro para se sair bem com o chefe. Aquela havia sido uma experiência letal, sem alma, e Black havia carregado consigo essa experiência para o A1.

- Eu posso melhorar - ela disse.

- Bom, ninguém te recebeu muito bem desde que você começou aqui em cima, eu sei. E até você dar conta sozinha dos West Side Killers, você era totalmente *persona non grata* no andar de baixo também, sabia? As coisas mudaram agora, Avery. Você acabou de resolver um caso público enorme.

- Vou voltar para o Esquadrão? – Ela perguntou.

O'Malley levantou as sobrancelhas.

- '*Vou voltar para o Esquadrão?*' Sério? Você ignora minhas ordens para ficar fora do caso. Deixa a cena de um crime. Ignora seus parceiros e quase acaba morta. Você acha que *merece* voltar para o Esquadrão de Homicídios?

- Sim - ela disse com um olhar determinado. – Eu acho.

O'Malley sorriu.

- Como eu vou dizer não para uma heroína?

Ele sorriu ainda mais.

- Claro que você vai voltar! Agora saia daqui. Descanse o resto do dia. Volte na segunda e comece a semana do zero. E enquanto você aproveita a glória, pode me fazer um favor? – Ele a alcançou alguns pedaços de papel. – Ligue para o prefeito.

Esse é o número pessoal dele. E para Miles Standish também, o dono da Devante. Eu vi que os dois mandaram flores e cartões no hospital.

Ele se levantou e a cumprimentou, fazendo com que ela se sentisse realmente tocada.

- Excelente trabalho, Avery.

CAPÍTULO QUARENTA

No sábado pela manhã, Avery limpou seu apartamento.

Caixas de fotos foram vasculhadas, assim como artigos de jornais da época em que ela defendeu Howard Randall; roupas que ela usava quando advogava, tudo de sua vida passada, uma vida que já não a definia. Ela guardou fotos de Rose e algumas roupas que não tinham significado especial, mas jogou o resto todo no lixo.

As luzes estavam acesas, todas elas, algo que ela nunca havia feito antes. Quando viu as paredes coloridas, o tapete e a cozinha, ela pensou: *você comprou essa casa depois do caso Randall e antes de se tornar policial; ele ainda lembra você das desgraças daquele tempo. Assim como você, esse lugar tem que mudar.*

Era hora de vendê-la, ela se deu conta. De seguir em frente. Comprar uma nova casa na cidade, talvez mais perto de Rose, se ela aceitasse.

Avery foi até a sacada, olhou para céu e se deu conta de que ainda havia algo a ser feito, algo que colocaria um ponto final no passado.

Ela pegou as chaves do carro e saiu.

O caminho até a prisão de South Bay era fácil agora. Ela havia feito aquela viagem muitas vezes. Black ligou para marcar um horário para ver Howard Randall.

- Você não pode marcar horários para o mesmo dia - a mulher respondeu.

- Estou fazendo um grande esforço - Avery respondeu. – Eu *estou marcando* um horário.

- Desculpe, mas nós...

Avery desligou.

Na prisão, os guardas rapidamente lhe deram parabéns por encontrar e deter o que havia ficado conhecido como o Assassino das Universitárias. Mais uma vez, a agente fardada em verde estava irritada com o fato de Avery não ter marcado horário, mas reconheceu Black de fotos antigas e, agora, dos jornais.

- Você pegou aquele assassino, certo?

- Sim - Avery respondeu orgulhosa. – Eu peguei.

- Ok, você não precisa de horário marcado hoje então. Bom trabalho.

Howard Randall estava sorrindo quando Avery entrou na sala de reuniões no porão. Suas mãos estavam algemadas, em cima da mesa.

- Parabéns - ele disse.

- Obrigada - Avery respondeu.

Ele parecia mais velho do que ela lembrava, e não tão poderoso. O poder que ele tinha sobre a vida dela agora, surpreendentemente, já não existia.

Ela sentou-se.

- Eu queria dizer algo - falou. – Eu nunca disse para ninguém, mas eu sabia. – Os olhos azuis olharam profundamente para ele. – Eu sabia que você era culpado

quando eu peguei seu caso. Não completamente. Digo, você foi um bom ator, mas eu tinha um sentimento de que tudo iria desmoronar por sua causa.

Randall inclinou-se para frente.

Lágrimas sinceras surgiram em seus olhos.

- *Eu sei* - ele sussurrou.

- Como você poderia saber?

- Eu fui pego - Randall disse. – Não tinha como negar as conexões: os dois eram alunos. Nós almoçamos e jantamos juntos várias vezes. Os assassinatos aconteceram no campus. No entanto, - ele disse com um sorriso malicioso, - eu sabia que poderia provar minha inocência para um júri, um detector de mentiras, um advogado, qualquer um, porque sabe, Avery, eu não *acredito* nos conceitos de certo ou errado. A morte daqueles dois alunos era a coisa *certa* na minha mente. Eu iria ajudar eles, ajudar o mundo. Então, eu era inocente de qualquer infração, qualquer crime. Eu estava preparado para ser inocentado e continuar meu trabalho, só que de uma maneira mais inteligente. Isso até conhecer *você*.

Ele deixou escapar um suspiro.

- O que eu vi? – Ele disse. – Uma linda mulher, perdida, desesperada, precisando de salvação. Você *acreditava* que estava fazendo a coisa certa. Você *acreditava* que o que estava fazendo era bom, e essa crença, essa *falsa* crença, estava te destruindo. Você não enxergava, mas eu sim. O único jeito que eu tinha... era te mostrar. Destruir a mentira e forçar você a encarar os escombros da sua vida.

- Por que? – Avery sussurrou. – Por que eu?

- Não é óbvio? – Howard disse. – Eu te amo, Avery.

A declaração foi muito forte para Avery. Ela virou o rosto e abaixou a cabeça.

Amor? Ele te destruiu! Será? Ela pensou. *Ou será que ele te libertou daquele caminho? Não. Ele é um assassino, manipulador. Não há bondade em alguém assim.* Além do mais, ela estava mais feliz do que nunca agora. A escuridão que o acompanhara nos primeiros anos de policial havia desaparecido. Sua vida como advogada agora podia ser entendida: uma tentativa desesperada de escapar de sua vida antiga e ser alguém que ela, na verdade, nunca queria ter sido.

Avery levantou-se para sair.

- Não vá - Howard implorou. – *Por favor*. Ainda não.

- O que mais você quer?

- Você nunca terminou sua história - Howard sussurrou, com um sorriso tímido e lágrimas nos olhos.

- Meu pai? – Ela perguntou. Você quer saber o que aconteceu?

Em silêncio, ele a olhou.

Avery se virou. Aquela parte da história nunca havia sido contada para ninguém, nem Jack, nem Rose nem os repórteres que tinham a entrevistado. Ela lembrou das

pernas de sua mãe na grama, do sangue no vestido, e de seu pai, em pé com a arma na mão.

Ela respirou fundo, fechou os olhos e se preparou para encarar seus demônios mais profundas. Ela não tinha certeza se estava pronta.

- Eu escutei eles gritando - ela começou, com a voz trêmula.

Depois, parou por quase um minuto antes de continuar.

- Antes dos tiros ele estava chamando ela de puta, inútil, vadia bêbada, e ela estava dizendo coisas do tipo para ele também - ela sussurrou e olhou para Howard por um momento.

- Coisas más. Depois eu escutei o tiro e vi ele lá. Rindo, rindo de mim na verdade, como se aquilo fosse alguma brincadeira. Ele disse: 'Me traga uma pá. Você tem que enterrar sua mãe.'

Avery olhou para Howard com lágrimas nos olhos.

- E ele me fez fazer isso. Eu fiquei lá até anoitecer. Cavei toda a cova sozinha. Meus braços tremiam, minhas pernas estavam totalmente sujas. Eu pensei, de verdade, que ele iria atirar em mim e me jogar lá junto com ela. Estava muito assustada. Cada segundo durava uma eternidade. Já estava bem escuro quando eu terminei. Não havia nenhuma luz, só das estrelas. Ele me assistiu o tempo inteiro. 'Bom trabalho', falou quando eu terminei. E ele me tocou. Como já havia feito antes, mas dessa vez com mais força. Acho que ele pensou que agora que tinha tomado conta da minha mãe, agora poderia finalmente se aproveitar de *mim*.

Ela olhou para cima e respirou fundo.

- Foi quando eu saí - ela disse. – Na mesma noite eu fugi de casa. A polícia me encontrou e tentou me levar de volta. Eu contei pra eles. Contei tudo. Poucos meses depois, eu estava sob a tutela do estado e fui adotada por uma família. Você não vai querer saber sobre essa família. De certa forma foi até pior do que meu pai.

- Eu quero saber sim, Avery - ele sussurrou como um alcóolatra que quer só mais uma dose. – Eu quero.

Naquele momento, Avery viu o que ele realmente era: sua feiura, as feições enrugadas e o olhar demoníaco. Ele a fez lembrar da história da borboleta e do casulo. Ele era como a lagarta da história, ela se deu conta: uma criatura ímpar, que poderia se tornar em uma linda borboleta, mas nunca havia conseguido.

- Você me ajudou - ela disse, com sinceridade. – Na minha vida, no caso. Eu não vou mais voltar. Não preciso mais.

Howard inclinou-se para trás e devagar, de uma forma demoníaca, sorriu. Mas diferente das outras vezes, aquele era um sorriso fraco, que mostrava uma quebra na sua confiança, que mostrava que ele não tinha mais certeza.

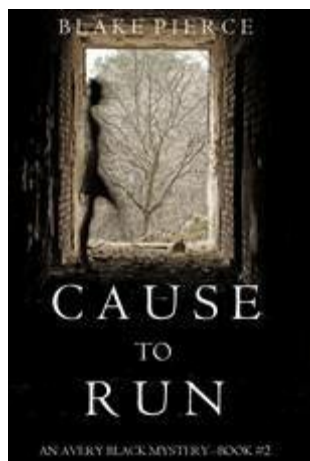
- Ah, você vai. – ele disse. – Vai sim.

Fora da prisão o céu estava escuro, o primeiro dia nublado em mais de uma semana. Desde o primeiro dia daquele caso, Avery pedia por dia de chuva, dias nublados que combinassem com seu humor. Agora, ela já não se importava.

Caminhando no estacionamento em direção a seu carro, Avery se sentiu mais leve do que nunca. Pela primeira vez em muito tempo, nada parecia importar. Na verdade, o ar fresco e as nuvens escuras faziam bem: o começo de algo novo.

Ela parou, sentiu a brisa gelada e, pela primeira vez em muito tempo, sentiu que tinha uma vida a sua frente.

JÁ DISPONÍVEL!!



RAZÃO PARA CORRER

(Um mistério de Avery Black —Livro 2)

“Uma história dinâmica que prende a atenção desde o primeiro capítulo e não te solta mais”

--Midwest Book Review, Diane Donovan (sobre Once Gone)

Do autor de suspenses número 1, Blake Pierce, a nova obra-prima do suspense psicológico.

Em RAZÃO PARA CORRER (Um Mistério de Avery Black – Livro 2), um novo assassino está aterrorizando Boston, matando suas vítimas de maneiras bizarras, desafiando a polícia com quebra-cabeças misteriosos com referências às estrelas. Com o tempo passando e a pressão aumentando, a Polícia de Boston é forçada a pedir a ajuda da mais brilhante – e controversa – detetive de homicídios: Avery Black.

Ainda se recuperando de seu último caso, Avery se vê contra uma delegacia rival e um assassino hábil e brilhante, que está sempre um passo à sua frente. Ela é forçada a entrar em sua mente escura e confusa a cada vez em que ele deixa pistas para o próximo assassinato, além de ter que buscar lugares em sua própria mente que ela não gostaria de visitar. Black é obrigada a procurar a ajuda de Howard Randall, o confuso assassino que ela havia libertado anos antes, tudo isso enquanto sua nova vida com Rose e Ramirez desmorona.

Quando parece que as coisas não podem piorar, ela descobre algo a mais: ela mesma pode ser o próximo alvo do assassino.

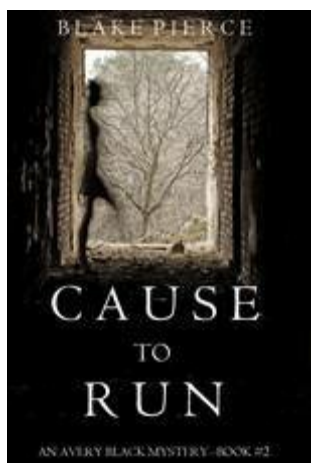
Em uma guerra psicológica de gato e rato, a corrida frenética contra o tempo leva Avery a uma série de reviravoltas chocantes e inesperados, chegando a um ponto que Avery não poderia imaginar.

Uma história psicológica obscura com um suspense perturbador, RAZÃO PARA CORRER é o livro 2 de uma nova série fascinante e de uma nova personagem amada, que o farão ler páginas e páginas noite adentro.

O livro 3 da série Avery Black estará disponível em breve.

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com um lado psicológico tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. A história é muito interessante e vai lhe entreter durante todo o livro. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)



RAZÃO PARA CORRER
(Um mistério de Avery Black - Livro 2)

Blake Pierce

Blake Pierce é autor do bestseller RILEY PAGE, série de mistérios, que inclui os suspenses SEM PISTAS. Blake Pierce também é o autor das séries de mistérios MACKENZIE WHITE e AVERY BLACK.

[SEM PISTAS](#), que tem mais de 100 avaliações de 5 estrelas, está disponível gratuitamente para download no Amazon!

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de mistério e suspense, Blake ama ouvir opiniões. Então, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e manter-se em contato.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE DE MISTÉRIOS RILEY PAGE
SEM PISTAS (Livro 1)

SÉRIE DE MISTÉRIOS MACKENZIE WHITE
ANTES QUE ELE MATE (Livro 1)

SÉRIE DE MISTÉRIOS AVERY BLACK
RAZÃO PARA MATAR (Livro 1)